CENTRO DE ESTUDOS GERAIS
INSTITUTO DE LETRAS
DOUTORADO EM LETRAS

Todos os Homens – nomes na Caverna: uma trilogia de sombras.

por

Jacqueline de Faria Barros

Niterói – 2007.

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

Jacqueline de Faria Barros

Todos os homens – nomes na Caverna: uma trilogia de sombras.

Tese apresentada como requisito para a obtenção do grau de Doutor do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense. Área de concentração: Literatura Comparada.

Orientadora: Prof. Doutora Maria Lúcia W. de Oliveira.

BANCA EXAMINADORA:

_____

Professora Doutora Maria Lúcia Wiltshire de Oliveira.
UFF

_____

Professor Doutor José Carlos Barcellos.
UFF

_____

Professor Doutor Rodrigo Guerizoli.
UFRJ

_____

Professora Doutora Sônia Monnerat.
UFF

_____

Professora Doutora Aparecida de Fátima Bueno.
USP

Suplentes: Maria do Amparo Tavares Maleval (UERJ).
Ida Maria Ferreira Alves (UFF).

Defendida a tese:_____.

Em:_____.

Nota:_____.

Niterói, 2007.

Pesquisa

A gaivota indeterminada mergulha na água
Verde. Há um tempo para o peixe
E um tempo para o pássaro
E dentro e fora do homem
Um tempo eterno de solidão.
Muitas vezes, fixando meu olhar no morto,
Vi espaços claros, bosques, igapós,
O sumidouro de um tempo subterrâneo
(Patético, mesmo às almas menos presentes)
Vi, como se vê de um avião,
Cidades conjugadas pelo sopro do homem,
A estrada amarela, rio barrento e torturado,
Tudo tempos de homem, vibrações de tempo, vertigens.

Senti o hálito do tempo doando melancolia
Aos que envelhecem no escuro das boîtes.
Vi máscaras tendidas para o copo e para o tempo,
Com uma tensão de nervos feridos
E corações espedaçados.
Se acordamos, e ainda não é madrugada,
Sentimos o invisível fender o silêncio,

Um tempo que se ergue ríspido na escuridão,
Cascos leves de cavalos cruzam a aurora.
O tempo goteja
Como o sangue.
Os cães discursam nos quintais, e o vento,
Grande cão infeliz,
Investe contra a sombra.

O tempo é audível; também se pode ouvir a eternidade.

(Paulo Mendes Campos)

Tudo fez Deus formoso no seu devido tempo; também pôs a eternidade no coração do homem, sem que este possa descobrir as obras que Deus fez desde o princípio até o fim[1].

Dedico este trabalho,
sem a pretensão de alcançar a verdade, mas, quem sabe,
uma verdade possível...

[1] Ecl .3:11.

A você, Pai, Filho e Espírito Santo: motivo,
impulso e
busca constante,

E

Aos homens que mais contribuíram para a minha formação intelectual: Professor Doutor José Carlos Barcellos, Rev. Caio Fábio de Araújo Filho e meu pai, Odenyr de Faria Barros (in memoriam). Homens preciosos que vivem (ou viveram) o Dasein de modo sobrenatural acreditando sempre no Bem em Substância.

Prefácio-agradecimento

Neste texto, procurei apresentar propostas que foram, com o tempo, se construindo e amadurecendo desde o início do Mestrado, mas, que, na verdade, se fizeram presentes em toda a minha vida acadêmica.

A Teologia e a Filosofia, por exemplo, são ciências que sempre me chamaram a atenção e, como curiosa que sou destes assuntos, aproveitei cada instante do Mestrado e cada uma das palavras ditas pelos grandes mestres e colaboradores, Professor Doutor José Carlos Barcellos e Professora Doutora Maria Helena Varela (*in memoriam),* músicos da grande orquestra do ensino! Ao deparar-me com as leituras por eles indicadas me vi, debalde, ilhada pela busca de um saber profundo e de um conhecimento que transcendia minhas aparentes possibilidades. Mesmo assim, insisti. E, como uma menininha ao aprender as primeiras letras do ABC, brigava com a ansiedade por descobrir mais um pouco do que desconhecia. Talvez, portanto, a premissa da pesquisa escolhida pareça, a primeira vista, incipiente, mas com seriedade, procurei adequar, uns aos outros, as idéias e os conceitos estudados, a fim de somá-los aos demais cursos freqüentados já no Doutorado.

Com o intuito de dar continuidade à dissertação, ousei permanecer nos escritos saramaguianos, desta vez, com alguns romances[2], o que exigiu leituras

[2] O *corpus* da dissertação de Mestrado, defendida em 2002 na UFF, foi o volume de contos da obra *Objecto Quase*, de José Saramago.

diversas sobre “problemas”, averiguações humanas, das quais outros interesses surgiam, obviamente, como conseqüências das reflexões que as próprias leituras produziam em minha mente levando-me a confrontações íntimas, às vezes indissolúveis. Somente através da escrita, pude antever aberturas possíveis à minha sede por respostas, respostas que não vieram, é certo, e que, insistentemente, cismam a caminhar pela existência, circunscrita à “espiral” da humanidade.

A respeito dos romances escolhidos, supus ser possível um viés entre o que José Saramago tanto reclama quando o assunto - e sempre este é o assunto de Saramago - é o homem (e suas invenções) com o que Santo Agostinho expõe sobre o Bem, o Sumo Bem, mesmo quando não é o óbvio que se toma da palavra, mas o que ao tanger não se permite ver ou ouvir, no entanto ali está.

Deste modo, este texto pretende contemplar a observação de três dos romances do Nobel de 1998, a saber, *Todos os nomes* (1997), *A Caverna* (2000) e *O Homem Duplicado* (2002)[3] - que não se dará, necessariamente, nesta ordem - sob o viés filosófico-teológico de Santo Agostinho, obras que mostraremos como uma trilogia pouco emoldurável, uma trilogia de sombras que refletem as dores do autor e as minhas próprias dores como observadora do mundo e do tempo do mundo.

Tenho consciência de que este não representa a verdade e nem, tampouco, se presta a espelhá-la, mas gostaria que fosse uma visão, ainda que singela,

---

[3] Doravante, as remissões aos romances se farão pela abreviação do título, em *pé de página*, seguida da página(s) referida(s). Exemplo: (AC, p. 192 ou HD, p. 34 ou TN, p. 76).

apropriada e relevante sobre o Mal numa composição baseada no contexto da pós-modernidade, onde o Bem cristão, defendido por Santo Agostinho como algo cuja substância, para o santo, é real, aparece, na verdade, fraturado no homem, ou seja, supõe-se em ausência neste tempo, a partir da exposição das aporias instauradas, por José Saramago, nos romances escolhidos.

Para tanto, tentei fazer jus aos conselhos da banca de qualificação, cujas propostas por mudanças e o incentivo à consulta de outros textos de extrema importância, foram sugestões decisivas para o encaminhamento deste trabalho assim como para o seu fechamento. Tais propostas partiram do Professor Doutor Rodrigo Guerizoli e do Professor Doutor José Carlos Barcellos.

Também gostaria de acrescentar meu desejo de alçar aos padrões da Universidade que, com tanto zelo, me abriga desde a graduação e na qual, reconheço, aprendi a buscar o que não sabia, aprendi a me frustrar quando pensava que sabia e aprendi a viver o que sabia, em alegria, sob suas bases.

Meu agradecimento se dirige a todos que direta ou indiretamente participaram desta tese. Aos irmãos de perto e de longe, aos meus amigos de perto e de longe, aos meus sobrinhos, principalmente ao meu fã, Kleber Marcelo, aos meus alunos todos, do ensino superior e do fundamental, alunos tão queridos e meus grandes incentivadores, aos meus primeiros professores, formadores de caráter e opiniões e ao homem, Rev. Caio Fábio de Araújo Filho, a quem sou extremamente grata e de quem, ainda que de longe - como fez aquela viúva, acometida por uma hemorragia, de anos, quando tocou a orla das vestes do Cristo – suguei vigor para os estudos e conhecimentos bíblicos consistentes.

Sou grata à mamãe, Dona Lucy, que me ajudou ficando com o Pedro, me sustentou em oração e em amor. Sou grata à querida professora “Vivi” que fez a tradução do resumo num dia de domingo; à amiga Nely, Professora Mestra em História, que me emprestou a biografia de Agostinho num momento em que eu não poderia comprá-la e, também, ao Sr. José Alencar, pelas palavras constantes de apoio. Agradeço ao Professor Mario César Lugarinho, hoje professor na USP, por ter me apresentado no Doutorado, com tanta propriedade, os escritos de Adorno; à Professora Doutora Laura Cavalcante Padilha pela poesia de suas aulas; à Professora Doutora Sônia Monerat pela alegria ao ministrar sobre Carlos Drummond de Andrade; à Deila Conceição Peres por me apresentar o prazer da escrita mesmo quando não me sentia capaz para tanto e, por fim, à Professora Doutora Maria Lúcia Wiltshire de Oliveira, figura rara e companheira compreensiva, minha orientadora incansável, pelas aulas sobre Saramago e pela leitura crítica da tese no término do processo.

Agradeço ao meu menino pequeno, Pedro Odenyr, meu filhinho dengoso, que me motivou a continuar com suas brincadeiras e com seus sorrisos , quando a vontade desmaiava sobre meus ombros e o tempo tornava-se cada vez mais escasso para estar com ele. E, ao meu menino grande, o meu esposo Celso, o meu melhor interlocutor, que além de me assistir na correção final do texto completo quando, no cansaço, já não conseguimos avistar os erros de ortografia, não me deixou sozinha apesar de ser quem sou (só ele sabe!). Obrigada pelo seu colo, sua paciência, seu dom... de me amar.

Minha gratidão também aos que já se foram...

À minha avó, Dona Bina, mãe de mamãe, a mulher mais forte que já conheci. Venceu a vida - digo assim porque chegou, lúcida e alegre, até seus últimos dias – com o pouco que conseguia fazer: a arte de cozinhar e a arte de ler a Bíblia, à noite, sem óculos, aos 84 anos. Aos meus ouvidos de menina, até chegar a adolescência, repetia sempre: “Não chore, minha filha. Você ainda terá muito sofrimento! Coloque o peito para frente e viva”. Vovó era sábia e agradeço a Deus por ter me concedido a honra de ter tido Dona Bina como minha vozinha amada.

Sou grata ao meu pai, Odenyr – homem de nome difícil de falar corretamente, de entender e de escrever. Lástima para alguns, mas para papai seu nome lhe era de valor ímpar tornando-se valoroso, também, para mim. A identidade de um homem simples, aparentemente duro com os filhos, mas de um coração ... singular. Na verdade, papai era uma “manteiga derretida”, principalmente quando via, através de nós - seus filhos - o resultado do Bem que praticava. Agradeço pelo privilégio de ter sido filha de Odenyr de Faria Barros, um homem íntegro que me ensinou o valor do trabalho, o valor que um filho tem e os valores importantes para se viver neste mundo.

Enfim, sou grata à instância maior, aquela que, acredito, construiu a idéia da tese por teimosia ou insistência e me deu sabedoria para realizá-la, acredito, a contento, mesmo sendo eu um ser descrente de ser um “reino”: à Providência divina.

Obrigada!!

SINOPSES

O Bem agostiniano como princípio para o consciente da História. A Palavra está no corpo mas a "aura", o Bem não é pós-moderno. No subconsciente e no inconsciente das narrativas saramaguianas está o Mal e leituras são possíveis. O espírito é a palavra e a palavra é o Bem.

Ou

O Bem em Santo Agostinho e a representação da ausência do Bem em José Saramago. O simulacro das não-verdades, o Mal e a pós-modenidade. Estudo dos romances O Homem Duplicado (2002), *Todos os Nomes* (1997) *e A Caverna* (2000).

SUMÁRIO – Prontuário

INTRODUÇÃO.

1 – O Consciente e o Subconsciente 18

1.1 - O Bem em Santo Agostinho 20

1.1.1 – O consciente 51
1.1.2 – A palavra na História e a história-palavra 78

1.2 - A ausência do Bem em José Saramago 93
1.2.1 – O subconsciente 119
1.2.2 – O Mal é pós-moderno? 126

2 – A Fantasia Analisada: o inconsciente..... 142

2.1 - Narrativas de reminiscência: leituras possíveis.....144
2.2 - O Homem Duplicado..... 177
2.3 - Todos os Nomes.....194
2.4 - A Caverna..... 214

3 – O corpo 227

4 – Os laudos 240

5 – O espírito 264

6 – As Marcas 273-276

Introdução:

Esta tese pretende a análise das obras de José Saramago, a saber: *Todos os Nomes* (1997), *A Caverna* (2000) e *O Homem Duplicado* (2002). A abordagem será feita a partir da concepção agostiniana do Bem.

Através de estudos relacionados à indústria Cultural de T. Adorno, a ausência do Bem e o nascimento do Mal serão interpretados como pontos

consideráveis na sociedade pós-moderna retratada nos romances do autor escolhido, José Saramago.

A intenção perpassa o intuito de mostrar que, com o auxílio do fantástico de Iréne Bessière, o narrador-autor apropria-se de "um novo modo de dizer" a respeito do simulacro que o ente humano se transformou nesta era, de acordo com as propostas apresentadas por Jean Baudrillard.

A contextualização dar-se-á com base nas aporias saramaguianas frente ao colapso da "aura-valor", ou seja, do Bem, no que se refere ao todo que cerca o ser humano e sua existência observando-se, para tanto, a visão heideggeriana do *Dasein* (proposta observada na dissertação de Mestrado da autora da tese).

No primeiro capítulo, teremos uma breve exposição a respeito de algumas obras de Santo Agostinho para uma necessária contextualização do sentido dado, pelo santo, tanto ao Bem como ao Mal. Há de se advertir, ao leitor, que as citações virão em rodapé, de um modo geral nesta ordem: autor, ano da edição e página.

Antes, contudo, faz-se necessário alguns esclarecimentos preliminares. Por que um sumário-prontuário ao invés de um sumário comum? O princípio gerador do contexto do sumário refere-se, objetivamente, ao ser do homem e a sua constituição física e psicológica. As proposições que se pretendem alcançar neste sumário, especificamente, têm, como um dos elementos condutores, a *Alegoria da Caverna* de Platão. Pensemos, então, nos prisioneiros desta caverna – numa referência à imagem da alma humana - a verem somente sombras do fogo

projetado, pois a caverna representa o nosso tempo, o mundo onde vivemos. Ao voltar-se para a luz, o homem intenta a elevação de seu espírito na direção do transcendente, ou seja, de um espaço e de um tempo cuja explicação objetiva torna-se incapaz de informar por si mesma, é indizível. Para tanto, o mito se faz presente como uma verdade possível que explica o que não se consegue concretizar através dos signos.

Como se fora registrado num prontuário "médico", o consciente revelará o que de imediato se deseja desta tese transmitindo alguns princípios abordados sobre a alma humana, tendo por base o pensamento agostiniano de "Bem"; em o subconsciente a intenção será a de responder às averiguações veladas do autor, José Saramago. Em, A fantasia analisada: o inconsciente, dar-se-á o conteúdo da interpretação, da autora deste trabalho, dos romances do escritor. Em o Corpo, o resultado final será apresentado como uma possível conclusão da tese e, nas respectivas partes restantes, os Laudos, o espírito e as marcas, veremos os anexos, a bibliografia geral e os resumos.

CAPÍTULO 1:

O Consciente e o Subconsciente.

Senhor, na miséria desta vida, o meu coração, agitado pelas palavras (...) anda profundamente inquieto. Por isso (...), a pobreza da inteligência humana manifesta-se na abundância de palavras, porque a investigação é mais loquaz no buscar do que no descobrir (...).[4]

[4] AGOSTINHO,1987, p.235.

1 - O Bem em Santo Agostinho:

> *Ó Adão, nós não te demos nenhum lugar determinado, nem uma fisionomia própria, nem dons particulares, para que teu lugar, tua fisionomia, os dons que vieres a desejar, tu os tenhas e os possuas de acordo com teus votos e segundo tua vontade. Para os outros, sua natureza definida é regida por leis que lhes foram prescritas; tu, tu não és limitado por nenhuma barreira, é de tua própria vontade, do poder que te dei, que tu determinas tua natureza. Eu te instalei no meio do mundo, para que examines mais comodamente tudo o que nele existe. Nós não te fizemos nem celeste, nem terrestre, nem mortal, nem imortal, a fim de que, senhor de ti mesmo e tendo a honra e a tarefa de modelar teu ser, tu te componhas da forma que preferires. Tu poderás degenerar em formas inferiores, que são animais, tu poderás, por decisão de teu espírito, ser regenerado em formas superiores, que são divinas.*[5]

No princípio era o Homem e o Homem estava com Deus porque fora Deus que o fizera. O Homem era bom porque era a imagem daquele que o criara. Mas, como fruto da inteligência do Deus, o homem não foi limitado em ser suas possibilidades pelo seu Oleiro. Ele teria suas próprias vontades, seu próprio poder, seu próprio reflexo, sua própria dor, por consciência e escolha, em ser para o Bem ou para o Mal.

Em acordo com o discurso teológico, o ser humano foi gerado a partir de Deus, tomando a filosofia agostiniana como ponto de partida. Em Santo Agostinho, a liberdade humana é privilegiada; para o filósofo e teólogo, o homem não pode ser cerceado por barreiras exteriores, do mesmo modo que o significado da História não pode ser fruto de ações individuais. O homem é e sabe que é. O

[5] BIGNOTTO, 1983, p.177.

homem morre e sabe que morre. Seu espelho interior o avisa, a todo momento, que o tempo existe, que a História existe (ainda que vertiginosamente desfigurada em simulacro de “verdades”), que existem as suas ações - as ações humanas - que podem implicar em valores ou em caos. E este tempo, somente este tempo (bendito ou maldito) lhe dará um sentido em Deus, ou no Todo, ou uma falta em termos de existência no mundo.

> *Com efeito, alguns admitem, de bom grado, que nenhuma Providência divina preside as coisas humanas. E, assim, abandonando ao destino sua alma e corpo, entregam-se a toda espécie de vícios que os golpeiam e despedaçam. Negando os julgamentos de Deus, e menosprezando os dos homens, crêem livrar-se dos que os acusam, apelando para a proteção da sorte. Acostumaram-se a representar essa sorte pintando-a como pessoa cega. Assim, pensam ter eles mesmos mais valor do que ela, pela qual se vêem governados. Ou, então, confessam partilhar sua cegueira, ao sentir e falar dessa maneira. Poder-se-ia, sem absurdo, conceder a tais pessoas que todas as suas atividades são uma seqüência de acasos, visto que caem em cada uma de suas ações.*
> *(...) Há outras pessoas que, sem ousar negar que a Providência de Deus governa a vida humana, preferem crer, (...) que essa Providência é (...) até mesmo má. (...) Não obstante, se todas essas pessoas se deixassem persuadir, pensando no melhor dos Seres, (...) creriam que a bondade, a justiça e o poder de Deus são bem maiores e mais elevados do que todas as concepções do próprio espírito. Caso se vissem obrigadas a considerar-se a si mesmas, entenderiam que deveriam render graças a Deus (...)*
> *Exclamariam elas, no mais íntimo de sua consciência: “(...) Senhor, tende piedade de mim; curai minha alma,(...)”(Sl 40,5). Essas pessoas seriam então conduzidas ao templo da sabedoria pelos caminhos seguros da misericórdia divina. E sem conceber orgulho algum por suas descobertas, nem perturbação alguma sobre o que lhes falta entender, tornar-se-iam, (...) aptas à contemplação. E reconhecendo sua ignorância, mais pacientes para tentar novas investigações.*[6]

[6] AGOSTINHO, 2004, p. 153 e p. 154.

Da coletividade, nasce o tempo atual, a contemporaneidade. E se este "mundo" - universo de tempos que caminha em marcha ré contra o fetiche do destino humano, ou seja, desejando a não-morte e embriagado pela dor dos poetas - tem ainda algum sentido, não o sabemos. A falta, ao contrário do sentido, evidencia-se nos olhares que se cruzam em sinais de trânsito, em mãos que trabalham, sem descanso, sem perspectiva e sem alegria nas grandes indústrias e nas pequenas fábricas, no padrão estabelecido pelas circunstâncias e no giz que desliza em números, letras ou nomes pelo quadro-negro de uma escola ou de uma igreja qualquer, em sorrisos frágeis que se mostram em encontros de amigos, mendigos, poetas ou prostitutas, nos raros abraços dos pais nos filhos, enquanto educam, quando educam, e nas palavras de ódio entre casais de tantos tipos... Evidencia-se na violência dos jogos eletrônicos, ministrando o assassinato e o suicídio às crianças, e até em livros didáticos com métodos de alfabetização voltados para a piada grosseira e a ironia. A falta está na televisão, que mesmo indicando a faixa etária, incentiva, até nos comerciais, o "ilhamento" e o desprezo pelo "outro". A falta constitui-se na perda de valores ou em sua banalização. É a revelação de uma ausência irreverente quer óbvia ou sutil. Constitui-se, enfim, na ausência daquilo que Agostinho denominou de Bem.

> *No entanto, o mal não tem existência própria a não ser quando confrontado com aquilo que realmente faz parte de todas as ações humanas, com aquilo que é o objetivo de toda atividade: o bem.*[7]

[7] CHALITA, 2000, p. 51.

A partir deste momento do trabalho, chamaremos, à pauta, como princípio de investigação, o Bem agostiniano. O Bem que o santo determinou eterno e imutável, que é o próprio Deus ou a encarnação simbólica da verdade; ou o Bem que, na cética ontologia saramaguiana, surgirá como um elemento esvaziado de seu sentido. A "invocação" far-se-á pelo Bem que, na pós-modernidade, habita a era das não-verdades, a era hiper-real, ou seja, o Bem descaracterizado de sua essência e que, deste modo, representa, nas narrativas escolhidas para análise, a materialização persistente e perseverante do nada ou a tradução de um vazio: o vazio da morte.

Veremos que o Bem retratado como real e revelado como essência, no homem só o é desta forma retratado e visto pelo filósofo e teólogo Agostinho. O padre, para tanto, baseia-se em três princípios básicos, relatados em *A Natureza do Bem*, a saber, o modo, a espécie e a ordem[8]. Tais princípios representam e compõem a face do Criador, a face daquele que é em plenitude e perfeição. Do mesmo modo, no próximo capítulo observaremos, na ontologia[9] saramaguiana, que o Bem aparece, como já mencionado, invertido em ausência, transmutado em "mal-ser".

Há de ser invocado, neste momento de produção da escrita, portanto, o Bem defendido por Santo Agostinho e o objetivo da evocação será, em linhas

---

[8] No capítulo 2, tais princípios serão melhor pormenorizados.

[9] Ontologia diz respeito à existência humana sobre a terra. De acordo com a filosofia heideggeriana, a morte, por exemplo, é uma questão problemática especificamente ontológica (outros esclarecimentos virão *a posteriori*).

gerais, o de tentar descortiná-lo nesse tempo da pós-modernidade, a fim de observar se habita o hiper-real[10] ou irreal, ou se perfaz o seu ser, a sua essência, no vazio ou na morte[11]. Em segundo lugar, procuraremos pesquisar o Bem revelado por Santo Agostinho para que, finalmente, a sua falta, em Saramago, seja observada.

Não há pretensões, aqui, de se definir o Bem em todos os aspectos que tal palavra possa se referir, pois na qualificação de sua essência, o Bem pode ser objetivo ou subjetivo, fazer referência à moral, ser um valor ou um princípio metafísico. O que nos importa averiguar, aqui, contudo, é o Bem agostiniano. A meta é o Bem cristão.

> *Que maior monstruosidade do que afirmar que as coisas se tornariam melhores com perder todo o bem?*
> *Por isso, se são privadas de todo o bem, deixarão totalmente de existir. Logo, enquanto existem, são boas. Portanto, todas as coisas que existem são boas, e aquele mau que eu procurava não é uma substância, pois se fosse substância, seria um bem. Na verdade, ou seria substância incorruptível, e então era certamente um grande bem, ou seria substância corruptível, e, nesse caso, se não fosse boa, não se poderia corromper. (...)*
> *Em absoluto, o mal não existe nem para Vós, nem para as vossas criaturas, pois nenhuma coisa há fora de Vós que se revolte ou que desmanche a ordem que lhe estabelecestes (...)*
> *Procurei o que era a maldade e não encontrei uma substância, mas sim uma perversão da vontade desviada da substância suprema (...).*[12]

---

[10] *A própria definição do real é: aquilo de que é possível fornecer uma reprodução equivalente.(...) o real é não apenas o que pode ser reproduzido, mas também o que está sempre já reproduzido.(...) O hiper-realismo é o cúmulo da arte e o cúmulo do real por troca respectiva, ao nível do simulacro, dos privilégios e dos preconceitos que os fundam. O hiper-real só está além da representação porque está todo inteiro na simulação*. In: BAUDRILLARD, 1976, p.127.

[11] *A morte nunca se deve entender como o acontecimento real de um sujeito ou de um corpo, mas como uma forma (...) onde se perde a determinação do sujeito e do valor*. In: BAUDRILLARD, 1976, p.15.

[12] AGOSTINHO, 1987, p. 118 e p. 120.

Baseado no fundamento religioso, Santo Agostinho consagra o Bem como a figura da eternidade. É notório que a questão do Bem e do Mal sempre foi decisiva como fundamento ético ao ser humano. Metafisicamente, podemos estabelecer questões recorrentes e importantes como: “O que é bom?”, “O homem pode, de fato, decidir entre o Bem e o Mal?”, “Ou há uma outra pessoa ou poder que o decida?” Adão e Eva, símbolos do mito criacionista, sintetizam, na primeira página da Bíblia, livro considerado sagrado pelo universo cristão, o ideário e a concepção divina do ente humano. Deus, no relato, oferece, a ambos, frutos de todas as árvores do Paraíso com exceção da árvore do “conhecimento do bem e do mal”. E, de acordo com o livro, não foi exatamente a *de-cisão*[13] de provar desta árvore que causou o desvio, a separação dos filhos de seu Pai?

> *A Vós, pois, Senhor, sou manifesto tal qual sou. E vos tenho dito com que fruto a Vós me confesso. Por quanto não faço isto com palavras e vozes da carne, mas com palavras da alma, e com o clamor do pensamento, que vossos ouvidos ouvem. Porque como eu sou mau, não é outra coisa confessar-me a Vós, do que descontentar-me a mim. (...) porque Vós, Senhor, bendizeis o justo. Mas primeiro, de mau o fazeis bom*.[14]

---

[13] *A palavra alemã é um derivado do verbo schliessen que significa fechar, trancar. O prefixo ent acrescenta a idéia de um movimento em sentido contrário e daí o significado de destrancar, abrir. Uma das modalidades de exercício da pre-sença é o destrancar-se e abrir-se para... que, no tocante à dinâmica de si-mesma, designa a experiência de determinação, resolução. Para exprimir toda essa envergadura de sentido, a tradução se valeu do processo semelhante designado pela palavra de-cidir, de-cisão cujo sentido primordial se constrói em torno do movimento de arrancar, separar (scindere)*. O texto citado é uma nota da tradução. In: HEIDEGGER, 1986, p. 259.

[14] AGOSTINHO, 1987, p. 171.

Para além das “gavetas” da tradição cristã ou do platonismo revisitado, Santo Agostinho converte sua relação pessoal com o Absoluto, principalmente em sua obra *Confissões*, num tratado existencialista, e não doutrinário, em busca do Bem eterno e da verdade, que, indubitavelmente, figuravam uma busca desde os tempos em que permaneceu ao lado dos maniqueus.

> *Uma vez percebido o caminho para a Sabedoria como uma busca, Agostinho foi levado a se indagar de que maneira tal busca poderia ser empreendida. Os acadêmicos lhe haviam parecido negar que a mente humana pudesse jamais atingir a verdade. Agostinho nunca adotou com entusiasmo essa visão radical. A alternativa que continuou a considerar durante todo esse período lhe era mais natural: a de que os homens poderiam usar uma “autoridade” para apontar o caminho da verdade.*[15]

Dos escritos de Plotino, grego-egípcio inteiramente intuitivo em seus discursos e um dos escritores neoplatônicos dos mais difíceis do mundo antigo, para a compreensão, Agostinho surpreendeu-se com o tema da beleza, tratado por Plotino, sobre o qual, sete anos antes, ele mesmo, escrevera.

Através de uma reflexão bastante simples, porém profunda, Plotino afirma que o belo se sustém sob a categoria do transcendente:

> *(...) Que atrai o olhar daqueles a quem se apresenta algo de belo(...)? Quase todos declaram que a simetria das partes entre si e em relação a um todo (...) constitui a beleza reconhecida pelo olhar, e que, nas coisas visíveis, como a rigor em tudo o mais, universalmente, o belo é essencialmente simétrico, padronizado. Mas refleti sobre o que isso significa. (...) Todo o encanto das cores e até da luz do Sol, sendo desprovido de partes e, portanto,*

[15] BROWN, 2005, p. 96.

> *não belo segundo a simetria, deve ser excluído desse reino da beleza. E como vem o ouro a ser algo de belo? E o relâmpago noturno e as estrelas, por que são tão belos?*
> *Ademais, já que o rosto de simetria constante ora se afigura belo, ora não, podemos nós duvidar de que a beleza é algo mais que a simetria, e de que a própria simetria deve sua beleza a um princípio mais remoto?*[16]

Plotino acreditava num mundo para além das percepções terrenas, um universo extramundano de onde provinham os sentidos todos e que concedia às coisas materiais uma beleza, uma verdade, uma "aura" que, por si mesmas, não poderiam ter. Esta visão era a visão platônica do mundo ao qual Agostinho aderiu, depois da doutrina neoplatônica de Plotino de "voltar-se para dentro", crendo que a alma, assim como todo o mundo físico, sofria, também, de um esvaziamento porque era "caída" e por ser "caída" perdera a ligação com o imutável (com a, verdadeira, beleza) buscando alcançá-lo nas coisas materiais já que não via mais, em si mesma, este imutável.

A visão do Mal, em Plotino, revolucionou posteriormente as reflexões agostinianas. Plotino afirmava que o Mal não se sustentava sozinho e que prefigurava *apenas uma guinada para a separação: sua própria existência presumia a existência de uma ordem que era desdenhada, mas continuava (...) provida de sentido.*[17] Peter Brown, descrevendo a concepção de Plotino sobre o universo, em sua biografia a respeito de Santo Agostinho, expõe que:

---

16 BROWN, 2005, p. 114.
17 BROWN, 2005, p. 117.

> *O sentimento pungente de que o homem comum, preso ao mundo óbvio dos sentidos, move-se na penumbra e de que o saber que ele afirma possuir é meramente o estado obscuro e derradeiro de uma progressão inelutável de estágios decadentes de consciência é a marca da visão plotiniana do universo. (...) Instintivamente, porém, cada estágio procura completar-se, "tocando" em seu superior, fonte alheia mas aparentada de sua própria consciência. Assim, a difusão exteriorizante do Um coincide com um esforço contínuo de todas as partes para "retornar" à fonte de sua consciência. Esse esforço de completude é o que vínculo diretamente o Um a cada manifestação de Sua intensidade e, sobretudo para Plotino e seu discípulo Agostinho, à mente humana que anseia por se completar.*[18]

Agostinho, assim, encantou-se pela defesa dessa idéia de beleza de Plotino que privilegiava não a questão pura e simplesmente do belo, mas o fundamento da verdade, a verdade imutável, a verdade que é Deus. Em sua obra, *Confissões*, Agostinho declara:

> *Pois eu me indagava como podia apreciar a beleza nas coisas materiais (...) e o que é que me tornava capaz de formular julgamentos corretos sobre as coisas mutáveis, dizendo que isto devia ser assim, aquilo não devia ser assim. Perguntava-me como podia ser capaz de julgá-las dessa maneira, e assim percebi que, acima de minha inteligência sujeita à mudança, havia a imutável e verdadeira eternidade da verdade. (...)*
> *O poder da razão, ao perceber que também em mim era passível de mudança, levou-me a considerar a fonte de seu próprio entendimento. Afastou-me o pensamento de suas cogitações habituais (...), para desvendar qual era a luz que o esclarecia quando proclamava, sem a menor sombra de dúvida, que o imutável era superior ao passível de mudança, e de onde provinha seu conhecimento do próprio imutável. Pois a menos que de algum modo conhecesse o imutável, não poderia estar seguro de*

[18] BROWN, 2005, p. 116.

> *ser este preferível ao mutável. E foi assim que, num instante de assombro, minha mente logrou a visão do Deus que é.*[19]

Mas a conversão de Santo Agostinho, aquela que consideraremos como a definitiva, aquela que lhe transformou radicalmente a existência levando-o em direção ao Cristo, só aconteceu algum tempo depois, ao conhecer Ponticiano, um compatriota africano e de extrema devoção, em visita a Milão que, ao relatar sobre os monges do Egito e sobre seu fundador, Santo Antônio, acendeu, em Agostinho, como ele mesmo afirma, algo como um *tumulto que lhe agitava o peito*[20].

> *Deixei-me cair sob uma figueira e dei vazão às lágrimas que se me prorrompiam dos olhos, num sacrifício que Vos era aceitável. (...) Sentia-me ainda cativo de minhas iniqüidades e (...) clamava: "Por quanto tempo hei de continuar a dizer: amanhã, amanhã? (...)"*
> *Formulava a mim mesmo essas perguntas, sempre pranteando a mais amarga dor no coração, quando, de repente, ouvi o cantarolar de uma voz de criança numa casa próxima. (...) ela repetia vez após outra o refrão: "Toma e lê, toma e lê." (...) Refreei o jorrar das lágrimas e me levantei, dizendo a mim mesmo que isso só poderia ser uma ordem divina, que me mandava abrir o livro das Escrituras e ler o primeiro trecho em que meus olhos pousassem. (...)*
> *Agarrei-o, abri-o e li, em silêncio, o primeiro trecho em que pus os olhos: "Não caminheis em glutonarias e embriaguez, nem na lascívia e nas dissoluções, nem em contendas e rivalidades, mas muni-vos do Senhor Jesus Cristo, e não mais penseis na carne e nos apetites da natureza." (...) Num instante, mal cheguei ao fim dessas frases, foi como se a luz da confiança me inundasse o coração e todas as trevas da dúvida se dissipassem.*
> *(...) De tal forma me converteste a Vós, que não mais desejei uma esposa nem depositei esperança alguma neste mundo, mas*

---

19 AGOSTINHO, 1987, p. 114.
20 AGOSTINHO, 1987, p. 142.

> *permaneci firme na regra de fé conforme, muitos anos antes, Vós havíeis mostrado a minha mãe em sonho.*[21]

Cabe, então, neste ponto, afirmar que *Confissões* é, de fato, a obra que mais coloca em pauta a vida do filósofo onde, a partir de si mesmo e de seus próprios contrastes, destaca o ser em conflito, o ente humano tentando se situar entre o equilíbrio e a busca da fé, entre o possível e o inimaginável, entre a dor e o gozo, entre o inaudito e o óbvio. Agostinho louva ao Deus que o recebeu, apesar de suas fraquezas humanas, apesar do Mal que faz. O Bem, que há em sua existência, deste modo, é inteiramente fruto da vontade e da graça deste Deus que, para o santo, é a verdade do Cristo. E o evangelho do Cristo é o único, para Agostinho, que proporcionaria o confrontamento do ente humano com que ele realmente é, ou seja, o evangelho do Cristo é uma possibilidade de reconhecimento do ser quando este ser, de fato, deseja a verdade sem escapismos.

> *Entrei, sob tua guia, no meu interior... Entrei e vi com os olhos da alma, quaisquer que fossem eles, e vi acima deles e acima de minha inteligência uma luz imutável.*[22]

A morte, não a hiper-real decretada, hoje, por Jean Baudrillard como mote a fim de estabelecer um modo para a demonstração da perda de valor, mas a morte, em espírito, é tema transversal e mistério, desvelado somente no

---

21 AGOSTINHO, 1987, p.143 e p. 144.

22 AGOSTINHO,1987, p. 117.

sacrifício do Cristo pela humanidade “caída”, segundo Santo Agostinho. A certeza de ser finito conduz sua escritura ao âmbito do congênito, do definitivo, ou seja, ser finito é uma certeza clara na mente do homem Agostinho, uma certeza tão absoluta que toma a forma de “doença incurável”.

A “verdade incorpórea”, verdade neoplatônica porque plantada num mundo abstrato e espiritual, onde o mito e a efabulação encontram-se suspensos, é o que objetiva compor em meio às trevas de sua alma, como se a verdade fosse um nó górdio, a corrente a prender o encarcerado e, como um Jonas, mesmo que envolvido pelos ácidos estomacais do corpo de baleia, ainda assim ouvisse a respiração divina a lhe soprar certezas.

> *O que poderá fazer o infeliz homem? Quem o livrará deste corpo que pertence à morte? Graças sejam dadas a Deus por Jesus Cristo, Nosso Senhor.*[23]

É a verdade loquaz que rege o escritor e que, transposta pela verdade de Deus, na pessoa do Cristo, coloca o ente humano em movimento para frente, redimensiona o homem para um viver e um morrer não mais compelido a um espaço existencial de convicção de um fim degenerativo, mas a um espaço de convicção de uma imutabilidade *ad infinitum*, porque só o Bem, para o santo, tem substância e o Bem é o próprio Deus.

---

[23] Rm.7: 24.

> *Como possuía pouca humildade, não compreendia que Jesus, o meu Deus, fosse humilde, (...) Com efeito, o vosso Verbo, Verdade eterna, exaltado sobre as criaturas mais sublimes, ergue até si os que se lhe sujeitam.*[24]

Do mesmo modo, em *A Trindade*, o objeto é a verdade. Atingir a verdade de Deus é o propósito perseguido pelo santo e, mais uma vez, o teólogo apresenta justificativas baseadas na fé bíblica de que no Deus cristão, trino e uno ao mesmo tempo, não mora a contradição.

Santo Agostinho aponta para uma luz (a luz da fé) que somente os crentes podem vislumbrar. Ainda assim, seu tratado instaura a voz de uma razão à procura de esclarecimentos e ávida pela pesquisa, pela investigação, contudo inteiramente submissa aos mistérios divinos cujo saber humano, por mais profundo que seja, não consegue conceber todas as respostas. Santo Agostinho se vê um ser humano, com todas as mazelas e problemáticas de qualquer outro. Por isso, não se arvora em considerar-se conhecedor da verdade de Deus. A luz que acende a caverna do espírito humano é a luz que se perfaz no Verbo, na pessoa do Cristo - encarnação do Bem para a justificação do homem sem lar, em desvio, desconectado de seu Pai – a luz da qual, em Agostinho, todos carecem.

> *Deus é bom na visão em que aparecerá aos puros de coração (...). Quando, porém, os maus virem o Juiz, não lhes parecerá bom, porque na sua presença não estarão de coração alegre,(...). (...) a vida eterna consiste naquela contemplação em que se vê a Deus, não para castigo, mas para o gozo eterno. Mas como ignorasse com quem estava falando (...) a visão desta forma não será um bem para os que fazem o mal.*

[24] AGOSTINHO, 1987, p. 121 e p. 122.

Esse único Deus é, pois, o único bom (...).[25]

O mistério insondável é o mistério da encarnação de Deus no Filho que vem à Terra para morrer, e morrer sozinho. O Pai e o Espírito Santo, que são um com ele – o Cristo -, em acordo com o relato bíblico, no momento da crucificação colocam-se de costas para que o sofrimento fosse completo e solitário. O Filho morre por doação do Pai à sua criação: doação voluntária do amor de Deus ao homem. A encarnação consiste, portanto, em um mistério que está intimamente ligado ao mistério da imortalidade do espírito, fruto da ação e da práxis, de acordo com Santo Agostinho, ou seja, do agir do Espírito Santo no homem, Espírito que permanece na Terra como o espírito da consolação, quando o Cristo volta ao Pai.

O homem não nasceu para morrer, ou seja, a morte não lhe é algo natural, mas lhe foi imputada como conseqüência do desvio original. A possibilidade do resgate da imortalidade perdida, da eternidade, só retorna ao homem – ser da corrupção, que vive para a corrupção – pelo amor (o dom supremo) ou pela fé no transcendente (no Deus que se fez Filho para ser imolado, o mesmo Deus Espírito Santo, consolador do coração humano, aquele que também é o Deus Pai, Senhor e criador de todas as coisas).

Em *Trindade,* Agostinho mostra como a morte do Filho trouxe restauração à vida humana.

A morte de Cristo na carne é o modelo da morte de nosso homem exterior, pois tendo em vista essa morte, exortou seus servos a

[25] AGOSTINHO, 2005, p. 65 e p. 66.

> *não temerem os que matam o corpo, mas não podem matar a alma (Mt 10, 28). Por isso, diz o Apóstolo: "Completo na minha carne o que falta das tribulações de Cristo" (Cl 1, 24). E ao modelo da ressurreição de nosso homem interior relaciona-se a ressurreição do corpo de Cristo, (...).*[26]

E reafirma, através do corpo ressurreto do Cristo a possibilidade do modelo de ressurreição humana quando cita João 20:

> *Com efeito, por que diz ele primeiramente: "Não me toques, pois ainda não subi ao Pai" (Jo 20,17), e se deixa tocar pelos discípulos antes de subir ao Pai, senão porque na primeira vez insinuava-se o sacramento do homem interior e depois se apresentava o modelo do homem exterior? (...).*
> *Tendo em vista esse modelo de nossa futura ressurreição no corpo, na qual Cristo nos precedeu (...).*[27]

Assim, pela crucificação de um homem, como diz o santo, sem pecado, houve a salvação de muitos. Salvação terrena, para a liberdade e para uma paz em plenitude, ainda que impossível de se transmitir ou explicar em palavras, a um humano fraco e pecador e uma salvação para um céu, ao qual Agostinho chamará de eternidade, onde o corpo do pecado já não será mais do pecado mas, sim, o corpo cujo modelo de homem interior fora sacramentado pelo próprio Cristo.

> *(...) a única morte de nosso Salvador serviu de remédio para as nossas duas mortes. E sua única ressurreição garantiu-nos as duas ressurreições, pois seu corpo em ambas as realidades, ou seja, na morte e na ressurreição, foi apresentado como o remédio adequado ao sacramento do nosso homem interior e ao modelo do homem exterior.*[28]

---

26 AGOSTINHO, 2004, p. 65.
27 AGOSTINHO, 2005, p. 66.
28 AGOSTINHO, 2005, p.154 e p. 155.

O Cristo, em Agostinho, é o Sumo Bem, o redentor, vivo no espírito e verdadeiro mediador da vida em contraposição àquilo que o santo chama de demônio, ou sedutor, o mediador do engano, a figura da morte , a grande e terrível sombra no espírito humano, cuja força fora reduzida no momento da morte real e corporal do Messias assim como no momento de sua ressurreição.

> *O demônio era portador da morte espiritual pela sua integridade, mas ele mesmo não passara pela morte do corpo por dele carecer. E porque não chegara ao cimo do monte até onde conduzira Cristo, o homem considera grande o príncipe das legiões demoníacas, por meio das quais exerce o reinado dos embustes. Assim, mantém ele o homem dominado pela inchação do orgulho, mais ávido de poder do que de justiça, ora enfatuando-o com uma falsa filosofia; ora enredando-o em cultos sacrílegos, (...)*[29]

A Ciência divina é infinitamente superior, para Agostinho, em relação ao estreito e limitado conhecimento humano e, sobre a natureza do gênero humano e sua alma sedenta, o santo afirma:

> *É mais digna de louvor a alma que tem consciência de sua debilidade do que aquela que não a tendo esquadrinha o curso dos astros com afã de novos conhecimentos; e mesmo no caso de os conhecer, ignora qual o caminho da salvação e da verdadeira segurança. Aquele, porém, que inflamado pelo calor do Espírito Santo, já despertou para Deus e reconheceu no amor divino sua própria vileza, desejando encontrar o caminho para ele, e não podendo, reflete sobre si mesmo sob as divinas luzes, encontra-se a si mesmo e percebe que a própria debilidade não pode ser comparada à pureza de Deus. Por isso considera-se feliz ao*

[29] AGOSTINHO, 2005, p.163.

> *chorar e suplicar ao Senhor que dele se compadeça mais e mais até conseguir despoja-lo de toda miséria. E ora com confiança, após receber gratuitamente o penhor da salvação mediante o único salvador e iluminador dos homens. Ao que assim procede e chora, a ciência não incha, porque a caridade edifica (1Cor. 8,1). (...) preferiu conhecer sua própria limitação a conhecer as barreiras do mundo, os fundamentos da terra e o cimo dos céus. Entregando-se a essa Ciência, foi dominado pela (...) nostalgia do peregrino com ânsias de chegar à sua pátria para junto de seu bendito Criador e Deus.*[30]

Assim, Agostinho pede ao seu Deus que seus escritos filosóficos não sejam fábulas carnais e inventivas, mas que sejam o espelho da verdade, daquela que é a única que não muda nunca, a verdade de Deus, como vemos no fragmento abaixo:

> *(...) eis o que peço ao Deus do meu coração: não permita que (...) nenhuma de minhas fantasias substitua a certeza e a sólida verdade. (...) Assim, a aura da sua verdade se derrame sobre mim (...) Enquanto me é lícito quero beber dessa Verdade na qual nada vejo de imutável, nem quanto ao espaço nem quanto ao tempo, como acontece com os corpos, (...) como acontece com os pensamentos de nossa mente, (...) como são os raciocínios de nossa inteligência.*[31]

Retornando aos escritos de conversão, *Confissões*, Santo Agostinho conclama os escritos bíblicos como “venerável escrita do Vosso Espírito” no qual anseia lançar-se como menino ávido de curiosidade e encantamento pelo desconhecido, como se fosse o grande momento, o instante do êxtase à espera de ver o mar. Assume, no entanto, a todo tempo, sua inteira desqualificação ao

---

30 AGOSTINHO, 2005, p.145 e 146.

31 AGOSTINHO, 2005, p. 146.

projeto divino traduzindo, em sua própria pessoa, o homem comum. Santo Agostinho coloca-se, neste caminhar à verdade divina, como um ente perecível, insensível e cego, reconhecendo-se incapaz de constituir-se sujeito no tempo, sem o seu Deus.

> *Repelido em meu esforço, senti que as trevas de minha alma não me permitiam contemplar: experimentei a certeza de sua existência e infinitude sem contudo estender-vos pelos espaços finitos e infinitos. Sabia que éreis verdadeiramente Aquele que sempre permanece o mesmo, sem Vos transformardes em outro (...) Sabia que todas as outras coisas provém de Vós, pelo motivo único e segurríssimo de existirem. Sim, tinha a certeza disso. Porém, era demasiado fraco para gozar de Vós!* [32]

Sua assumida incapacidade de contemplação advém de seu ser pecador, de sua natureza frágil, propensa ao desvio, ao medo, às dúvidas, ao desconcerto; de sua "Natureza de Adão", que não mais encontra seu lugar no mundo, sua casa. Dessa perecibilidade humana, conseqüentemente, reverberá um sentimento de fragmentação e de distanciamento do todo, uma dissociação intrínseca moldada pela certeza da impossibilidade de ser eterno. O ser humano é e sabe que é na duração da finitude do tempo, ou seja, o ser humano tem a consciência e a convicção de que acaba. E esta certeza corrói sua alma e absorve seu espírito em ansiedade e angústia objetivas, pois há um despreparo natural ao ente humano, afirma Agostinho, em viver o gozo da existência por conta, naturalmente, da escolha feita por seus pais no paraíso.

---

[32] AGOSTINHO, 1987, p.123.

> *Com a plenitude da vossa Bondade subsistem as criaturas. O bem – embora inútil para Vós e que de modo algum se pode igualar convosco, ainda que provenha de Vós – não deixará de existir.*
> *(...) Que tinham merecido essas naturezas de ordem espiritual e corpórea que criastes segundo a vossa Sabedoria? Que me digam o que elas mereceram para receber de Vós, cada uma na sua espécie espiritual ou corporal, esse ser, mesmo imperfeito, informe e caminhando para a dissolução e para longe da vossa imagem!*
> *Um ser espiritual, ainda que informe, vale mais do que qualquer corpo material organizado. Por sua vez, o ser material, ainda que informe, é preferível ao puro nada. Assim, essas criaturas dependiam do vosso Verbo, e ficariam informes, se Ele mesmo não as tivesse chamado à vossa Unidade e lhes não desse uma forma, de tal modo que todas Vos ficaram devendo o serem muito boas, ó único e sumo Bem.(...)*
> *Na verdade, nós, que, pela alma, somos criaturas espirituais, afastados outrora de Vós – nossa luz – fomos trevas, nessa vida (Ef 5,8). E por entre os restos da nossa escuridão, lutamos até que nos tornemos vossa justiça* (...) [33]

Sabendo-se fraco, perecível, o homem cambaleia no desígnio de ser. Mesmo crendo na imortalidade do espírito, o escritor, como homem que nasceu do pecado e como homem comum, vê a matéria que lhe cabe, neste tempo, como a matéria única e dimensionada para a Terra e seus propósitos.

Apesar do ente humano sentir sede de Deus, para o filósofo, ele agoniza na improbidade e na impossibilidade de não ser, em plenitude, ou de ser pela metade por saber, em consciência, que todo ser vivente morre. Ao choro diante do Absoluto e da misericórdia divina, não se pode comparar, para Agostinho, o saber das ciências. Este “conhecimento” seria castigo e dor perto daquele.

---

[33] AGOSTINHO, 1987, p. 260.

> *Ora, assim como sois o Ser absoluto, assim também sois o único que possui a verdadeira ciência.*
> *Vós sois imutável na vossa existência; imutável a vossa sabedoria; imutável na vossa vontade. A vossa essência sabe e quer imutavelmente; a vossa sabedoria é e quer imutavelmente; a vossa vontade imutavelmente é e sabe. Nem parece justo aos vossos olhos que o ser mutável e por Vós iluminado conheça a luz imutável como ela se conhece a si própria. Por isso "a minha alma é, aos vossos olhos, como terra ressequida sem água (Sl 142,6), porque assim como ela se não pode iluminar por si mesma, assim também, por virtude própria, se não pode saciar. "Em Vós jorra a fonte da vida, e na vossa Luz veremos a luz(Sl 35,10) ."*[34]

Certamente, a insensibilidade humana, de acordo com o santo, castra a possibilidade de acesso ao verdadeiro conhecimento, ao genuíno saber que compreende o arrependimento e a confissão, porque anula o homem para o Bem e o Bem é a verdade nos escritos deste autor, e só a verdade oferece a sabedoria. Através da insensibilidade ou da arrogância, o homem produz para si o distanciamento da consciência de ser filho, ou seja, é um órfão, um desterrado, vive nas sombras da incerteza, da insegurança e da angústia que a "mundaneidade" lhe oferece porque destituído da graça da verdade. É um arrogante, oco, cuja caverna íntima só atrai escuridão e engano.

> *Tagarelava e enchia minha boca como um sabichão, mas se não buscasse o caminho para Vós em Cristo (...) seria apenas um perituro – um ser que perece – e não um perito. (...) cheio de meu castigo começava a desejar parecer um sábio; não chorava e, além disso, inflava-me com a ciência.*[35]

---

34 AGOSTINHO, 1987, p. 269.
35 AGOSTINHO, 1987, p. 124.

O homem insensível é mau no agir, impróprio ao convívio com seus semelhantes e desprovido do mover da caridade. Com a defesa desta idéia, Agostinho desestabiliza o ensinamento clerical atestando que, sem o amor, o ensino se torna um buraco, sem fundo, um grande vazio. O ente humano, assim, não pode dizer que segue o Cristo, “alicerce da humildade”.

Sem amor, o homem não sabe distinguir ou observar a diferença entre viver para morrer e morrer para ser eterno na “pátria bem-aventurada”. Uma máscara o encobre e ele se torna um cego. Sua cegueira advém do projeto “compra e venda”, é fruto da ganância no ímpeto de ter cada vez mais e ser cada vez menos... humano, buscando sempre sua morada na terra e nas coisas que vê, buscando, na verdade, sua falta, ou melhor, aquilo que lhe desconstrói como ente humano e faz a razão ser cada vez mais próxima do “deixar de ser”. E o Cristo crucificado, em Agostinho, representa a figura da humanidade banida sendo trazida de volta pela arca da nova aliança através da ressurreição; um novo arco-íris se desenha nos céus: a lagarta abre-se em borboleta em “amor doação” do Pai, do Filho e do Espírito Santo para com o filho perdido.

> *Depois, quando em Vossos livros encontrasse então a paz de espírito e tivesse minhas feridas curadas pelo toque de Vossos dedos, discerniria perfeitamente a diferença entre a presunção e a humildade, entre aqueles que vêem o caminho que leva à pátria bem-aventurada. Esta será não apenas objeto e contemplação, mas lugar e morada.*[36]

[36] AGOSTINHO, 1987, p.125.

É a cegueira a respeito do Cristo que Agostinho dirá ser o mais profundo erro humano, uma cegueira ansiada porque o homem escolheu, por livre-arbítrio, não ver. Aceitar o sacrifício do Cristo morto e ressurreto é, como diria o apóstolo São Paulo, "loucura para os que não crêem". O que, em outras palavras, para o filósofo, significa o mesmo que dizer que se trata de uma tarefa árdua ao homem incauto de conhecimento.

Em Santo Agostinho, somente a partir da reflexão sobre a realidade da morte é que o homem pode suportar a metáfora da lagarta que se torna borboleta, que o Cristo veio cumprir, a metamorfose espiritual e definitiva talhada em flagelo ao Cristo a favor da liberdade plena do ente humano. Para o "homem natural", afirma o escritor, há a necessidade de uma interlocução íntima a respeito do Deus feito homem.

> *Apareceu mortal com os homens, e justo com Deus. Como a recompensa da justiça é a vida e a paz, pela justiça unida a Deus desfez a morte (Gl 5,4) dos ímpios justificados, querendo compartilhá-la com eles. (...)*
> *De fato, só é Mediador enquanto homem. Como verbo não é intermediário, porque é igual a Deus e é Deus em Deus, sendo ao mesmo tempo um só Deus.*
> *Como nos amastes, ó Pai bondoso! "Não perdoastes ao Vosso Filho Único! Vós o entregastes à morte por nós, ímpios pecadores!" (Rm 8, 32). Como nos amastes! (...)*
> *Foi, diante de Vós, o nosso vencedor e vítima. Tornou-se vencedor porque foi vítima. Foi, diante de Vós, o nosso Sacerdote e sacrifício. Efetivamente, foi sacerdote porque foi sacrifício. (...)*
> *Pois bem, Senhor, lanço em vossas mãos o cuidado da minha vida (...)*[37]

[37] AGOSTINHO, 1987, p. 205.

O humano não sucumbe à fé por ela mesma. Há, em sua consciência, a morada das impossibilidades. Para esta morada, portanto, é preciso o toque, as marcas, o gosto, o apuro do som para que o que está intrínseco tome forma "concreta" ou se torne, de alguma forma, real e o que habita o recôndito humano aspire à possibilidade do eterno.

> *E disse a todas as criaturas que rodeiam as portas de minha carne: "Já que todos vós dizeis que não sois o meu Deus, dizei-me então algo sobre Ele." E todos exclamaram em alto e bom som: "Foi Ele quem nos criou." (...) E sou composto de um corpo e de uma alma, o primeiro, exterior, a segunda, interior. A qual destes eu deveria perguntar quem é o meu Deus, uma vez que já tinha procurado com meu corpo desde a terra até os céus, até onde pude enviar como meus mensageiros os raios de meus olhos? (...) O homem interior conheceu esta verdade através do ministério do homem exterior. Eu, homem interior, dotado de uma alma, soube disso por meio dos sentidos de meu corpo. Perguntei a toda a imensidão do universo sobre o meu Deus e tive como resposta: "Não sou eu, mas foi Ele quem me criou."*[38]

Ainda que contingencialmente influenciado pelo maniqueísmo[39] - seita fundada por Mani através da "Carta de Fundação", da qual Agostinho participou durante alguns bons anos após sua primeira conversão, a conversão à Sabedoria filosófica, até alcançar a idade adulta - o filósofo não contrapõe as idéias ou os

---

[38] AGOSTINHO, 1987, p. 175.

[39] O maniqueísmo configurava o dualismo e se destinava a garantir que a "alma" se mantivesse não afetada pela natureza do corpo, como se o corpo fosse a prisão eterna onde habita um "eu" bondoso que jamais seria conspurcado. O Cristo dos maniqueus era um Cristo do sofrimento e o Bem era totalmente passivo frente a um Mal ativo. *O maniqueísta via-se num agudo dilema. Sua religião prometia ao fiel que, uma vez "despertado", ele teria o controle completo de sua identidade essencial e estaria apto a garantir sua libertação. (...) Contudo, essa confiança era constantemente desgastada pelos mitos poderosos da própria seita, mitos estes que faziam o bem parecer profundamente abandonado e indefeso diante do ataque do mal*. In: BROWN, 2005, p. 63 e p. 64.

valores de Bem e Mal no sentido ontológico. Ao contrário, combate tal pensamento quando desqualifica o Mal como ser com existência real. Para Agostinho só o Bem é.

> *Vede que a matéria é menor na parte que no todo." Por isso te digo, oh minha alma, que és superior ao corpo, pois dás vida à matéria de meu corpo, o que nenhum corpo pode fazer a outro, e o teu Deus é para ti vida de tua vida.*[40]

O "mal-ser" só existe metafisicamente como ausência ou desvirtuamento do Bem, ou seja, o autor constata que, no mundo espiritual, só há o Mal para os que carecem do Bem, ou melhor, para aqueles que não vêem o Bem ou para os que, de algum modo, corromperam-se. Para aqueles que tem olhos espirituais e experientes na graça do Cristo feito homem, há o discernimento do Mal e, todas as coisas, na verdade, são boas porque criadas por Deus. No entanto, o homem se perverte ao amar mais as coisas que a Deus, pois a essência de todas elas é divina, inclusive a essência humana, contudo nenhuma delas é Deus, mas parte d'Ele. Esta consciência, diz o escritor, só pode atingir o homem que conhece, que sabe ouvir a voz da verdade interior, a voz do Bem que é Deus.

---

[40] AGOSTINHO, 1987,p.175.

1.1.1 – O Consciente:

Com o claro propósito de exemplificar e organizar o pensamento do leitor deste trabalho sobre as proposições agostinianas e com a finalidade de melhor entendermos o pensamento do santo, faremos algumas observações que provavelmente elucidarão a proposta da tese com maior propriedade. Trataremos, neste subcapítulo, a respeito da “aura”, ou seja daquilo que denominaremos de valor, de perfeição ou Bem sob algumas perspectivas possíveis de se tornarem meios através dos quais um esclarecimento futuro seja considerado. Partiremos, para tal tarefa, da seguinte hipótese: como o ente humano via ou vê a conquista da “tão sonhada” perfeição?

A “razão áurea” matemática, por exemplo, retrata um sentido pleno de perfeição. Esta é uma hipótese entre muitas outras dentro de uma área específica. Ela afirma e prova que um inteiro pode ser decodificado em partes infinitas que não são passíveis de um fim. Ou seja, o que é perfeito e completo, na linguagem matemática, sempre será perfeito e completo mesmo que subdividido em milhões de milhares de ínfimas partículas. A completude não se perde. O todo permanece

todo. O ideal, então, será sempre ideal e estará sempre no âmbito do pleno e perfeito, do Todo ou do Nada, ainda que fragmentados sob um vazio de caos e sombras.

A “razão áurea” concorre para comprovar que há o que é perene e completo ainda que sobreposto ou transposto. Enfim, revela a “razão” impossível de ser alcançada, como essência, pela existência humana e, por isso mesmo, ela representa aquela que vem a ser o maior dos desafios almejados pela mente do homem. Desafio desejado como algo, um dia, viável se observado através da perspectiva futurística que alimenta um único fim: conquistar a tão sonhada imortalidade ou a “não-morte”.

Observamos a amplitude deste conhecimento, objetivamente exposto, na forma plástica da representação renascentista proclamada na pintura, por exemplo, de Leonardo Da Vinci. Este chamado “gênio criador” aplicava a “razão áurea” como método, em seus estudos, para a contemplação da arte perfeita. Tempos mais tarde, a indústria cultural transformou o ideal de perfeição de uma obra, fosse qual fosse, em bens de consumo, ou seja, a cultura de massa transformou o homem naquilo que ele tem ou pode vir a ter e, a partir da possibilidade de reprodução até mesmo de uma tela de Da Vinci, o ente humano veio a transgredir a proposição de constituição do sujeito tornando-se o próprio instrumento, o ser que produz e se reproduz tecnicamente, um escravo da frágil qualidade de vida adquirida e da falsa liberdade que criou.

Marilena Chauí, no capítulo “O Universo das Artes” em *Convite à Filosofia*, determina e configura a aura a partir dos critérios e das reflexões

benjaminianas que, mais adiante, observaremos. A aura está presente na autenticidade do objeto, no momento de sua feitura e não no fato dele – do objeto - poder ser reproduzido. O mesmo se dá com a constituição do ser do sujeito e de sua subjetividade. Para cada ser há uma univocidade.

A arte, na História, passa a "marcar ponto" como uma "coisa acessível a todos" e tem valor comerciável adquirindo a possibilidade de ser um excelente negócio para suprir as necessidades espirituais da "massa". E a "aura"? E a unicidade e autenticidade do momento da feitura? Ainda existem? Se tal razão representava o valor da obra, a sua "aura" ou o seu Bem, será que aquela permanece, será que este Bem sobrevive apesar da morte de sua chamada "origem", de sua "áurea" (fazendo, aqui, uma analogia, como referência, com a "áurea matemática"), ou seja, persistirá, contudo, em ser, em meio à re-produção infinita? Ou será sempre uma parte ou um fragmento de um Nada que antes era um Todo?

Um exemplo figurado da questão podemos observar no filme infanto-juvenil, *A Fantástica Fábrica de Chocolate* (1971), quando o senhor Wonka - dono da fábrica e guardião das receitas dos chocolates - apresenta às duas últimas crianças que permaneceram até o fim, uma de suas novas criações: o "Wonka Visão", um aparelho extremamente moderno para a época e adaptado em um local muito próximo da aparência de um pequeno estúdio de TV. Este aparelho de "visão" faz a abdução de um determinado objeto (no caso o chocolate e depois a de um dos meninos) transformando-o em pequeninas partículas sobre as cabeças dos presentes. Essas partículas, novamente agrupadas, em segundos, e postas

no aparelho de TV, recuperam sua antiga forma, ou seja, o objeto permanece preservado em sua integridade física. Contudo, no filme, vemos que esta integridade apresenta-se apenas sob a aparência física, se tanto, e comprometida. De certa forma, há uma grande "falha". O objeto muda de tamanho, ou seja, algo, dentro da estrutura da "coisa-em-si", deixa de ser em essência, deixa de ser completo, ganha um "quê" de nada, uma falta, um vazio. A conclusão possível que podemos avistar, então, é a de que há uma sombra inalienável - sobre o Todo ou o Nada humano. Talvez esta seja a "razão" transfigurada em ínfimas partículas, a qual não se tem acesso nem se pode explicar?

O curso de vida do homem que compreende o tempo do seu nascimento até o tempo da sua morte é, para Martim Heidegger, um acontecer histórico. O tempo não está antes ou acima da história, assim como a história não o precede, mas ambos estão intrinsecamente ligados. O *Dasein*[41], conquanto representa para Heidegger o "entre" - o diferencial humano – o que poderíamos chamar de "aura", só existe por uma "conta histórica", temporal em sua essência, formando, com efeito, um movimento circular de transcendência. *A problemática existencial almeja unicamente à apresentação da estrutura ontológica do ser-para-o-fim da presença*[42], ou seja, ser um ser em consciência para a morte.

A história, portanto, do ser do homem no mundo – suas atitudes, ações e reações –, é que faz dele um ser temporal. Heidegger, ao falar da existência

---

[41] *Dasein = Existência: como a palavra existência, traduzimos os dois termos técnicos da Filosofia de Heidegger, "Dasein" e "Existenz". Designam ambos, sob aspectos diferentes, o modo de ser espicífico e exclusivo do homem. Neste sentido, só o homem existe. Dizer-se, portanto, que determinado ente não existe, significa tão somente, que não é segundo o modo de ser próprio do homem (...),* sobre cuja consciência repousa a aguda percepção do *ser-para-a- morte.* In: HEIDEGGER,1969, p.77.

[42] HEIDEGGER, 1996, p. 30.

humana utiliza-se da palavra *Dasein*. O *Dasein* é Deus no homem, ou seja, a consciência saudosa, não nostálgica, de uma transcendência. No *Dasein* está o lugar do ser, o lugar da consciência de ser finito.

Benedito Nunes dá continuidade ao pensamento heideggeriano a respeito do *Dasein* afirmando que a temporalidade abrange o homem no todo da existência, porque se remete à morte, e o ente humano acaba, não é eterno se visto sob a proposição material e histórica de tempo que conhecemos. Para Benedito Nunes, é sobre *o foco da morte, onde o arco finda, que a temporalidade extática (...) revela-se finita, nela espelhado o sentido do* <u>*Dasein*</u> *em sua mesma finitude.*[43]

Martim Heidegger aponta que *o mundo não é mais*[44], avaliando, como explica Nunes, a distinção de dois sentidos de passado: o passado que reclama a investigação da história e aquele que é a própria historicidade em si. O homem, como guia de si mesmo, que produz história e que conduz a história, é o único ser capaz de reconhecer-se, através da consciência, como um ente da razão, um ser capaz de refletir e de fazer escolhas, boas ou más, assim como, também, um ser finito que existe para a morte. Nos romances que, à frente, nos propomos à análise, o humano é encontrado vivendo o *Dasein* torto, ou seja, vivendo o tempo que seria o seu tempo de modo imperfeito sobre a terra numa busca incançável pelo *ter*, globalizando princípios e virtualizando o *ser*.

---

43 NUNES, 1996, p. 132.In: NOVAES, 1986.

44 NUNES, 1996, p. 138.In: NOVAES, 1986.

Conseqüentemente, o homem saramaguiano, constitui o desvelamento da consciência do fato de ser limitado, imperfeito e, por conta disso, contraditório e ambíguo. Este homem encontra-se chafurdado no tempo da pós-modernidade buscando um novo nascimento para a História através das "coisas" que produz, materialmente, no individual e no coletivo. Um homem que se serve do passado, sim, mas como detritos, sempre numa projeção para adiante de si, para um futuro incerto porque só vê sombras como se antevesse seu fim. Certamente, será esta consciência que determinará no narrador-autor e nas personagens, suas existências e o tempo que anunciam e ocupam nos romances.

Utilizando a figura do "buraco negro", não sabemos (nem mesmo os astrônomos ou físicos o sabem) o que há por trás daquela nebulosa massa sugadora. Então, como recuperar a "luz" que se perdeu? O real foi anestesiado e a pós-modernidade vem mostrar, como fruto do trabalho e das conquistas humanas, que *o fim das possibilidades é o contra-senso absoluto*[45], porque reflete como deformação ou não realidade do humano, seu aniquilamento, não só como sujeito de seu tempo e espaço, mas como princípio de racionalidade e, mais do que isso, sua topografia ou transfiguração em sub-homem ou como uma sombra passageira de sua própria constituição histórica.

O *Dasein,* deste modo, se por um lado determinaria o valor de ser único e de ser o homem o senhor do tempo e da história, por outro lado, e necessariamente, redimensiona-lo-ia em relação às "coisas" criadas, em relação ao mundo a sua volta, numa tentativa de desigualá-lo de todos os outros entes.

[45] BAUDRILLARD, 1992, p. 149 e p. 150.

Portanto, o *Dasein*, pelo menos em acordo com o (1o) primeiro Heidegger[46], comporta o "entre", jogando o homem num "estar no mundo", de modo que viva e interaja com seus semelhantes a partir do *cuidado*[47], que sorva a certeza da mesma forma que a incerteza, o vazio com a mesma intensidade que a esperança, assim como o medo e a alegria, sendo, enfim, o todo dotado da perfeição e da imperfeição, o ser finito que é em essência porque, de todos os entes ele é o único que tem a plena consciência da morte, uma consciência que também denominaremos de "aura" por referir-se à um plano de extensão transcendente, à uma circunstância única.

Como explica Santo Agostinho, este homem se configuraria como sendo a obra perfeita de seu Deus. O narrador-autor questionará, através das personagens dos romances, se, definitivamente, o ente imperfeito e finito não se teria desprendido – abdicado – destas "verdades", das verdades apregoadas e postas como autênticas pelas metanarrativas, e, deste modo, atravessado, abrupta e conscientemente, a linha tênue e determinantemente humana do "entre", ao qual Martin Heidegger denomina como *Dasein*. Este tal valor de perfeição só o ente humano, só esta "obra" abriga, como Benjamim afirma sobre a

---

[46] *Escritos posteriores ao trabalho do filósofo em remediar a tradição metafísica pelo pensamento esquecido de sua essencialização, são os escritos do chamado segundo Heidegger que empreendem a etapa regressiva do movimento de superação, mostrando que o esquecimento em vigor na metafísica provém de uma iluminação originária da Verdade do Ser, que é a figura epocal da vicissitude Histórica,(...).* O texto citado é uma nota da tradução. In: HEIDEGGER, 1969, p. 21.

[47] Termo heideggeriano em *Ser e Tempo* que denomina o envolvimento do ente humano com as coisas de um modo geral, assim como o juízo que este pode vir a estabelecer sobre este envolvimento e a irresponsabilidade no desviar-se deste envolvimento gerando o desvio de si mesmo ou de sua "autenticidade", daquilo que de fato se é.

obra de arte "autêntica": *(...)o valor único da obra de arte "autêntica" tem sempre um fundamento teológico, por mais remoto que seja (...).*[48]

Walter Benjamim em *Magia e Técnica, arte e política*, especificamente no ensaio intitulado "A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica", refere-se a "aura" do objeto artístico, seja este qual for, da seguinte forma:

> *Em suma, o que é aura? É uma figura singular, composta por elementos espaciais e temporais: a aparição única de uma coisa distante, por mais perto que ela esteja. Observar, em repouso, numa tarde de verão, uma cadeia de montanhas no horizonte (...) significa respirar a aura dessas montanhas (...). Graças a essa definição, é fácil identificar os fatores sociais específicos que condicionam o declínio atual da aura. (...) Retirar o objeto do seu invólucro, destruir sua aura, é a característica de uma forma de percepção cuja capacidade de captar "o semelhante do mundo" é tão aguda, que graças à reprodução ela consegue captá-lo até no fenômeno único.*

No mundo conhecido ou tido por "espiritual", mais especificamente tratando-se daquele que lida no âmbito exotérico[49], muitos místicos-espiritualistas considerados sérios como Mahatma Gandhi e autores, de renome incontestável, como Fernando Pessoa e Clarice Lispector, também beberam no ideal da perfeição inatingível, na sede da "aura" originária. A nomenclatura dada à completude do Todo ou Nada ou ao que seriam os preceitos que regem o Homem, a Alma e a Terra são denominados, no exoterismo, de "Preceitos Áureos" ou preceitos de perfeição. Baseados na Teosofia, tais preceitos contém pequenos

---

[48] BENJAMIM, 1994, p. 170 e 171.

[49] Exotérico (com X) diferencia-se de esotérico (com S) por apresentar-se numa condição de busca espiritual aprofundada no ocultismo.

tratados de moral, distintos entre si, que determinam a perseverança do homem no culto do conhecimento de si mesmo com um fim determinado: a perfeição moral e espiritual.

Em *A voz do Silêncio,* a critério apenas de exemplificação, pela versão portuguesa de Pessoa, H. Blavatsky sustenta, em um dos "fragmentos" expostos, que o homem deve abrigar-se na perseverança, *"como aquele que tem de sofrer eternamente (...)* As suas *(...) sombras vivem e desaparecem".* [50] Em Santo Agostinho as tais sombras nunca desaparecerão como obra do acaso ou de prováveis encarnações. O santo afirma que o Cristo veio para destruir as duas mortes do homem, tanto a carnal quanto a espiritual e que não há sofrimento eterno para os cristãos, mas para os que não conseguem aceitar a simplicidade do mistério do Deus trino em contraposição ao pecado, à falta e às sombras, que, na verdade, sempre serão parte da realidade do homem. Afinal, o próprio Cristo confirma as palavras de Agostinho quando diz que *Deus enviou seu Filho para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.*[51]

A completude e o anseio de alcançar o indizível, para além das "sombras que vivem e perduram", é alvo do ente humano desde a perda deste direito. No livro bíblico Gêneses, em acordo com a visão mítica teológica cristã, o homem, desvirtuado dos princípios que o Deus Criador lhe havia imputado como regra de vida ou morte, ou seja, depois da escolha pela separação de seu Pai e, conseqüentemente, sofrendo a destituição da presença do Espírito do Deus, este

---

[50] PESSOA, 1972, p. 40.
[51] 2 Jo. 3:16.

ser desintegra-se de sua natureza de completude e eternidade para tornar-se um mortal, propenso a dores e a doenças. Ele continua sendo homem, mas sua integridade foi alterada.

De acordo com Emanuel Carneiro Leão, visando, neste trabalho, à observação de um critério com fim explicativo sobre o mito bíblico, o mito vêm tornar-se uma hermenêutica[52] porque vem ao homem com o fim de lhe transmitir uma mensagem; é a interpretação que tece os acontecimentos com a finalidade de descer ao acontecer do destino, no qual basei-se a História. O mito, deste modo, como interpretação, ou como um dos modos de dizer a História dos homens, deixa de ser lenda para ser a expressão da existência do ser, expressão totalmente ligada ao processo de vivência do ente humano. Portanto, a interpretação do mito pode tornar-se uma hermenêutica. Carneiro Leão explica que o mito bíblico, aquele que descreve a construção do tempo humano a partir da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal e da Árvore da Vida, à luz de uma interpretação ou de uma hermenêutica existencial, nos apresenta exatamente a "vivência de uma estruturação destinada e homogênea", ou seja, uma etiologia, onde nada falta ou se mostra desnecessário. Sua perspectiva é tratar do mito a partir da criação do homem e não da entrada do pecado na História com a queda humana, diferentemente de Agostinho. Deste contexto da origem e distante de toda intenção de rememoração histórica é que Carneiro Leão desenha o mito da

---

52 Segundo *A Hermeneutica do Mito*, de Carneiro Leão, a palavra deriva de Hermes, mensageiro dos deuses que traz a mensagem do destino que trama as vicissitudes da História humana.

Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal com a finalidade de mostrar que este mito se articula e fala ao homem.

> *E a serpente era mais astuta do que todos os animais no campo que o Senhor Deus tinha feito. Ela falou para a mulher: Será que Deus disse que não devíeis comer todas as árvores do jardim?/ E disse a mulher para a serpente: nós comemos dos frutos das árvores no jardim;/ mas dos frutos da árvore no meio do jardim disse Deus: não comais deles n em mesmo os toqueis para não morrerdes./ Então disse a serpente para a mulher: de forma alguma morrereis de morte, / é que Deus sabe que, no dia em que comerdes, abrir-se-vos-ão os olhos e haveis de ser como Deus e saber o que é bom e mau.* [53]

Santo Agostinho, em 388, logo após sua conversão final com a leitura dos livros platônicos, como já comentado, preocupado exatamente com a influência, ainda, dos maniqueus, dos donatistas e dos pelagianos, e, conseqüentemente, com as questões que estes desenvolviam sobre a natureza do Mal e a fragilidade do Bem, iniciou alguns trabalhos reflexivos sobre o homem, sobre a sociedade humana e sobre o livre-arbítrio observando a possibilidade do ente humano ser, em integridade e essência divinas, através do Cristo e da Cruz, mesmo depois do pecado original além de tratar de temas voltados para à complexidade e à simplicidade da trindade em Deus.

Nas obras, a saber, *Confissões*, cujo fundo é sua própria experiência com o divino e sobre a qual falamos nesta primeira parte, e *A Cidade de Deus*, onde Agostinho apresenta uma primeira possível interpretação da História sob o cunho cristão (uma teologia da História) contrastando o poderio entre duas

[53] CARNEIRO LEÃO, 1968, p. 395.

cidades, a Cidade de Deus e a Cidade do Demônio ou terrestre como seres ou entes místicos, é que o santo padre apresenta toda sua potencialidade como gênio criador e homem voltado para os estudos.

> *Os que buscaram o bem do homem, quer na alma, quer no corpo, quer em ambos, acreditaram simplesmente cumprir exigi-lo do homem. Mas pedi-lo ao corpo é pedi-lo à pior parte do homem; pedi-lo ao espírito é pedi-lo à parte melhor; pedi-lo a ambos é pedi-lo ao homem todo. Mas, onde quer que o procurem, não o procuram fora do homem. (...) Cedam todos os filósofos que disseram não ser feliz o homem que goza do corpo nem o que goza da alma, mas o que goza de Deus. E dele goza não como a alma goza do corpo ou de si mesmo, ou como o amigo goza do amigo, mas como os olhos gozam da luz. (...) Basta, no momento, dizer que Platão estabeleceu que o fim do bem é viver de acordo com a virtude, o que pode conseguir apenas quem conhece e imita Deus, e que tal é a única fonte de sua felicidade*. [54]

Já em sua obra intitulada *O Livre-arbítrio*, o padre se preocupa, especificamente, com a existência do homem em Deus tratando, naturalmente, da relação de oposição entre o Bem e o Mal. Como conseqüência, destacamos, em sua escritura, a preocupação em falar a respeito da necessidade de responsabilidade dos seres humanos no que diz respeito aos atos praticados sobre a terra e com seus semelhantes, da necessidade da fé assim como da liberdade que determina a sabedoria, da ordenação do universo frente às escolhas do ente humano, da culpa, das virtudes, da vontade (da boa vontade) e da felicidade. Numa de suas reflexões sobre o papel da vontade e da boa vontade, sob a perspectiva da condição pecadora do ente humano em relação ao Deus cristão, Agostinho tece considerações a Evódio, seu amigo.

---

[54] AGOSTINHO, 1961, p. 399.

> *Por certo, um homem não se considerará muito infeliz se vier a perder sua boa reputação, riquezas consideráveis ou bens corporais de toda espécie? Mas não o julgarás, antes muito mais infeliz, caso tendo em abundância todos esses bens, venha ele a se apegar demasiadamente a tudo isso, coisas essas que podem ser perdidas bem facilmente e que não são conquistadas quando se quer? Ao passo que sendo privado da boa vontade – bem incomparavelmente superior -, para reaver tão grande bem, a única exigência é que o queira!*[55]

A moral apresentada e veiculada pelo padre tem por base, determinante, a razão. É através deste veículo, o veículo racional (fator indubitavelmente inconteste com o fim de demonstrar certa completude humana em relação aos outros seres, diferenciando-o na construção das sociedades e da História), que o santo prova a existência de seu Deus, o Deus bíblico. Em busca da verdade eterna, sempre por caminhos que primam por esta racionalidade, Santo Agostinho expõe, ao leitor, a doutrina da Providência Divina, providência esta que privilegia as escolhas humanas.

> *Com efeito, por enquanto, baste-nos saber que esse Ser, seja ele qual for, capaz de ultrapassar em excelência a mente dotada de virtude, não poderia de modo algum ser um Ser injusto. Tampouco, ainda que tivesse esse poder, ele não forçaria a mente a submeter-se às paixões. (...)*
> *Logo, só me resta concluir: se, de um lado, tudo o que é igual ou superior à mente que exerce seu natural senhorio e acha-se dotada de virtude não pode fazer dela escrava da paixão, por causa da justiça, por outro lado, tudo o que lhe é inferior tampouco o pode, por causa dessa mesma inferioridade, (...). Portanto, não há nenhuma outra realidade que torne a mente cúmplice da paixão a não ser a própria vontade e o livre-arbítrio.*[56]

---

55 AGOSTINHO, 2004, p.57.
56 AGOSTINHO, 2004, p.51 e p. 52.

Nesta obra, congregam-se propostas que participam da conjuntura de formação do homem sob o aspecto cristocêntrico, a saber, sob a tríade da graça, da vontade e da liberdade, uma corda com três nós[57] que objetiva a apresentação do íntimo do ente humano onde, em acordo com o santo, só Deus tem acessibilidade e domínio. Entrelaçando-as (a tríade), está o Bem como o princípio que Agostinho crê sendo o próprio Deus e que, segundo ele, rege toda a conduta humana sobre a Terra.

O padre, no entanto, reclama e afirma, do recôndito de sua vasta visão e saber católicos mesmo que somados a outros de cunho pagão, que somente o homem convertido à graça do Cristo morto e ressuscitado (pois a graça compreende além do perdão e do sacrifício do Cristo pela humanidade, a tarefa salvífica do filho pela alma do ente humano através de sua ressurreição para a outra ressurreição, a dos mortos) é, de fato, um homem que tem a possibilidade da liberdade, ou seja, somente o cristão pode ser realmente livre em plenitude. Em Agostinho encontramos o Cristo redentor como a representação física do sumo Bem, da perfeição do Pai e da ação do Espírito Santo.

O Cristo vivo no espírito humano, é, para o padre, a verdade da vida em contraste com a mentira da morte. Sendo assim, o fazer o Mal, em Agostinho, implica na renúncia consciente em não fazer o Bem, implica, seguindo por este caminho do ente convertido, em uma clara e decisiva escolha pelo nada, ou pela

---

[57] Aquela corda, de três dobras, aclamada pelo sábio Rei Salomão como aquela que não se quebra com facilidade. Ec. 4: 12.

falta, escolha que caberia somente ao homem. No texto que se segue , podemos entender, através do diálogo entre Agostinho e esta situação como uma condição por opção humana.

> *Talvez, tu me perguntas: Já que a vontade move-se, afastando-se do Bem imutável para procurar um bem mutável, de onde lhe vem esse impulso? Por certo, tal movimento é mal, ainda que a vontade livre, sem a qual não se pode viver bem, deva ser contada entre os bens. E esse movimento, isto é, o ato de vontade de afastar-se de Deus, seu Senhor, constitui, sem dúvida, pecado. Poderemos, porém, designar a Deus como autor do pecado? Não! (...) Mas, de onde vem ele? A tal questão eu te contristaria, talvez, se te respondesse que não o sei. Contudo, não diria senão a verdade. Pois não se pode conhecer o que é simplesmente nada. (...) Com efeito, não pode haver realidade alguma que não venha de Deus. De fato, em todas as coisas nas quais notares que há medida, número e ordem, não hesites em atribuí-las a Deus, (...) Aliás, a um ser a qual tiveres retirado completamente esses três elementos, nele nada restará, absolutamente. Porque, mesmo que se nele permanecesse um começo qualquer de perfeição, desde que aí não encontres mais a medida, nem o número, nem a ordem: visto que em toda parte onde se encontrarem esses três elementos existe a perfeição plenamente realizada _ tu deverias retirar mesmo um início de perfeição que parecesse até ser apenas certa matéria oferecida ao artífice para que trabalhe com ela e a aperfeiçoe. Porque _ se a perfeição em sua realização completa é um bem _ o começo dessa perfeição já é certo bem. Assim, se acontecesse a supressão total do bem, o que restaria não é um quase nada, mas sim um absoluto nada.*[58]

O homem encontra, na graça - primeira dobra do cordão - a vontade (que chamaremos de segunda dobra do cordão) de não sair da presença de seu Pai. O desvirtuamento da vontade de Deus não lhe é mais atraente como antes e ao praticar, por negligência, medo ou dúvida, o Mal, este ser se arrepende, ou

[58] AGOSTINHO, 2004, p.142 e p. 143.

melhor, volta-se, novamente, para seu Deus. Santo Agostinho dirá, então, que, deste modo, o homem alcança a liberdade, nossa terceira dobra do cordão, porque ele não é mais para si, não é mais um escravo do tempo e do espaço que o absorve, não produz mais nenhum elo com o mundo que o circunda. A fé liga o ente humano ao transcendente.

> *A minha fé, a fé que acendestes à minha frente para de noite alumiar meus pés,(...)*
> *(...) a sua palavra é lâmpada para os teus passos. Espera e persevera, até que passe a noite, que é a mãe dos maus, até que passe a ira do Senhor, ira de quem fomos filhos quando outrora éramos trevas. Destas, arrastamos ainda os restos no corpo morto pelo pecado, até que chegue o alvorecer do dia e se dissipem as sombras. Espera no Senhor. (...) Ele desliza misericordiosamente à superfície do nosso interior tenebroso e flutuante.*[59]

Destarte, pela fé, afirma o santo, o ente humano volta a ser em essência, recupera sua integridade e alteridade ao se tornar "escravo", por opção e livre escolha, do Cristo que o comprou com seu sangue. O homem que se torna "escravo" de Deus torna-se livre em Jesus, torna-se livre do mundo e das coisas do mundo. Para Agostinho, os entes humanos que vivem no mundo sem a aceitação do dom da graça como o dom da restituição e restauração do ser em conflito, são servos do erro, seres da angústia constante, escravos do mundo e das coisas do mundo, ou, diremos, finalmente, seres desfeitos da plenitude da filiação, ou, ainda, em outras palavras, infinitas partículas desfeitas em um Todo ou em um Nada, a espera de uma possível reestruturação.

---

[59] AGOSTINHO, 1987, p. 267.

O homem agostiniano, portanto, é aquele ser que sem deixar a razão se deixa guiar pela fé, ou seja, a fé está intimamente ligada e aliada à razão. Este homem mantém seus princípios éticos em Deus, o centro de sua existência e busca sempre estar consciente de que há uma verdade a ser alcançada ainda que não se possa senti-la, vê-la ou comprová-la. Ele é bom, ou seja, sua "aura" de obra divina permanece, porque Deus é bom, contudo o ente humano, por sua natureza, permanece sendo corruptível porque o pecado lhe é intrínseco, faz parte de sua alma. Deste modo, o homem de Agostinho precisa sempre optar entre fazer o Bem ou não fazê-lo, através do livre-arbítrio.

Abaixo, o esquema do homem de Santo Agostinho a partir de uma reflexão subjetiva através do símbolo: uma figura representativa do próprio ente humano. Também, abaixo, o esquema apresenta uma reflexão objetiva, porque há os referentes, as palavras, que naturalmente completam o sentido do diagrama:

Esquema 1: O homem agostiniano

DEUS

VALOR **ÉTICA**
“aura”

RAZÃO

BEM **MAL**
VERDADE SIMULACRO

Em *A Genealogia da Moral*, de Friedrich Nietzsche, livro subdividido em três tratados cuja finalidade é analisar, sob diferentes premissas, a origem da moral humana e discutir a questão do bem e do mal como uma burca para encobrir interesses diversos, o filósofo se contrapõe, muitas vezes, à idéia de um Bem que se defina como tal, mas que, na verdade pode ser um Mal encoberto ou vice-versa. Então...O que é o Bem? O que é o Mal? Ele coloca a questão desta forma:

> *O ponto de vista da utilidade é totalmente estranho e inaplicável quando se trata da fonte viva dos juízos de valor supremos que fixam e determinam a hierarquia: foi o sentimento, não a utilidade – e não uma forma de exceção, senão em todo o tempo – repito, a consciência da superioridade e da distância, o sentimento geral, fundamental e constante de uma espécie superior e dominadora, em oposição a uma espécie inferior e baixa, que determinou a origem da oposição entre "bom" e "mau".* [60]

Ser bom ou ser mal ou escolher fazer o bem ou o mal não formariam binômios em oposição? Seriam propostas equivalentes como questões existenciais num todo ou nada? Ou a confusão encontra-se relacionada à etimologia das palavras quando alguém decidiu qual seria a palavra que denominaria isto ou aquilo? Os mitos, que sustentaram e continuam oferecendo sustentação às ideologias e às culturas sociais de todos os tempos, são, todos, invenções de poderosos, partícipes, portanto, de um jogo histórico de interesses e de poder? Assim, até onde ou desde quando podemos, por exemplo, nomear e esclarecer, eticamente, o fundamento levantado em defesa do "estar-no-mundo",

[60] NIETZSCHE, 2007, p.25.

da *gewissen* (a consciência)[61], do *Dasein* de Martim Heidegger, filósofo ateu assim como o próprio Nietzsche o era? Claro é que os interesses dos dominantes em relação aos dominados, dos conquistadores em relação aos conquistados sempre se configuraram presentes e determinantes à constituição das sociedades como um todo. Seria ingênuo dizer que não.

Logicamente, contudo, qualquer grande pensador reconheceria a necessidade de se estabelecer princípios reguladores para a sustentação destas mesmas sociedades. A marca nietzschiniana é a marca da ironia, portanto ele se presta, como filósofo, ao questionamento do mundo, como universo material e simbólico, onde valores reais e decadentes se entrecruzam, talvez com a finalidade, mesmo que despercebida, se é que seria possível assim afirmar, de conduzir os seres humanos ao questionamento.

Em *O Anticristo*, Nietzsche alerta que:

> *Os valores mais elevados da humanidade foram despojados da vontade; os valores de decadência, de niilismo superam os mais sagrados. (...) O cristianismo é conhecido como a religião da piedade. A piedade, porém, é deprimente, pois enfraquece as paixões revigorantes que aumentam a sensação de viver. O homem perde o poder quando é contagiado pelo sentimento de piedade, e esta dissemina todo sofrimento.*[62]

---

[61] O que o filósofo denomina como a consciência moral dos deveres e obrigações. Heidegger aprofunda tal questão em *Ser e Tempo*. Esta seria uma *(...) designação corrente aprofundando os fundamentos ontológicos da ética, da moral e de qualquer obrigatoriedade. Uma vez que toda forma de consciência supõe e provém de uma experiência originária de saber (wissen), atingindo a esfera da convivência e co-pre-sença individual, o aprofundamento da consciência se articula com os existenciais.* In: HEIDEGGER, 1996, p. 257.

[62] NIETZSCHE, 2005, p. 41.

A visão nietzschiniana, deste modo, estando presa às etimologias ou às intenções políticas deste ou de qualquer outro tempo, ou, mesmo, atrelada somente às concepções particulares do filósofo, vem contribuir, no caso deste trabalho, apenas como uma representação do contraponto necessário em relação à proposta filosófica agostiniana que aqui, verdadeiramente, nos interessa. Nietzsche expõe uma moral que se quer e se faz determinantemente ausente de um Deus, e, por isso, absolutamente contrastante com a percepção de Santo Agostinho. Uma moral talvez muito aproximada da moral que José Saramago apresenta, de modo irônico, nos romances evocados para a análise e que observaremos na última parte deste trabalho, a fim de dizer que o Bem é mais uma das invenções humanas quando este homem sente a necessidade de criar ou com o simples propósito de negligenciar a presença do Bem como ser em essência na era do "pós". A diferença entre Nietzsche e Saramago é que o primeiro não aceita o Bem como Bem, enquanto o segundo o deseja como possibilidade real ao homem, mas não tem esperanças.

O trabalho que aqui se prolonga, então, é o resultado de algumas reflexões baseadas no pensamento filosófico-teológico a respeito do Bem de Santo Agostinho - que observamos durante a primeira parte desta tese. A partir do segundo capítulo, como veremos, este estudo se dará com o fim de investigar a visão contemporânea de Mal no contexto pós-moderno, visão sugerida pelo autor José Saramago e observada pela autora deste trabalho.

Para a análise, à princípio, comecemos pelo título deste trabalho. Fazer referência ao mito bíblico da criação do homem (como vimos anteriormente

através de Carneiro Leão) não é tarefa das mais fáceis. Há extensos estudos a respeito do criacionismo que não cabem aqui serem tratados, contudo “todos os homens” refere-se à criação, ao nascimento do ente humano como possível imagem de seu Criador e como a questão central, como o eixo fundamental de toda a análise que se fará a partir deste ponto.

Pondo em questão exatamente esta árdua tarefa de ser o reflexo d’Aquele que é perfeito, prossegue o título com o sintagma “nomes na Caverna”, pelo que designamos identidades, indivíduos em sua originalidade aprisionados na “Caverna” que, alegoricamente, segundo Platão, representa o mundo dos homens comuns, homens que só vêem sombras, ou melhor, que vêem pela metade, ou que, na atualidade, diremos que vêem apenas não-verdades.

José Saramago apontará nos romances que as sombras, sejam estas referentes ao medo, à dúvida, à ansiedade, à mídia, à religiosidade, à identidade ou à vaidade, estas sombras prevalecem sobre a luz da verdade, ou seja, o Mal, em Saramago, como criação humana e não divina, prevalece sobre o Bem e este desvio humano é uma renúncia que poderíamos considerar “de livre-arbítrio”. Mas, a partir do contexto do qual enunciamos as proposições saramaguianas, o ente humano ainda comportaria, em si, esta verdadeira possilbilidade de ser livre para uma escolha?

1.1.2 - A palavra na História e a história-palavra.

> *(...) a palavra é dádiva e uma forma de rito iniciático pela qual se unem a tradição e a transformação, soldando as pontas da vida*.[63]

Essa "história", a história humana, começa na palavra e no modo como a palavra se constituiu. Tal constituição inicia-se a partir do momento em que o homem sente a necessidade de criar, para si, instrumentos facilitadores do trabalho. Devemos considerar por História aquele modo (um dos modos) de se contar uma verdade aparente e cientificamente plausível à humanidade por questões óbvias: a História é a referência ímpar que o ente humano supõe possuir de sua origem.

A princípio, o seu próprio corpo, o corpo do homem, indiciava ser o instrumento-mor. O grito, a força física, as expressões gestuais e faciais, somavam-se ao, ainda, incontável tempo de espera das chuvas, dos sóis, das colheitas, etc. A criação dos instrumentos compõe o processo de formação do homem e, na rede de relações tecida a partir da era paleolítica – a infância da humanidade – para esta posterior constituição, há, sem dúvida, o impulso produtivo motivador desta criação. Dá-se, então, a necessidade de instrumentalizar a vida para se estabelecer o tempo, se contabilizar, inicialmente com materiais palpáveis como o de toscas ferramentas e, posteriormente, através

---

63 PADILHA, 2002, p. 16.

da expressão oral, as produções, os experimentos, os acontecimentos e as outras e diversas descobertas humanas.

Surge, então, a linguagem. Esfera pouco domesticável, apesar de estritamente racional, objeto fluido, fortificador e frutificador do homem. Meio para a revelação do:

> *(...) nosso corpo como expressivo e significativo, os corpos dos outros como expressivos e significativos, as coisas como expressivas e significativas, o mundo como dotado de sentido e o pensamento como trabalho de descoberta do sentido.*[64]

Para Santo Agostinho, com base nos escritos de Luiz Alfredo Garcia-Roza em P*alavra e Verdade,* suas convicções sobre a palavra e a linguagem partem de uma abordagem dualística a respeito dos objetos sob os quais o corpo e a alma se sustém. Para o santo, o primeiro conduz às paixões e o segundo à ação. Assim, a partir dessas premissas paixão/ ação, Agostinho também irá articular uma teoria da linguagem na qual a palavra e a verdade aparecem como expoentes em *De Magistro* (389) e que, segundo o psicanalista Lacan, seria o que *de mais agudo há no pensamento moderno sobre a linguagem.*[65] Ou seja, neste diálogo entre Agostinho e Adeodato, seu filho, um ponto se coloca em destaque a partir daquilo que o santo chamará *per commemorationem* ou relembrança: todos, mesmo quando achamos que há o desejo de aprender, na verdade, sempre queremos ensinar.

---

64 CHAUÍ, 1995, p. 149.

65 LACAN apud GARCIA-ROZA, 1990, p. 108 e p. 109.

De acordo com Santo Agostinho, o signo participa de um sistema de significações fechado e conquanto assim o seja, como dele podemos alcançar uma verdade? Nas reflexões agostinianas, a verdade não está no signo, em sua exterioridade, ou seja, na palavra propriamente dita, mas no íntimo do ente humano. Este, sim, pode supor tal conhecimento e veiculá-lo através da palavra, pois a verdade habita o interior do sujeito, é a sua “aura”.

Sendo assim, o sujeito, como tal, participa objetiva e diretamente da construção da verdade quando, em acordo com a dialética agostiniana, se deixa conduzir pela verdade habitante da intersubjetividade. Para Agostinho, o homem não está apto a descobrir a verdade através do mundo e das coisas do mundo, mas apenas palavras, ou melhor, os fonemas que fazem das palavras significantes e os conceitos que lhes dão os significados.

Em consonância à visão do santo, é do íntimo do ente humano que nasce, de modo natural, a necessidade da busca da verdade. Uma necessidade - como aponta Agostinho, por um indício, no homem, de transcendência - que se sustenta em confronto tantas vezes à razão -, pois se é da interioridade do sujeito que a verdade pode vir ao presente, é também desta interioridade que a não-verdade também pode se instaurar, porque o signo é enganador, como afirma o santo, e tal engano do signo advém da essência da relação que se pode estabelecer entre este (o signo) e a coisa em si. O signo, portanto, só adquire significado pelas relações que estabelece com os outros signos.

Em Aristóteles, se a palavra, ou mais especificamente a linguagem é passível de ambigüidades, ou seja, produz equívocos, como chegar, para que de

fato haja interação e comunicação, à uma possibilidade de unidade? Naturalmente que não há como responder, de modo objetivo, a tal questão, contudo há ainda a possibilidade de se observar, de se levar em conta a pluralidade de significações sob a qual o universo lingüístico, o universo da palavra se compõe e, talvez, trazer à lembrança a tarefa do símbolo, ou melhor, a condição de passagem, proclamada por Sócrates, do imaginário ao símbolo. Esta passagem talvez possa, quem sabe, ser uma proposta viável de pensamento sobre a questão especificamente da linguagem ao tratar da verdade.

Para Platão, o homem que perde a memória, por exemplo, que "esquece", está acometido da morte da alma, porque perdeu-se da verdade. Ou seja, o homem da terra, do mundo, aquele ser do *Dasein,* o "diferente", ao desconectar-se da memória, ao emancipar-se de seus vínculos afetivos, históricos, sociais e culturais, estaria desconectando-se de si mesmo e de sua possibilidade de ser para a consciência. Assim, a verdade, em Platão, só pode ser conhecida do ente humano a partir da saída do "tempo". Mas o que isto representaria? A memória intemporal, aquela que veicularia o homem à uma possibilidade de transcendência, seria a única via capaz de revelar ao íntimo do ente humano, o conhecimento, através da linguagem do que, de fato, é verdadeiro.

A linguagem oferece ao homem a forma, a cor, a textura, a estrutura e os sentidos das coisas e de seus significados. Ela foi e continua representando o transporte para a evolução, para a modulação cultural, para os desafios dos primeiros guerreiros e para a construção dos extraordinários transportes por terra,

céu e mar. Ela é o caminho para o trilhar dos estudos nas mais variadas áreas de conhecimento assim como para a propiciação da beleza e do jugo dos meios de comunicação. Deste modo, ao ser transformada em registro, a História formal aflora e o homem começa a viabilizar ideais, anseios, sonhos e inconformidades através de um meio que paralisa o tempo: a escrita.

A transmissão oral, de geração a geração, da memória cultural de um povo, não termina. Em "O tempo e os tempos", Alfredo Bosi exemplifica a constatação histórica, sobre a memória, com o seguinte ditado:

> *Casamento e mortalha no céu se talha (...) se, historicizarmos a locução oral-popular modulada nesse provérbio, encontraremos o fenômeno da tradição sapiencial, gnômica, que se exprime em relação a eventos fundamentais da existência, o casamento e a morte, aqui considerados como resultantes não do arbítrio humano, mas da vontade divina, da Providência ou, numa perspectiva, pré-cristã, do Destino, sempre fora do alcance dos mortais. É no céu que se talha, é lá que se tecem os fios que levam às núpcias e ao passamento final. Ora, essa visão sapiencial repropõe-se, sob a forma do resignado provérbio, em cada geração, transmitindo-se de pais a filhos, de avós a netos, dentro de um tempo qualificado que não morre com os mortos, mas lhes sobrevive. Ao lado (...) temos a reversibilidade histórica.*[66]

Constatamos que o ente humano passa a ser determinado e a determinar, através da escrita, linguagem e registro da memória, a sua existência.

> *A memória articula-se formalmente e duradouramente na vida social mediante a linguagem. Pela memória as pessoas que se ausentaram fazem-se presentes. Com o passar das gerações e das estações esse processo "cai" no inconsciente lingüístico,*

[66] BOSI, 1992, p.27 e p.28. In: NOVAES, 1992.

> *reaflorando sempre que se faz uso da palavra que evoca e invoca. É a linguagem que permite conservar e reavivar a imagem que cada geração tem das anteriores. Memória e palavra, no fundo inseparáveis, são a condição de possibilidade do tempo reversível.*[67]

O caminhar em sociedade, no que se refere aos símbolos dos quais o homem se apossou, pôde, enfim, com o registro escrito, com este instrumento especificamente e particularmente humano, ser não só uma constituição simbólica da memória do ente humano como, também, um alforje para a constituição do estatuto de sujeito. A História prefigura um marcador do trajeto, uma prova inefável dos atos e valores humanos.

Na idéia humana, ou na sua *realia*[68], há um universo de coisas, num tempo e num espaço, que a determinam e a constituem gerando indefinidamente os vários acontecimentos. Porque, assim como através da linguagem percebemos o mundo, o mundo é percebido a partir desses acontecimentos que geram outros acontecimentos sucessivamente, movimentos que perpetuam movimentos numa cadeia circular.

Deste modo, o ente humano compreende ou não essa esfera do acontecer das "coisas-em-si" que determinam e constituem o universo. Ou seja, a História é o ponto que revela a própria condição de ser humano, podendo ser falsa ou verdadeira. Metaforicamente falando, uma espécie de pãozinho jogado sobre o chão de terra da floresta encantada para depois, saber-se lá, solitário, mas movido

---

67 BOSI, 1992, p. 28. In: NOVAES, 1992.

68 "As coisas reais" ou "Mundo real". In: BESSIÈRE, 1974, p.17.

para a tentativa de retornar ao lar. [69] Uma questão, talvez, postulada, como poderia ter dito Agostinho, pela transcendência.

Ao escrever, o homem descreve a vida, santifica-se e, através de palavras, eterniza-se, eterniza o tempo porque o presentifica transformando em História as suas razões, as suas loucuras e a dialética dos tempos.

> *Em Hegel, o ser humano que promovia o movimento da história era uma abstrata "auto-consciência", ligada a tal da Idéia Absoluta, praticamente desvinculada dos problemas que afetam o corpo dos homens, de modo que, a "natureza humana", tal qual Hegel a entendia, era idealizada (...) Para Marx (...) a natureza humana se modificava materialmente, na sua atividade física sobre o mundo. (...) por conseguinte, conforme o conceito que Marx tem dela, só existe na história, num processo global de transformação, que abarca todos os seus aspectos. E a história, em seu œnjunto, "não é outro coisa senão uma transformação contínua da natureza humana."* [70]

Desta feita, a utilização do símbolo desmonta a fixidez do óbvio. O símbolo, no discurso narrativo, aos olhos de T. Todorov, por exemplo, representa o eterno "vir-a-ser", o devir do sentido que perfaz a unidade de idéias paradoxais, ou seja, o símbolo *exprime o indizível, isto é, aquilo que os signos não-simbólicos não chegam a transmitir; é, por conseguinte, intraduzível e seu sentido é plural _ inesgotável*.[71] Observando a perspectiva dada por Marilena Chauí em *Convite à Filosofia* veremos que a autora reveste o símbolo da analogia e da metáfora, ou seja, a linguagem simbólica, além de implicar em experiência, envolve a emoção,

---

69 Referência, para efeito de analogia, da fábula infantil *João e Maria*, dos irmãos Grimm.
70 KONDER, 2000, p. 52 e 53.
71 TODOROV, 1980, p. 97.

as imagens, as referências, a polissemia, a evocação e a memória. O símbolo, portanto, compõe e é parte, decisiva, enfim, da multiplicidade de sentidos dentro de uma obra.

> *Uma realidade foi criada e penetramos em seu interior exclusivamente pelas mãos do escritor. Como isso é possível? Como as palavras poderiam criar um mundo se elas apenas fossem sinais para indicar coisas e idéias já existentes? Com o romance, descobrimos que as palavras se referem a significações, inventam significações, criam significações.*[72]

A linguagem proporciona ao ente humano a possibilidade de pensar o que é, o que já foi e o que há de vir, distanciando-o da esfera do irracional que não escapa dos limites ditados pelo espaço e pelo tempo. No caso específico da leitura de uma obra literária, por exemplo, podemos afirmar, como explica Todorov em "A leitura como construção" que o tempo da narrativa e o tempo das personagens, assim como o do leitor, se torna plural, porque a cada nova leitura um novo livro se nos apresenta, embalado por um novo contexto que o abriga.

> *O homem é o animal que fala. No revelado de sua fala é que podemos comemorar a obscuridade profunda do humano. Através dos jogos lingüísticos a comunidade estabelece um certo contato com a realidade. O contato pode ser só superficial, praxístico e o signo permanece signo. Mas na medida que procuramos um relacionamento de transcendência, que buscamos o extra-ordinário, o signo torna-se complexo, passa a ser símbolo e ressoa com toda a grandiosidade (...) no terreno da literatura.*[73]

---

72 CHAUÍ, 1995, p. 148.

73 TERRA, 1988, p . 40.

Deste modo, ao levarmos em conta a presença onírica do “Fiat lux” – o poder da palavra - e a experiência do símbolo no contexto textual (através da linguagem), qualquer relato histórico transpassado às palavras através da literatura, por exemplo, torna-se um meio provocativo, pois a literatura desprende o signo lingüístico de sua arbitrariedade, a favor do tempo, e, a motivação ou a arbitrariedade relativa do signo, já transmutado em símbolo, acende a luz dos sentidos sobre a caverna do mundo.

Sendo assim, o ente humano é atingido na emoção porque a narrativa ficcional lhe atesta um “des-compromisso” social que lhe permite emocionar-se, um emocionar-se libertador, catártico muitas vezes. A literatura suspende a concretude do real, apresentando-o – este “real” - como experiência ou prazer, enunciados de um tempo real, mas vivenciados num tempo ficcional, no tempo do imaginário humano. Ou seja, aquilo que se diz de modo natural, no dia-a-dia, é o que irá, de certo modo, provocar a construção ou não de uma realidade ou de uma hiper-realidade (se vislumbrarmos o contexto atual), diferentemente da arte que, na verdade, constrói a sua própria realidade à procura da plenitude.

A literatura, como arte condutora de símbolos, mostra um tempo sob determinada perspectiva, a perspectiva do autor. E, como este veículo de arte privilegia sempre o “outro”, e não é feito para si mesmo deixando de ser de qualquer autoria a partir do instante que passa às mãos do leitor, a arte literária produz um discurso vivo, verossímil ou inverossímil, cuja tarefa representa questões, reflexões e, também, a universalidade. De modo que, através da arte

literária, somos expostos à vida em sua plenitude, às entranhas do homem e de suas relações, não a relatos frios como o de tabelas de percentagens.

A escrita da História, portanto, se presta a dar conta de uma possível verdade factual, mas a literatura se nos apresenta sem condicionamentos, sem adereços de posturas sacramentadas. A literatura pode ter enredo inverossímil das verdades de um coração por causalidade, mas sua tarefa é, em primeiro lugar, a da diversão.

> *Pela ficção ou poesia, a literatura põe em cena o homem vivo, com suas questões, seus sonhos, seus problemas e seus sentimentos em face do mundo da natureza, em face dos outros homens e diante de si mesmo. Ela interessa-se por tudo o que é humano, de tal modo que se pode dizer que a literatura é tão grande quanto o humano.*[74]

Há, certamente, um caráter antropológico na Literatura e isto é o mais importante às intenções filosóficas que aqui se pretende buscar - como orientação - pois, cunhado neste princípio, tentar-se-á tecer observações da problemática humana em seu fundamento mais amplo e complexo, como se buscássemos uma categoria relacionada ao inconsciente coletivo que Jung, pensando a mente como um círculo, afirma que esta categoria seria o ponto mais íntimo, mais até que o do inconsciente pessoal: o mito. Observaremos, nas literaturas em análise, que os padrões que o inconsciente coletivo manifesta representam os chamados "arquétipos", ou seja, as marcas psíquicas. O mito, portanto, é:

---

[74] MANZATTO, 1998, p. 63.

> *(...) a parte da humanidade, da história do Homem com H maiúsculo, do patrimônio existencial do ser, que se encontra presente nas nossas mentes individuais. (...) é algo que pertence à humanidade em geral (...).*[75]

O caráter antropológico, portanto, configurará o trabalho-escritura a respeito do que fala e expressa o ser do humano e a problemática que o envolve, a revelar questionamentos, aflições, angústias, desejos e alegrias. Trataremos, então, através do símbolo na ficção, de não fazer filosofia através da literatura, mas de tangenciar questões filosóficas que habitam toda e qualquer produção humana, e que nada mais são que perguntas e impressões que incomodam o homem há muito. Por esta via, torna-se mais ameno, e também mais revelador, certamente, pensar o mundo e a vida - além de todos os desafios que eles (o mundo e a vida) oferecem e impõem ao homem - lendo um romance ficcional do que a primeira página de um jornal prestigiado.

Utilizando conceituações literárias e filosóficas, com o objetivo a uma análise apoiada na teoria somente para privilegiar a interpretação dos romances escolhidos, nos basearemos, como já foi dito, em reflexões agostinianas sobre a questão do Bem e do Mal. Por critério de adequação ao tema e apoio suplementar, recorreremos a Jean Baudrillard, Martim Heidegger, Nietzsche e Theodor Adorno, entre outros. Há de se fazer uma ressalva: Santo Agostinho é o barco de partida e o cais onde se pretende ancorar no retorno. Navegaremos, juntos, por este oceano sombrio e agridoce de José Saramago.

---

[75] ROCHA, 1988, p. 42 e p. 43.

Vimos que Santo Agostinho afirma, através do veículo da fé e da razão, que o Mal não existe como substância, que o homem nasceu para o Bem porque Deus é bom e fora d'Ele nada pode resistir. Mas... nessa era pós-moderna e hiper-real há lugar para "este" Bem? Estaria ele no âmbito dos objetos artísticos? No âmbito mercadológico das informações desencontradas da mídia? Ele poderia morar junto ao capital ou ainda pode ser encontrado no coração do homem? De dentro deste interlúdio postado na melancolia, José Saramago confraterniza ironicamente com o que chamaremos de ausência do Bem ou "mal-ser".

Neste passo, o leitor pode se indagar sobre algumas questões. É, de fato, necessária a tarefa que nos propomos neste trabalho-tese? É importante escrever sobre o Bem e o Mal? Há relevância em tratar de tais temas nos dias de hoje? Em que esta tese pode contribuir à humanidade? Parece-nos que tais perguntas são, talvez, de absoluta inutilidade pública, mas, para esta que as tentará tecer, há de se defender um propósito. O propósito é o mesmo que moveu os corações de Sócrates, Platão, Santo Agostinho e José Saramago a escreverem. O propósito de questionar, simplesmente. O que seria da humanidade se não pudesse ou não ousasse, vez por outra, à reflexão? O próprio Sócrates disse que o maior bem do homem é poder questionar a si e aos outros, sem isto a vida não valeria a pena ser vivida.[76] Portanto, fica a critério do leitor se pensar sobre o que há tanto se debate, faz-se ou não relevante.

---

[76] MARCONDES, 2000, p. 20.

2 - A ausência do Bem em José Saramago:

(...) quem é o homem, seja quem for, se é homem?[77]

Enquanto para Santo Agostinho, com base nos escritos platônicos, *o mal se fosse substância seria um bem*[78], para José Saramago o homem encontra-se imerso num contexto pós-moderno, contexto de decadência de valores como a verdade e a ética.

Saramago anuncia o tempo da falta e determina-o pela presença da mediocridade, da insatisfação, da arrogância e da ausência da verdade - diga-se autenticidade - ou a perda da "aura"[79]. Soa, então, irreversível e descompassado, para tanto, o pensamento agostiniano de Bem? Para o filósofo, o Bem pertence ao âmbito do eterno por ser próprio da natureza divina e a verdade é a verdade de Deus.

Pode haver, então, conforme os escritos agostinianos, verdades no plural? Não. Mas, conforme a concepção do tempo da pós-modernidade nos faz acreditar, sim. Carneiro Leão, por exemplo, ao tratar da verdade afirma que:

---

77 AGOSTINHO, 1987, p. 55.

78 AGOSTINHO, 1987, p. 118.

79 A aura que aqui mencionamos percorrerá esta tese referindo-se ao valor intrínseco do homem que perdeu seu lugar – a sua identidade, a sua univocidade, a sua autenticidade ou "marca de origem" – em meio ao relativismo do tempo pós-moderno. Em outros momentos, nos referiremos ao valor como sendo a verdade ou o conteúdo e a essência original (no caso, por exemplo, dos objetos artísticos de um modo geral).

> (...)*É aquém da alternativa de racional e irracional que se instaura o espaço de toda verdade. Na liberdade dessa dimensão originária se articula a verdade da razão, a verdade do mito, a verdade da fantasia, a verdade dos sonhos, a verdade da loucura. (...) É a liberdade que é a essência da verdade.*[80]

Ou seja, há, para o escritor, outras verdades que dispensaríam a razão para serem verdades. Em outras palavras, estas outras verdades se igualaríam, em valor, à verdade da razão. Mas podemos, então, deste modo, afirmar que a fantasia, o sonho e a loucura representaríam verdades? O que é a verdade, afinal? Ela depende de circunstâncias ou, como expôe o escritor, da intenção que um ser poderia ter ao estabelecê-la para si e para o outro? E seria a liberdade humana, instância e princípio tão questionável nestes tempos, a representação real da verdade? Sendo assim, deve-se propor à discussão uma questão simples porém importante: de que tipo de verdade se está a tratar ou de que tipo de ser humano pretende-se apreendê-la como tal?

Em Agostinho a verdade é o que ao homem não é possível ver pelos olhos da carne, mas apenas pelo espírito. Em Saramago, a verdade compreende, como mais uma entre tantas das invenções humanas, aquilo que já se perdeu em meio a ausência do Bem, ou seja, em meio a perda da “aura-valor”. Atendo-se ou não à existência de uma transcendência para além do homem, ou seja, de um provável Deus, a verdade, como afirma o próprio Carneiro Leão, deve ser encontrada na história vertical, ou seja, num acontecer humano sobre a terra, num existir em essência. Mas, se de fato assim é, somos levados a crer que por não

[80] CARNEIRO LEÃO, 1968, p. 393.

buscá-la nem na instância vertical nem para além dela, mas acreditar que ela é possível de ser descortinada em sonhos, fantasias, loucuras ou através de outras possibilidades, o ente humano transformou o tempo e o espaço em que vive num macrocosmo da *Ilha das Flores*[81], onde os porcos somos nós, e onde não há qualquer lugar para o sonho, a fantasia ou a loucura.

Em Agostinho, como já foi feita a referência no capítulo inicial, os seres humanos devem obedecer a três princípios, o modo, a espécie e a ordem, instâncias que pertencem à transcendência e que habitam tanto o Chronos humano (o tempo cronológico) quanto o Kairós divino (o tempo que não vemos que seria o tempo de Deus). Somente através destes princípios se poderia perceber se as "coisas" são piores ou são melhores, tanto no âmbito espiritual quanto material. O bispo de Hipona conceitua o Mal como a natureza que se encontra corrompida ainda que sua natureza seja boa, mas, quando corrompida, num dos princípios por ele determinados, torna-se má, ou seja, *nas coisas corruptíveis, a corrupção destrói tudo o que nelas constitui o modo, a espécie e a ordem, por isso mesmo destruir-lhe-á também a própria natureza.*

Assim, todo o ser, especificamente, em Agostinho, o ser racional ou, como ele mesmo afirma, aquele que abriga um "espírito da razão" que se encontra exposto à corrupção, constitui-se um Bem imperfeito, não destruído, mas constituído de menor bondade. Aos outros seres, refere-se o padre, nenhuma delas *que foram feitas do nada e que são inferiores ao espírito racional pode ser*

---

81 Citação ao filme I*lha das Flores* escrito e dirigido por Jorge Furtado, ano de 1989, que retrata o dia a dia de várias famílias que sobrevivem dos lixões.

feliz nem infeliz. Para Agostinho, os outros seres, separados do homem, passam. Esta passagem reflete a relatividade destes entes – que, como diria Heidegger, não têm a consciência de finitude - que, de forma alguma, exatamente por conta deste fato, podem atrapalhar o modo, a espécie e a ordem do universo do "espírito humano" no conjunto, no todo da criação, porque sendo em exterioridade não representam a verdade íntima, subjetiva do homem. Para Agostinho, Deus é o Sumo Bem, o verdadeiro ser, o inverso do nada[82]. Como o Sumo Ser, Deus tem como seu contrário o não-ser e a verdade lhe pertence.

Em *A Natureza do Bem* há um exemplo para que compreendamos esta relação. Agostinho expõe, de modo singular, a questão da dor. Ele diz que quando o homem se recusa a sentir a dor, este homem deixa de ser o que seria se a tivesse sentido, ou seja, deixa de ser com ela. A dor, ainda que se possa considerá-la um Mal real, trata-se de algo útil à natureza humana porque lhe oferece a possibilidade da transformação, a possibilidade da mudança. Contudo, se se modifica a natureza para ser menos boa, é inútil.

Mas, demonstra Agostinho, se o homem resiste à vontade de Deus, este *produz dor na alma, e a resistência dos sentidos a um corpo mais poderoso provoca dor no corpo.*[83] E, ao falarmos em corpo, é melhor que este esteja coberto de feridas e adoecido – como o corpo do servo Jó no relato bíblico em Jó.2:7 - do que morto, porque o corpo morto é a corrupção, é a falta, é a configuração do

---

82 *Eu sou o que sou.* Ex. 3: 14.

83 AGOSTINHO, 2006, p. 26.

nada[84], e o nada, como falta no ser, é a configuração do não-ser, o contrário de Deus.

Em Saramago, a essência, o valor violado pela relativização e pelo caos, a substância Bem ou o que aqui, em determinados momentos, chamaremos "aura", está eminentemente morta ou se tratasse de um conto fantástico, encontra-se "seqüestrada" da presença dos homens: a aura da autenticidade do objeto de arte, a aura da verdade (nas variadas instâncias que esta possa referir-se) tanto nas informações, através dos veículos de comunicação, quanto aquela que deveria habitar e dirigir o coração do homem, a aura de estatuto do sujeito humano contando a partir de sua subjetividade e alteridade, enfim, a aura-valor – aura-luz - em linhas gerais, dissolveu-se em todo e qualquer âmbito de produção ou investigação humana; são as sombras que justificam a dor de existir pela metade buscando sempre a trapaça no tabuleiro da existência.

Benjamim, ao tratar sobre a questão da reprodutibilidade técnica e sobre aquilo que determina o Bem na obra de arte, ou seja, sobre a "aura" de autenticidade nas produções artísticas, afirma:

> *Mesmo na reprodução mais perfeita, um elemento está ausente: o aqui e agora da obra de arte, sua existência única, no lugar em que ela se encontra. É nessa existência única, e somente nela, que se desdobra a história da obra. Essa história compreende não apenas as transformações que ela sofreu, com a passagem do tempo em sua estrutura física, como as relações de propriedade em que ela ingressou. (...) O aqui e agora do original constitui o conteúdo de sua autenticidade, e nela se enraíza uma tradição que identifica esse objeto (...) escapa à reprodutibilidade técnica, e*

[84] AGOSTINHO, 2006, p. 15.

> *naturalmente não apenas à técnica. (...) A autenticidade de uma coisa é a quintessência de tudo o que foi transmitido pela tradição, a partir de sua origem, desde sua duração material até o seu testemunho histórico.*[85]

Ao observarmos a desestabilização da autoridade do valor da obra, nos reportamos para esta era da dispersão e vemos que a origem, a essência da constituição do ente humano também se perdeu na História. O ente humano vive o contexto da virtualidade[86] imposta, *é o fim da metafísica, é a era da hiper-realidade que começa*,[87] uma época em que a indústria cultural transforma em detritos tanto o objeto quanto o homem, que transmuta o que está fora do homem no próprio homem e que, como afirma Baudrillard, simula até mesmo a mais banal das referências humanas, a morte, pois a identidade humana passou do ser ao não-ser. Até mesmo o inconsciente humano, na visão de Baudrillard, transformou-se em simulação, assim como a economia política e o capital, para ele valores da sociedade de primeira e segunda ordens[88].

> *A culpabilidade, a angústia e a morte podem assim ser substituídas pela fruição total dos signos da culpabilidade, do*

---

85 BENJAMIM, 1996, p. 167 e p. 168.

86 *O princípio de realidade coincidiu com um determinado estádio da lei do valor. Hoje, todo sistema oscila na indeterminação, toda a realidade é absorvida pela hiper-realidade do código e da simulação. (...) As finalidades desapareceram, são os modelos que nos geram. Já não há ideologia, há apenas simulacros.* In: BAUDRILLARD, 1976, p. 11.

Virtualidade ou virtual significa o que não existe como realidade, mas como possibilidade. À hiper-realidade, chama Braudrillard, de algo para além do que é possível ser de fato real, ou melhor, um exagero em perfeição que vem a transformar a realidade possível em total irrealidade. In: BAUDRILLARD, 2001, p. 41 e p. 42.

Portanto, o virtual compreenderia o que está além da oposição realidade/irrealidade, pura e simples, mas seria uma eliminação do real vivido, ou a presença, em essência, de uma instância outra a qual não conseguimos denominar objetivamente .

87 BAUDRILLARD, 1976, p. 128.

88 BAUDRILLARD, 1976, p. 11 e p. 12.

> *desespero, da violência e da morte. Eis a própria euforia da simulação, que se quer abolição da causa e do efeito, da origem e do fim, que ela substitui pela reduplicação. (...) Na simulação, a ilusão metalingüística redobra e completa a ilusão referencial.* [89]

Vive-se a época da subversão do Bem, da inversão de sua essência, época de vislumbrar o Nada devastando a terra de Fantasia[90]. O Bem, fruto legítimo da verdade, perdeu-se nas sombras das "não-verdades", perdeu-se no "tudo é relativo"[91], na ação da reprodutibilidade técnica, no engodo da mídia, nas duplicações falsificadas da hiper-realidade da pós-modernidade. É o *Dasein* heideggeriano representando um "entre" abandonado, por sugerir a descaracterização da autoridade do ente homem sobre o tempo e a História, igualando-o – muitas vezes até subjugando-o – aos outros entes. A verdade, então, é um valor, um princípio insustentável que as personagens saramaguianas não podem suportar ante os olhos.

No tempo e no mundo do voyeurismo – condição na qual o homem se transfigurou – distante até mesmo da estabilidade antropológica (razão / mito; macho / fêmea), diante da ausência de referenciais, vivendo um niilismo[92] existencial, torna-se impossível compreender este tempo sem que se evoque o simulacro e se admita a sua presença na História, pois a consciência que há também se constrói de modo relativo. E a relatividade surge da caverna

---

89 BAUDRILLARD, 1976, p. 128.

90 Referência ao filme *História sem Fim*, do diretor e escritor Wolfgang Petersen, do ano de 1984, no momento em que o protagonista, o menino Bastian, viaja numa fábula e a vive como realidade, vê o *Nada* – uma mistura de lobisomem e demônio – destruindo o lugar que se chama *Fantasia*.

91 Deve-se observar em "Os Laudos" ou anexos exemplificações a este respeito.

92 Nomenclatura que se refere à ausência de valores, à ausência de um Deus ou divindade e à ausência de um sentido para a vida.

contemporânea que produz as sombras nos romances, aqui em estudo: a caverna do narrador-autor. E... saramaguiando Adorno, ouve-se uma voz do romance *A Caverna* na descrição de um dos momentos em que o mito platônico aparece inserido ao contexto da obra:

> *Cipriano Algor pensou que o melhor, o mais fácil, seria levantar-se do banco de pedra e ir lá fora (...) estava era atado ao recosto do banco, atado sem cordas nem cadeias, mas atado. (...) Sou uma estátua de pedra (...) Foi neste momento que a sombra de Marçal voltou a projectar-se na parede, (...) a sombra já se tinha ido embora (...) Cipriano Algor ralhando consigo mesmo por ter assegurado o que a honra nunca lhe permitiria cumprir, quando uma sombra nova apareceu sobre a parede do fundo (...) a nossa encomenda de bonecos de barro acaba de ser cancelada (...) não sei nem quero saber por que se meteu aí, se foi para se dar ares de herói romântico à espera de que uma parede lhe revele os segredos da vida (...) mas se a sua intenção vai mais longe, se a sua intenção é imolar-se pelo fogo, saiba desde já que o Centro se recusará a assumir qualquer responsabilidade pela defunção, é que não faltariam mais, virem culpar-nos a nós dos suicídios cometidos por pessoas incompetentes e levadas à falência por não terem sido capazes de perceber as regras do mercado.*(C, p.195-197)

A partir de questões baseadas na concepção de indústria cultural, questões estas trabalhadas por T. Adorno observamos, nos textos mencionados do autor José Saramago que, a partir desta perspectiva adorniana cujo pensamento se abriga na sociedade capitalista, o homem perdeu sua alteridade.

O traçado entre os textos literários e as convicções de T. Adorno cunhou-se sob a égide do mito grego criado por Platão, pois através do mito – como acenamos anteriormente - o homem cria os símbolos, ou uma ordem simbólica, numa tentativa de dominar a natureza no sentido existencial. José Saramago, assim, abriga em seus romances a proeza de estabelecer de dentro do

contexto capitalista atual, uma analogia entre o homem que busca sua essência, seu porquê existencial e a alegoria da caverna estruturada por Platão aludindo o leitor a observar a destituição da função do homem como o sujeito do tempo, ou seja, a observar a decisão humana em abdicar, por livre escolha, de sua "aura-valor".

Adorno vê de forma apocalíptica a comunicação de massa que não se envolve com a sensorialidade ou com a mística do objeto analisado. Os objetos de massa não podem, de acordo com a categoria de indústria cultural definida por Adorno, serem ícones, exatamente pela perda da criticidade inerente à arte como saber, o que compreende um afastamento necessário do objeto para que a conceituação se faça. Saramago utiliza o mesmo parâmetro ao tratar da relação do homem com a verdade e ao constatar a perda da "aura" de sujeito. O homem, então, é uma possibilidade no nada e a verdade uma impossibilidade, vazia de significação, debaixo do tempo do virtual.

> *A indústria cultural desenvolveu-se com o predomínio que o efeito, a performance tangível e o detalhe técnico alcançaram sobre a obra, que era outrora o veículo da Idéia e com essa foi liquidada. Emancipando-se, o detalhe tornara-se rebelde e, do romantismo ao expressionismo, afirmara-se, como expressão indômita, como veículo do protesto contra a organização. O efeito harmônico isolado havia obliterado (...) A tudo isso deu fim a indústria cultural mediante a totalidade.* [93]

Saramago não revela um pensamento para um amanhã escatológico, mas um pensamento voltado para um homem que deverá responder, como ser do "pensamento e da reflexão", por tudo o que viveu ou deixou de viver na construção

[93] ADORNO, 1944, p. 118.

da História, em todas as suas relações coletivas e pessoais; o ser da razão que deva responder por suas escolhas e ações de modo natural e objetivo. Pois assim como pela memória vincula-se homem e História, pelo tempo nos veiculamos seres da razão, porque determinados por uma consciência de existir (o homem é e sabe que é), mas esta consciência necessita do tempo para *ser*. A essência humana se constrói aliada ao tempo, pois é neste, e não em outro, que seria após o da morte, que o homem produzirá toda sua história pessoal e expressará, em imagens ou palavras, suas lembranças ou suas memórias de tempos para a composição do quadro maior, o quadro da História.

Em Adorno, a condição iluminista, aquela condição do sujeito como sendo o centro de todo processo histórico, desaparece na ação do consumo. E Benjamim, ao falar da perda desta "aura", desta condição exclusivamente humana, fala da perda da autenticidade.

> *A autenticidade de uma coisa é a quintessência de tudo o que foi transmitido pela tradição, a partir de sua origem, desde sua duração material até o seu testemunho histórico. Como este depende da materialidade da obra, quando ela se esquiva do homem através da reprodução, também o testemunho se perde. Sem dúvida, só este testemunho desaparece, mas o que desaparece com ele é a autoridade da coisa, seu peso tradicional. O conceito de aura permite resumir essas características: o que se atrofia na era da reprodutibilidade técnica da obra de arte é a sua aura.*[94]

A questão do testemunho, do momento de feitura da "obra", desta ligação transcendente entre aquele que produz a obra com aquilo que é

---

[94] BENJAMIN, 1994, p.168.

produzido, é o preceito de autenticidade e o que Benjamim supõe como o que estabelece a construção da idéia de “aura”. A “aura”, então, em linhas gerais, num sentido que poderíamos chamar de metafísico, compreende o ser em essência ou a busca da origem do ente humano.

A origem metafísica do homem é tema implícito em o *O Homem Duplicado*. Tema que o narrador-autor apresenta através da presença da morte reduplicada, ou que se fará em duas, mas que, afinal, será sentida em dose dupla e, por cada consciência, como única.

> *Não me incomoda nada, Talvez o passe a incomodar se lhe der conta de uma ideia que acabou de me ocorrer, Que ideia foi essa, A de que, se somos tão iguais quanto hoje nos foi dado verificar, a lógica identitária que parece unir-nos determinará que você terá de morrer antes de mim, precisamente trinta e um minutos antes de mim, durante trinta e um minutos o duplicado ocupará o espaço do original, será original ele próprio, Desejo-lhe que viva bem esses trinta e um minutos de identidade pessoal, absoluta e exclusiva, porque a partir de agora não vai ter outros.*[95]

Para Adorno, há um antagonismo entre a arte ligada a uma essência da razão (no plano da consciência) e a uma transcendência da consciência (aquela que pela fruição suspende o racional se unindo ao Deus). Estas poderiam prefigurar formas possíveis e unificadoras de uma imanência crítica. Contudo, a indústria cultural promoveria a “estandartização”. Deste modo, a arte, então, seria uma configuração ou uma proposta iluminista (cultural) incompatível com a realidade da sociedade de consumo.

---

[95] HD, p. 221.

> *Para o consumidor, não há nada mais a classificar que não tenha sido antecipado no esquematismo da produção. A arte sem sonho destinada ao povo realiza aquele idealismo sonhador que ia longe demais para o idealismo crítico. Tudo vem da consciência, em Malebranche e Berkeley da consciência de Deus; na arte para as massas, da consciência terrena das equipes de produção.*[96]

Vemos, em Saramago, que todo idealismo e toda percepção de uma possível verdade se esvai frente ao universo de ofertas. E o que era autêntico deixa de ser, inclusive a ética. O protagonista, em *O Homem Duplicado*, vê, em si mesmo, a figura do erro, a figura do distanciamento de uma moral, um ser desfigurado de qualquer princípio que venha a conduzir seus atos.

> *Serei mesmo um erro, perguntou-se, e, supondo que efectivamente o sou, que significado, que conseqüências para um ser humano terá saber-se errado. Correu-lhe pela espinha uma rápida sensação de medo e pensou que há coisas que é preferível deixá-las como estão e ser como são, porque caso contrário há o perigo de que os outros percebem, e, o que seria pior, que percebamos também nós pelos olhos deles, esse oculto desvio que nos torceu a todos ao nascer e que espera , mordendo as unhas de impaciência, o dia em que possa mostrar-se e anunciar-se.*[97]

O narrador-autor, assim, questiona através das personagens dos romances, se, definitivamente, o ente imperfeito e finito, não se teria desprendido ou abdicado destas “verdades”, das verdades apregoadas e postas como autênticas pelas metanarrativas e, deste modo, atravessado, abrupta e

---

96 ADORNO, 1944, p.117.

97 HD, p. 28.

conscientemente, a linha tênue e determinantemente humana do “entre”, ao qual Martin Heidegger denomina como *Dasein* e o que Algor, em *A Caverna*, chamará de “frutos de seu próprio trabalho”, destruídos pela sociedade de consumo.

> *(...) toda gente sabe que o estado de espírito do criador não é o mesmo que o do destruidor, se eu pudesse começar (...) pela criação, de mais a mais na excelente disposição de ânimo em que me encontro, aceitaria com outra coragem a dura tarefa de ter de destruir os frutos do meu próprio trabalho, que é o mesmo que destruídos não ter a quem os vender, e, pior ainda, não achar quem os queira, mesmo dados. (C, p.125)*

A ciência criou uma enorme distância entre o que se pensa e a realidade ou a hiper-realidade no intuito de explicar eventos naturais, diferentemente da ciência grega – a mitologia - que, na idéia do Bem, usou a ética como meio explicador e abrandador, como constataremos mais a frente em os Laudos (os anexos). Este modo mecânico de investigação da realidade, separando o pensamento do que caracterizaria os fins racionais da vida humana, seu modo de viver, suas sensações corporais, seu relacionar-se com o “outro”, acontece, do mesmo modo, no viver capitalista onde o trabalho é principalmente caracterizado pela regra da *troca*, onde tudo pode ser valorizado por um cálculo numérico e, pelo critério da comparação, ser substituído por outra coisa. Aí entra a questão da alteridade. Até que ponto pode-se dizer que ao homem ainda é permitido “andar livremente” ou ser “sujeito de seu tempo”? Até que ponto a realidade abriga a existência humana? Caminhando neste passo, não seria o fator “capital” ou “industrial” ou “tecnológico” que estariam estabelecendo e

concretizando espaços possíveis? Nas narrativas saramaguianas, a substituição aponta, ao homem, o caminho para o “deixar de ser”. E neste deixar de ser, aponta para a fratura intrínseca, para a abertura ao nada, para o encontro com o Mal.

> *A violência da sociedade industrial instalou-se nos homens de uma vez por todas. Os produtos da indústria cultural podem ter a certeza de que até mesmo os distraídos vão consumi-los abertamente. Cada qual é um modelo da gigantesca maquinaria econômica que, desde o início, não dá folga a ninguém. (...) Inevitavelmente, cada manifestação da indústria cultural reproduz as pessoas tais como as modelou a indústria em seu todo. E todos os seus agentes (...), velam para que o processo da reprodução simples do espírito não leve à reprodução ampliada.*[98]

Assim, o que ainda teria um valor seria a força, de modo genérico, avaliada apenas pelo tempo despendido no ambiente onde o produto fora produzido (banco, fábrica, escritório, etc). Com certeza, tal fato é o que descaracteriza a pessoalidade do objeto produzido fazendo com que todos, num convite à hiper-realidade (ou virtualidade), possam ser substituídos por quaisquer outros objetos, dentro dos padrões funcionais de substituição.

Esta é a apresentação do “mundo administrado” de Adorno, onde as relações míticas ainda persistem estabelecendo formas de dominação e de construção de uma realidade que não concebe mudanças. Tal realidade diz respeito, também, ao âmbito artístico dos bens culturais, ou seja, mais

---

98 ADORNO, 1944, p. 119.

precisamente ao que conhecemos como industria cultural (ou cultura de massa). E *a indústria cultural acaba por colocar a imitação como algo de absoluto.*[99]

Adorno afirma que a produção em série de um objeto é um sábio modo desta cultura satisfazer, inocuamente, necessidades geradas pela estrutura de trabalho.

> *O elemento graças ao qual a obra de arte transcende a realidade, de fato, é inseparável do estilo. Contudo, ele não consiste na realização da harmonia – a unidade problemática da forma e do conteúdo, do interior e do exterior, do indivíduo e da sociedade -, mas nos traços em que aparece a discrepância, no necessário fracasso do esforço apaixonado em busca da identidade. Ao invés de se expor a esse fracasso, (...) a obra medíocre sempre se ateve à semelhança com outras, isto é, ao sucedâneo da identidade.* [100]

Os produtos oferecidos dão aos consumidores a falsa impressão de que eles são detentores de um poder de escolha. A verdade é que as opções não são opções, são determinações pensadas a partir de um princípio circunstancial no intuito de promover uma produção homogênea e idêntica para alimentar o ego e estimular o consumidor. A perversão da indústria cultural nos é apresentada por Saramago subvertendo a vida das personagens como a subversão simbólica provocada por um simples José, ainda que este possa transfigurar-se em um Ulisses, em *Todos os Nomes*, por exemplo. No mundo de Saramago, as relações

---

99 ADORNO, 1944, p. 123.
100 ADORNO, 1944, p. 123.

se dão a partir do vazio existencial, de um niilismo atrelado à necessidade de um Bem que não mais existe.

O importante e suficiente no sistema capitalista, não é ser. Há a extrema necessidade (e a tarefa é exatamente esta!) de se libertar em desejos e sonhos que estejam adequados ao sistema e de reprimir os outros com o fim de manter o ente humano enquadrado exercendo suas funções do modo mais "correto".

Em contato direto com a cultura de massa, o indivíduo irá procurar exatamente aquilo que lhe fora reprimido. Adorno, por isso, diz que a cultura de massa é narcisista[101] e vende, a seus consumidores, uma satisfação manipulada. Deste modo, ao facilitar a propriedade da mensagem aos que a consomem, a indústria cultural dá continuidade à transmissão de estereótipos de bem, mal, masculino, feminino, ética, valor, deixando de lado qualquer tipo de interferência crítica ou questionamento aprofundado. Tais referências não valem somente para o mundo material do ser humano como também para seu mundo particular e íntimo, porque o que está no mundo material do ente humano se fará refletir no seu mundo interior.

Em *Todos os Nomes*, o Sr. José é um chapliniano dos *Tempos Modernos* tão adequado à reprodutibilidade de suas tarefas que a qualidade de ser ou não ser ético, nos detalhes ou no todo, na metonímia das causas ou dos efeitos, torna-se uma questão de menor importância.

---

[101] *O mito de Narciso tem um duplo sentido: a sua auto-absorção evita que tenha conhecimento a respeito daquilo que ele é e daquilo que ele não é; esta absorção também destrói a pessoa que está engajada nesta situação. Narciso, ao se ver espelhado na superfície de água, esquece que a água é uma outra coisa, que está fora dele próprio, e deste modo se torna cego a seus perigos.* In: SENNETT, 1988, p. 395.

> *A falsificação da credencial não lhe levou muito tempo. Vinte e cinco anos de quotidiana prática caligráfica sob a vigilância de oficiais zelosos e sub-chefes exigentes tinham-lhe valido um domínio pleno das falanges, do pulso e da chave da mão, uma firmeza absoluta tanto nas linhas curvas como nas linhas rectas, um quase instintivo sentido dos grossos e dos finos, uma noção perfeita do grau de fluidez e viscosidade das tintas, que, postos à prova nesta ocasião, deram como resultado um documento capaz de resistir às perscrutações da mais potente das lupas.*[102]

Nesta direção, Adorno afirma que a indústria cultural recalca, paralisa, deforma e reprime a imaginação. A necessidade de "fazer parte" substitui o ser. E é desta verdade que José Saramago se apropria. O autor problematiza a questão da cultura de massa que "origina" a reprodução em série de tudo. Assim como ao reproduzir objetos, a cultura de massa gera, conseqüentemente, a banalização do valor, da "aura" do ente humano e a reprodução, em série, das sombras, ou seja, das não-verdades.

Dentro da concepção de indústria cultural, a novidade na arte contemporânea, desde a moderna, talvez participe da estruturação da presença do Mal pelo menos no que diz respeito à perspectiva capitalista de retorno imediato, visto que esta perspectiva perdura sobre o âmbito de Godot[103]: à espera.

> *What are we doing here, that is the question. And we are blessed in this, that we happen to Know the answer. Yes, in this immense*

---

102 TN, p. 56.

103 Referência à peça *Wainting for Godot* do "Teatro do absurdo" do autor Samuel Beckett, 1954. As personagens, Estragon e Vladimir, aguardam a redenção e a utopia através da espera deste ser denominado Godot.

> *confusion thing alone is clear. We are waiting for Godot to come.*[104]

O homem moderno desconhece seu tempo, esquece quem é e sucumbe à espera do que não tem, do que pode ter e do que jamais terá.

> *Mas o que é novo é que os elementos irreconciliáveis da cultura, da arte e da distração se reduzem mediante sua subordinação ao fim a uma única fórmula falsa: a totalidade da indústria cultural. Ela consiste na repetição. O fato de que suas inovações características não passem de aperfeiçoamentos da produção em massa não é exterior ao sistema. É com razão que o interesse de inúmeros consumidores se prende à técnica, não aos conteúdos teimosamente repetidos, ocos e já em parte abandonados*.[105]

Dentro desta relação de espera com base na posse e na troca, vive a humanidade. Tudo, nesse universo, pode ser substituído. Então, o que é singular ou verdadeiramente inusitado, que poderíamos chamar de novo? Se o novo contempla necessariamente um valor e se há a substituição compulsiva, há aí um paradoxo que não se pode sustentar. O novo, então, não teria valor e, sem o valor, ele é só mais um "objeto", um ente descartável num Todo virtual. Vive-se uma utopia negativa e má porque voltada para a impossibilidade do real, uma impossibilidade no seio do ente.

A Literatura, como meio provocativo e nunca à espera, viabiliza a concretização, ainda que postada na hiper-realidade, de uma relação de quem lê com o que é enunciado, com o tempo que foi enunciado, de modo a transformá-lo

---

104 BECKETT, 1954, p. 7.
105 ADORNO, 1944, p. 127.

em corpo (o texto) e espírito (o do leitor) promovendo a aproximação, no tempo presente, de tempos outros apontando na direção de uma subjetividade. Mas, mesmo esta possível subjetividade seria uma contradição porque, intrinsecamente, o novo nunca é novo, ainda que o seja a cada nova leitura que se faça. No entanto, seu ser é ficção e, portanto, uma utopia, uma ilusão negativa de ser um ente real. Na verdade, no tempo e no espaço em que se vive, nada é real.

A inserção, na coletividade, do humano como um igual, o leva a procriar, cada vez mais, uma cultura de massa dentro deste espaço onde nada é, de fato, real. Os produtos precisam funcionar como ídolos que liguem a vivência pessoal ao universo de significado social. É um falso mundo da felicidade, um mito, idealizado sob o domínio da competição onde todos são merecedores do grande prêmio por levarem a vida que levam.

> *O que é novo na fase da cultura de massas em comparação com a fase do liberalismo avançado é a exclusão do novo. A máquina gira sem sair do lugar. Ao mesmo tempo que já determina o consumo, ela descarta o que ainda não foi experimentado porque é um risco.*[106]

Através das personagens saramaguianas, a caverna de Platão ressurge para alertar a respeito de um retorno do homem às sombras, à escuridão. Ao produzir e projetar o Bem para frente, o homem viu a luz e saiu da caverna, mas ao reproduzir a si mesmo e ao alienar-se do Bem, afirma Saramago, ao tentar imitar o “sagrado”, abandonou a verdade, a autenticidade e voltou à cegueira.

---

[106] ADORNO, 1944, p. 126.

> *(...) dizem que passou a haver menos compradores para o barro, que apareceram à venda umas louças de plástico a imitar e que é isso que os clientes preferem. (...) o barro racha-se, esboicela-se, parte-se ao menor golpe, ao passo que o plástico resiste a tudo e não se queixa, A diferença está em que o barro é como as pessoas, precisa de que o tratem bem (...)*[107]

Numa busca por investigar se há, de fato, alguma diferença entre arte e cultura de massa, frente ao poder que exerce na contemporaneidade, Adorno supõe apreender seu conteúdo de verdade e não falsificar a realidade. Através da experiência estética, a filosofia adorniana mostra a voracidade com que o capital permeia todas as produções do espírito humano. A indústria cultural, então, tem como função particular, o entretenimento. A verdade, deste modo - indo ao encontro da caverna de Platão - apresenta-se obscurecida pelas falsas relações não só de trabalho como também das relações afetivas. Ao homem cumpriria seu papel de revelador desta verdade, o que, de fato, não acontece.

A arte, para Adorno, deve exprimir o sofrimento, a dor inerente à condição humana. No sistema capitalista, onde tudo pode ser substituído, uma experiência estética, contemporânea ou não, pode se tornar mera utopia, pois não pretende explicar nada, mas, simplesmente, singularizar um pensamento ou uma forma, numa construção de lógica interna, o que nos leva a crer que a arte nem é puramente racional e nem irracional. Sua coerência surge a partir da própria experiência com a coisa em si mesma. Esta singularidade se faz quando observamos que a arte consegue unir espírito e natureza, razão e emoção.

---

[107] AC, p. 33.

É o processo entre sujeito e objeto que concretiza e caracteriza de modo objetivo a expressão artística de aura. A indústria cultural imita o sujeito mostrando ao individuo aquilo que ele já vive. A arte, ao contrário, procura relembrar o sujeito de sua unidade, de sua singularidade como ente humano.

2.1 – O Subconsciente:

O exemplo da arte nos abre a porta para um significado maior, significado este que nos sobrevém a respeito do ser humano propriamente dito. Vejamos como termina o texto platônico:

> *Sócrates: E agora, meu caro Glaucon, é preciso aplicar exatamente essa alegoria (...). Devemos assimilar o mundo que apreendemos pela vista à estada da prisão, a luz do fogo que ilumina a caverna à ação do sol. Quanto à subida e à contemplação do que há no alto, considera que se trata da ascensão da alma até o lugar inteligível (...). Deus sabe se há alguma possibilidade de que ela seja fundada sobre a verdade. Em todo o caso eis o que me aparece tal como me aparece; nos últimos limites do mundo inteligível aparece-me a idéia do Bem, que se percebe com dificuldade, mas que não se pode ver sem concluir que ela é a causa de tudo o que há de reto e de belo. No mundo visível, ela gera a luz e o senhor da luz, no mundo inteligível ela é a soberana que dispensa a verdade e a inteligência. Acrescento que é preciso vê-la se quer comportar-se com sabedoria, seja na vida privada, seja na vida pública.*[108]

Nas cavernas contemporâneas de Saramago – os romances analisados como sombras -, o homem, e não a arte do objeto somente, com sua origem sagrada, de "aura" mística, porque reflexo dos desejos, dos ideais e sonhos divinos sob a perspectiva agostiniana, ao contaminar-se com o poder e o capital perdeu sua autenticidade, seu valor e passou a ser mera reprodução, filho do vazio, fruto repetido do nada, o oco desmistificado. Ao perder o Bem em si mesmo (a "aura-valor"), o ente humano passou a exercer o Mal e entrou, novamente, na caverna, passando a ver sombras, somente, ao invés da luz.

---

[108] PLATÃO, 1971, p. 271.

Na verdade, a trilogia de sombras que os romances desenham ao leitor, se apresenta como resultado de uma mesma Caverna, onde os vultos não representam a realidade, mas a simulação, um tempo que Baudrillard evoca como hiper-real, um tempo de morte. Na Caverna de José Saramago, onde todos os homens e todos os nomes se encontram, há a presentificação alegórica da desvinculação do ente humano de sua consciência crítica e criativa e a desmistificação de toda possibilidade de "aura".

> *A caverna é um espelho no qual se reflete a sociedade contemporânea, onde se vive e se cultua uma cultura de simulacros, que substitui a velha vida do passado, o que confere ao(s) texto(s) um sabor nostálgico.*[109]

Evidencia-se nas obras de Saramago, que o ente humano encontra-se configurado num tempo estritamente de angústia existencial, sem respostas, adoecido no pessimismo, preso ao comodismo da reprodutibilidade, alienado do outro e nu de referenciais que o desvelem como ser responsável por seus atos, que lhe permitam a sua auto-reestruturação em termos éticos à sociedade. É um ser sempre duplicado, porque vê somente as sombras do tempo, as sombras da caverna pós-moderna que é a sua vida. E este é o tempo do Mal. Um tempo onde, da exploração, da dor e do desgosto ainda se fazem brotar horizontes.

> *Numa sociedade dominada pela exploração, (...) a alienação não deixa de ser um modo de preservar a densidade do humano no homem, ainda que de modo negativo. Mas entenda-se: um negativo*

---

[109] OLIVEIRA, 2000, p.3.

> *que é a semente de novos horizontes(...); o homem não constrói apenas, mas sabe que constrói (...)* [110]

Comparando-se o homem agostiniano com o homem de José Saramago, vemos ambas as configurações formando uma dicotomia, uma oposição. Na dialética divina contamos com o *tudo fez Deus formoso no seu devido tempo (...) O que é já foi, e o que há de ser também já foi; Deus fará renovar-se o que se passou,*[111] mas na dialética humana não é assim. Citemos, como exemplo, o que Bertolt Brecht disse certa vez: *O que é, exatamente por ser tal como é, não vai ficar tal como está*[112]*.* Ou seja, é tudo relativo, tudo está no âmbito do "pode ser e pode não ser".

> *Tudo, signos e consciências e objetos, é efêmero, rápido, transitório; não há tempo para a intuição e o sentimento das coisas, nem para o exame lógico delas: a tônica consiste apenas em mostrar, indicar, constatar. Não há revelação, apenas constatação, e ainda assim uma constatação superficial – o que funciona como mola para a alienação.* [113]

Por isso há, em Saramago, ao percebermos a realidade "relativa" na qual o homem está inserido, uma questão central a ser respondida: resta, ainda, ao ente humano, a possibilidade de agir moralmente?

> *A massificação, a indústria cultural, a ditadura dos meios de comunicação e mesmo as ditaduras políticas são fenômenos que têm de ser analisados (...) para sabermos até que ponto o homem de hoje ainda pode escolher entre o bem e o mal. Adorno, em sua*

---

110 BORNHEIM, 1992, p.103.
111 Ecl. 3: 11-15.
112 KONDER, 2000, p. 24.
113 COELHO, 1993, p.62.

> *análise do fetichismo da música, coloca a questão: nosso mundo individualista não estaria acabando exatamente com a individualidade, estrutura básica de um agir moral?* [114]

Certo é que nem a cultura de massa, nem a indústria cultural ou os modelos de mercado, personificam ou caracterizam o Mal.

> *Os consumidores são os trabalhadores e os empregados, os lavradores e os pequenos burgueses. A produção capitalista os mantém tão bem presos em corpo e alma que eles sucumbem sem resistência ao que lhes é oferecido. (...) Obstinadamente, insistem na ideologia que os escraviza. O amor funesto do povo pelo mal que a ele se faz chega a se antecipar à astúcia das instâncias de controle*.[115]

Eles – os modelos citados - são produtos alimentados pelo ente humano pós-moderno a partir de personificações de símbolos dantes aceitos e hoje ignorados. Todos estes "modelos" se prestam, ou estão a serviço desta era hiper-real, desta era das não-verdades e da impossibilidade de escolhas cruciais como: ser livre, desejar uma verdade, viver num mundo real, etc.

> *Sem que haja um gênio do mal, uma vontade maior, maquiavélica, que decide sujeitar toda a humanidade através de um instrumento: a indústria cultural. Acreditar no contrário, nessa entidade malévola, é bem mais fácil e cômodo do que aceitar a idéia de que cada um de nós é responsável pela existência e desenvolvimento dessa consciência indicial*. [116]

---

114 VALLS, 1994, p. 69.
115 ADORNO, 1944, p. 125.
116 COELHO, 1992, p.64.

O discurso saramaguiano – o discurso do artista que doma a “besta fera”[117] - se quer nutrir de um falar ontológico porque declarativamente aproximado da revelação do ente humano da atualidade desvinculado da verdade, que busca sua casa, seu espaço sem jamais encontrá-lo. Ficcionalmente, a palavra narra, a partir de uma multiplicidade de significados, o espectro humano anulado pela dívida advinda de um viver hiper-real que descaracteriza toda subjetividade e identidade humana a partir da falência do Bem e da irrupção do Mal.

Atrelado à angústia, José Saramago se apresenta tão somente como um homem que sente e pensa suas dores e questões como dores e questões do homem universal. O quase-profeta Saramago (e alguém já disse que “Os artistas são a antena da sociedade”) adentra o “esconderijo” das sombras – a Conservatória de mortos e vivos, a indústria do Centro que reproduz em plástico o que o oleiro faz em barro e a intimidade de um duplicado – para descobrir que, neste templo, relembrando o mito platônico, nesta Caverna “pós qualquer coisa”, mora o nada, o vazio, a total e absoluta ausência.

Abaixo, observamos o diagrama do homem saramaguiano, o homem pós-moderno, multifacetado que sobrevive num contexto irreal, ou seja, vive sob a instância de um tempo onde tudo se faz através da simulação, do simulacro, onde tanto sua alteridade quando sua subjetividade encontram-se comprometidas. Assim como acontece com a arte e com os valores, o homem também perde sua

[117] Expressão utilizada po Ernest Fisher em *A Necessidade da Arte* ao tratar de questões como a relacionada ao processo , consciente e racional, do trabalho do artista que é conseqüencia, direta, de uma transformação da experiência em memória e da memória, posteriormente, em expressão e forma. In: FISCHER, 1971, p. 14.

“aura-valor”, a sua possibilidade de continuar sendo, para a liberdade, o sujeito da História, porque ao declarar que não há uma verdade mas verdades possíveis ou não-verdades, perdeu a consciência de si e do “outro”, alienou-se do Bem permitindo que o Nada o engolisse, o devastasse e que o Mal, enfim, se tornasse algo com substância.

Através da figura ímpar do DNA, faz-se a abordagem do esquema ou diagrama 2:

Esquema 2: O Homem saramaguiano

Simulacro

Contexto

Aura - desmistificada

não-verdade

alienação

sujeito-eu-objeto

- **NADA - Mal real**

2.2 – O Mal é pós-moderno?

Disse um astronauta
Que a Terra é azul.
Então, azul na Terra
Não falta.
(...)
Manhãs são azuis,
Assim como azuis
São as noites de Natal,
Assim como deve ser
Azul
A cor do bem
Que luta contra
O mal.[118]

Consideramos, sob o "azul" aparente da Terra, a necessidade ou a urgência de se pensar a vida, de questioná-la enquanto o viver existe e segue valendo por ser em *existência*.

[118] LALAU, 1997.

Observamos, com este propósito, a imagem da realidade desvelada[119] pela mídia e produzida a partir do despreparo do homem atual ao utilizar a escrita não como fonte de uma ética, de uma história ou de um sonho humano, mas como mero meio informativo descartável, desprovido de "aura", em ausência do Bem, a fim de servir-lhe os propósitos, sempre com um fim: o objetivo de divulgar ou manipular verdades. Desta era, considerada pós-moderna para alguns ou virtual para outros, era de montagens, de produções em busca de satisfações imediatas, de lucro fácil ou de prazer momentâneo, apontamos para o descompromisso do homem com a ética do bem comum que, de um modo geral, sustenta ou sustentava-o até então.

Escolhemos pensar sobre a existência humana imbricada, hoje, num processo diverso e confuso onde o entretenimento e a tragédia se encontram "num próximo capítulo", diante de todos os olhos – ainda que cegos – frente à TV ou a um computador.

Antes, porém, de pensarmos o pós-moderno e adentrarmos sob suas proposições ainda tão discutíveis, é necessário sabermos que a "mentalidade moderna" foi gerada pós-Guerra dos Trinta Anos e de um mundo onde o Iluminismo (o homem no centro do universo) ascendia no vigor da meninice.

Assim, o sujeito do "pós" é o centro do processo, capaz de ser aperfeiçoado pela tecnologia que ele mesmo criou a partir da razão.

---

[119] Desvelada não no sentido filosófico de revelação da palavra verdade, mas no sentido etimológico da palavra.

Como um prolongamento natural deste trabalho, consideramos viável e apropriado uma inevitável abordagem a respeito deste tempo presente, pois é dele que o autor dos romances escolhidos para análise, José Saramago, se nutre e a partir dele que enuncia sua escritura. Determiná-lo ou prognosticá-lo como caminho do "pós" talvez possa causar certo constrangimento tanto por falta de comprovação científica quanto humana, pois muitas pesquisas ao redor do tema são críveis ou possíveis de receberem "crédito".

O significado de um texto, por exemplo, no mundo moderno, pode representar uma mesma leitura, mas na pós-modernidade, os significados são múltiplos, pois o significado não mais seria parte do texto mas estaria vinculado, somente, à interpretação do leitor. Contudo as dúvidas permanecem; os indícios, as evidências e os "acidentes" do tempo da pós-modernidade se portam como frutos das não-verdades, da era do simulacro e, como afirma Stanley. J. Grenz, *(...) nesse novo mundo, o tempo não é simplesmente linear, a aparência não é sinônimo de realidade e o racional nem sempre é confiável*[120]. A atitude do tempo do "pós" denuncia uma necessidade do ente humano de administrar, em si mesmo, uma nova percepção do "outro" e de alcançar o propósito de atitudes de cooperação ao invés de ir em busca de "novas conquistas".

Os pós-modernos rejeitam uma verdade única, ou verdades que determinem a sociedade como um todo. A verdade é, para estes, encontrada e exercida apenas por comunidades específicas da qual um indivíduo participe e, portanto, configura-se como "possibilidades várias", ou seja, a verdade pode ser

[120] GRENZ, 1997, p. 27.

“muitas verdades” porque muitas são as comunidades que formam o conjunto social. Assim, observa-se, claramente, uma característica fundamental do “pós”: a quebra dos paradigmas, ou seja, o relativismo.

Alguns discursos que anunciam ou representam, de certo modo, o “pós”, não passam ainda de discursos modernos, discursos que no passado revelavam-se de vanguarda porque eram o resultado de uma “evolução” ou uma dissolução natural – porque tudo responde à premissa de causa e efeito – do ente humano frente às revoluções, às guerras, à mídia, à tecnologia, à ciência e ao capital. Ou seja, grande parte do que hoje se estuda sobre a pós-modernidade é repercussão de uma época que ainda se pode chamar revolucionária. O discurso do “pós” torna-se alienação do tempo que se denomina tempo moderno? É possível.

Para Jean Baudrillard, ele é o discurso do tempo que “abandonou a realidade”[121]. Uma das bases modulares sobre a qual se funda a liberdade, por exemplo, é a realidade - de acordo com algumas reflexões filosóficas de Martim Heidegger. A realidade inspira, ao mesmo tempo, o pavor e a alegria no homem. Ela, então, revela-se como um princípio de ambigüidade, porque o ente humano encontra-se, deste modo, amargurado entre o paradoxo dessa ambigüidade e a certeza de ser a própria ambigüidade ou a antítese original, sempre uma parte, ou um fragmento ou mesmo fragmentos de um inteiro “entre” o Bem e o Mal. Ou seja, a realidade, sustentada pela liberdade, se mostra ao homem como um princípio no ser.

---

[121] BAUDRILLARD, 2001, p. 41.

Contudo, de acordo com Jean Baudrillard, a realidade deixou de ser um princípio nesse tempo. Hoje, a realidade é virtualidade ou hiper-realidade. Sendo assim, a questão que se interpõe, diante de tais circunstâncias, é a seguinte: E a liberdade? Onde ela se encontra?

A condição humana pós-moderna, conseqüentemente, nos leva ao encontro do que Martim Heidegger denominou de "nada" com o modo de pensarmos a dialética da modernidade em um mundo onde o Mal vive por essência e não por ausência, *pois o que "funda" o Ser é somente esse brotar perpétuo de sua própria livre transcendência, que é ela mesma uma espécie de nada*.[122] Assim, quando a essência do ser humano está na dependência da sua liberdade aí, então, surge este nada. O deixar de ser implica o deixar de ser livre e deste deixar de ser livre nasce o nada, ou seja, nasce a essência daquilo que configuraria o Mal. A partir destas reflexões, então, poderíamos afirmar que quando o ente humano não consegue mais ser para a liberdade de pensamento, ele passa a não mais exercer a sua existência.

Em *O Livre-arbítrio*, Evódio, conversando com Santo Agostinho, questiona sobre a decisão ou atitude do homem em praticar o Mal e o santo responde,

> *Ah! (...) ferido, sob o peso de tamanhas e tão inconsistentes fábulas, que se não fosse meu ardente desejo de encontrar a verdade, e se não tivesse conseguido o auxílio divino, não teria podido emergir de lá nem aspirar à primeira das liberdades _ a de poder buscar a verdade. (...) Nós cremos em um só Deus, de*

[122] EAGLETON, 1990, p. 219.

> *quem procede tudo aquilo que existe. Não obstante, Deus não é o autor do pecado*. [123]

Em José Saramago, o nada será o resultado final do homem, este ser conflituoso, sem descanso, sem pouso, sem um Deus e sem um lar caracterizado por Heidegger. Este será o resultado, enfim, da produção do próprio ente humano, por ter gerado o Mal e por ter transgredido princípios inegociáveis.

> *O Ser heideggeriano é abissal e desancorado, uma espécie de fundo sem fundo, que se sustenta, como a obra de arte, em seu próprio jogo livre e sem propósito. (...) o Ser tem uma indigência interior que o Dasein deve suplementar. Visto como parte do Ser, o Dasein pareceria compartilhar de sua não-necessidade; mas considerado em relação ao Ser, ele parece graciosamente dispensado deste destino. E isto é certamente uma notícia bem-vinda para nossa humanidade alienada, mesmo que o alto preço que deva ser pago seja a virtual extinção do sujeito como agente livre (...).*[124]

Torna-se evidente, deste modo, que o diferencial humano, a sua ainda possibilidade em ser um ser "aurático" – ou pelos valores éticos dos quais se utilizava para reger sua existência ou pela sua consciência de filiação celestial - se perde em meio a trocas simbólicas[125]. Nem a própria realidade, como vimos, pode devolver ao humano e a si mesma – à própria realidade - um caráter de

---

[123] AGOSTINHO, 1995, p. 28.

[124] EAGLETON, 1990, p. 219.

[125] *É a obrigação de reversibilidade que põe termo, simultaneamente, à determinação e à indeterminação. Põe termo às energias ligadas nas oposições reguladas, e junta-se assim às teorias dos fluxos e das intensidades, libidinais ou esquizofrênicas. Mas o desprendimento das energias é a própria forma do sistema actual, a de uma deriva estratégica do valor. Pode o sistema (...) desmembrar-se (...) a impossibilidade de distinguir (Deleuze) a esquizofrenia capitalista da esquizofrenia revolucionária. Pois impera o sistema: como Deus pode ligar e desligar as energias. O que não pode fazer (e é a isso que ele não pode escapar) é ser reversível. O processo do valor é irreversível. Portanto, só a reversibilidade, e não o desprendimento ou a deriva, é que é mortal para ele. O termo "troca" simbólica não quer dizer outra coisa*. In: BAUDRILLARD, 1976, p. 15.

possibilidade visto que esta se encontra descaracterizada pela hiper-realidade, totalmente absorvida pela simulação, por isso Heidegger, nas palavras de Eagleton, expõe *um sujeito formal e abstrato da sociedade de mercado, esvaziado de qualquer substância ética e deixado apenas com uma noção de "si-mesmo"*. [126]

O que dela nasce - desta "realidade-irreal" – não é mais, deixou de ser, ou seja, é morte, pois se perde na indeterminação do sujeito, do objeto e do tempo. O que, de acordo com Santo Agostinho, poderá acontecer em relação à verdade. Ao ser absorvida pelo simulacro, na contemporaneidade, a verdade adquirirá um caráter indeterminado e, por isso, uma designação de vazio; *a verdade é inerente à essência das coisas, de modo que aletheia, ou o ato de desvelá-la, é ao mesmo tempo uma questão de fato e de valor*[127]; o sujeito, por sua vez, como estatutário de símbolos e portanto de valores, não tendo mais como determinar uma verdade, mas somente não-verdades, perde o direito à primeira das liberdades humanas, a qual refere-se o filósofo Agostinho: a de poder buscar a verdade, já que ela – a verdade – abandonou seu caráter de existência, seu ser, e tornou-se o vazio.

> *O princípio de realidade coincidiu com um determinado estádio da lei do valor. Hoje, todo sistema oscila na indeterminação, toda realidade é absorvida pela hiper-realidade do código e da simulação. É um princípio de simulação que doravante nos rege, em vez do antigo princípio de realidade. As finalidades desapareceram, são os modelos que nos geram. Já não há ideologia, há apenas simulacros.*[128]

---

126 EAGLETON, 1990, p. 223.
127 EAGLETON, 1990, p. 222.
128 BAUDRILLARD, 1976, p.11.

Compreendemos a pós-modernidade, então, como a contradição em constante estado de mudança. Vivemos a era da dialética do mundo do "pós". *Tudo existe em constante mudança (...) o conflito é o pai e o rei de todas as coisas.(...) vida e morte são realidades que se transformam umas nas outras*.[129] O pós-modernismo surge com o aparecimento da sociedade de informação depois da era industrial. Essa nova sociedade leva o homem a uma "consciência" mais diversa, ou seja, a uma possível inconsciência ou alienação. O homem vive para um pensamento globalizante e pouco voltado para a emoção, avançando em direção a uma atitude mental eclética, frente à multiplicidade cultural e plural desta nova sociedade cujas características são a segmentação de informações e a fragmentação de uma cultura de experimentação, de onde surgem variados estilos de uma só vez.

Em contraponto ao modernismo, se é que assim podemos dizer, os pós-modernos nos acenam de um universo multifacetado, onde o "centro", ou seja aquilo que antes se poderia considerar como o "eixo" de poder, se perde. As ciências já não apontam, no pós, caminhos de referência. Há anos sabe-se que ciências como a Antropologia, a Psicanálise e a Lingüística, por extensão, descobriram que não há, para o ente humano, qualquer possibilidade de pensamento ou de se pensar o próprio homem se não houver a linguagem, ou seja, para ser é preciso que haja espelhos, ou seja, referenciais.

---

[129] KONDER, 2000, p. 8.

No mundo do “pós”, encontramos um tecido construído sob uma recriação ou uma reproposição semiótica superlativa, ou seja, há a tecnologia e os meios de comunicação e de cultura de massa que, de certo modo, prevalecem dentro da cadeia de sustentação entre sujeito/objeto, produzindo um universo mimético, pantomímico, centrado no simulacro.

O modernismo creditava ao Iluminismo o progresso que estimulava e alimentava um sentimento de utopia em relação ao mundo. Nesta era do “pós”, ao contrário, a razão, conseqüentemente, parece-nos pouco convincente agregando-se a ela aspectos e características de outras visões de mundo como, por exemplo, visões múltiplas e simultâneas que retratam do barroquismo ao romantismo. A pós-modernidade promoveria uma visão de colagem, uma montagem que revelaria um estilo próprio de ser, o estilo “pós-moderno”. O pós-moderno nomeia a clonagem do real (a cópia perfeita que na verdade não segue os mesmos caminhos da matriz) para a sua transmutação em hiper-realidade, em virtualidade, como veículo à mídia e ao contato com o outro.

Autores pós-modernos levam o leitor, com certeza, a despir-se de crenças tidas como eternas por terem como referência a História da humanidade. De um modo geral, e aqui especificamente falando da literatura de ficção, a influência pós-moderna conduz a arte a enfocar o momento em que se está e não mais o atemporal, realçando um olhar diferenciado sobre o tempo.

> *O romance pós-moderno, alega Meltale (1987), caracteriza-se pela passagem de um dominante “epistemológico” a um “ontológico”. Com isso ele quer dizer uma passagem do tipo (...)*

> *que permita (...) uma melhor apreensão do sentido de uma realidade complexa, mas mesmo assim singular à ênfase em questões sobre como realidades radicalmente tão diferentes podem coexistir (...). Em conseqüência, (...) as personagens pós-modernas (...) parecem confusas acerca do mundo em que estão e de como deveriam agir em relação a ele.(...) "Quem era eu? O eu de hoje estupefato; o eu de ontem, esquecido, o de amanhã, imprevisível?"* [130]

O leitor já não mais observa o universo somente a partir da História, ou seja, de um determinado limite estratégico, de um tempo reversível, mas também, e principalmente, através de lentes desconstrutoras de qualquer limite, do propósito da desregulação. Na ficção, que toca os limites do fantástico, o leitor é convidado a questionar-se e a questionar o mundo, a memória e o tempo em que vive.

> *Seguindo o estilo pós-moderno geral, a ficção pós-moderna emprega a tática da justaposição. Alguns autores (...) uniram formas tradicionais de modos vários com o objetivo de proporcionar um tratamento irônico a temas que, não fora isso, seriam perenes.*[131]

Conquanto a pós-modernidade é um projeto intelectual "em progressão", ou, como afirma Lyotard, um projeto "para frente", a verdade deixa, no espelho, seu rosto de eternidade, de postura fixa e passa a ser um reflexo em inversão por estar condicionada à outrem, aos valores que, num momento específico, a sociedade lhe determinar. A verdade, deste modo, torna-se objeto de troca ou produto condicionado à venda, de consumo rápido e fácil e cuja

---

130 HARVEY, 1992, p. 46.

131 GRENZ, 1998, p.53.

existência, relativizada pelo contexto, pode figurar a própria dispensação de uma não-existência em essência, inclusive a da liberdade, como vimos pelas colocações de Agostinho quando o princípio do amor a Deus, do Sumo Bem, é negligenciado. Em Heidegger, a liberdade pode vir a destruir *as devoções estabelecidas e antigas em relação à terra*, mas segundo ele mesmo, *nada pode escapar deste apelo da terra, de qualquer modo, e toda aparente liberdade é servidão ao Ser*[132].

O mundo do "pós" é, sobretudo, um mundo forjado a partir do que se destrói para uma posterior montagem de construção relativa. Desta feita, a verdade é entendida como irreal e o Bem, por exemplo, não mais se traduz como certeza ou ética, mas como uma possibilidade, um desvio ou, mesmo, uma impossibilidade à liberdade ao homem do tempo presente. A ética é o Bem em prática, é a práxis da arte daquilo que é bom. Por base Histórica, podemos pensar a ética como fundamento religioso, antropológico ou cósmico[133]. Mas, pensar o Bem é pensar sobre todos estes aspectos e de modo a ampliá-los.

Os pós-modernos tem como uma das bases referenciais que marcam de modo definitivo a passagem da era moderna para a atual – a era do "pós" - o fim das metanarrativas. Estas representaríam os chamados "mitos legitimados" ou leis que, para o projeto Iluminista, representavam o sistema através da conservação das relações em sociedade "legais", ou melhor, como provas da autonomia de toda e qualquer comunidade. Representantes do "pós" afirmam que

---

132 EAGLETON, 1990, p. 224.
133 MARCHONNI, 1997, p. 118.

estas narrativas vêm perdendo sua credibilidade. Viver-se-ia a era da morte das metanarrativas onde todo mito deixaria, no caso, de ser legítimo, ou de ser autêntico.[134] Ainda assim, o fato é que as metanarrativas ainda servem como "ficções utilitárias" à sociedade pós-moderna pois convivemos, hoje, muito mais do que ontem, com a marca da dissensão. A dissensão do mundo do "pós" é a abertura ao diverso, ao múltiplo.

Por isso, dizemos que a pós-modernidade acentua, em todos os aspectos – social, econômico, político e religioso – a fragmentação da subjetividade humana e, conseqüentemente, da individualidade, favorecendo a desintegração do ser. O sujeito encontra-se "incapacitado" ao exercício de sua tarefa própria e insubstituível de sujeito, tornando-se um observador, um espectador totalmente receptivo às variadas informações e deformações, um ser manipulável - mais um em meio a outros tantos seres - desprovido de algo que lhe dê uma razão para viver debaixo do sol.

Debaixo do sol da pós-modernidade, a literatura saramaguiana corresponde a este tempo, integrando-se a ele, e, ao mesmo tempo, o desafia, o questiona, o ironiza, revelando, a partir dele - desta era - um ente humano sem casa, à procura do que lhe produz em falta - a falta configura a irreverência diante da divindade, como explica Marilena Chauí[135], uma vergonha ou uma transgressão que depois produzirá culpa - muito mais do que daquilo que lhe é

---

134 LYOTARD, 1989, p. 23 e p. 24.

135 CHAUÍ, 1995, p. 304.

visível e desejável procurando, enfim, o que Santo Agostinho afirma em seus escritos ser parte do homem, por pertencer a Deus ou ser o próprio Deus: o Bem.

CAPÍTULO 2:

A Fantasia Analisada – o inconsciente.

Ó Senhor meu – a quem a minha consciência cotidianamente se confessa (...), mostra-me, eu Vo-lo peço, que proveito haverá em confessar, neste livro, também aos homens, diante de Vós, não quem fui, mas quem sou?[136]

2.1 – Narrativas de reminiscência: leituras possíveis.

[136] AGOSTINHO, 1987, p. 172.

> *É, pois, pela mão desse narrador-autor que me apraz seguir por caminhos planos ou íngremes, retos ou tortuosos da ficção (...).*[137]

Em *O tempo e o ser da Poesia*, no capítulo intitulado "Poesia Resistência", Alfredo Bosi traça um perfil temporal da permanência da poesia ou da tentativa, desde os simbolistas, de a manterem viva. O autor inicia seu estudo evocando a natureza mítica da palavra. Ele fundamenta seu discurso baseando-se no poder do ente humano de nomear os seres e acrescenta ser, este, o fundamento da linguagem.

Como um demiurgo, o homem, que trabalhava essencialmente com a palavra (e, neste caso, determinantemente os poetas, para o autor Alfredo Bosi) torna-se um "doador de sentido" e, também, este irá refletir a manifestação da força, como afirma Laymert G. Dos Santos, do seu próprio tempo e do tempo mítico em ação[138]. Acrescentamos, no nosso caso, em particular, os narradores. Não os narradores, ou prosadores, que, na atualidade, privilegiam a comunicação em massa ou as informações substituíveis, mas aqueles que, do mesmo modo que o artesão realizava, imprimem sua marca, como lembra W. Benjamim em "O narrador".[139] Então, nos referimos ao narrador conselheiro que enuncia tempos de tempos e nos faz caminhar sob o tédio[140]. Este é o narrador que reclama, do leitor,

---

137 BERARDINELLI, p. 3.

138 SANTOS, 1992, p. 198. In: NOVAES, 1992.

139 BENJAMIN, 1996, p. 205.

140 O tédio, de acordo com W. Benjamim, seria *o pássaro de sonho que choca os ovos da experiência. O menor sussuro das folhagens o assusta. Seus ninhos – as atividades intimamente associadas ao tédio – já se extinguiram na cidade e estão em vias de extinção no campo. Com isso, desaparece o dom de ouvir (...) Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. (...) Assim se teceu a rede em que está guardado o dom narrativo. E assim essa rede se desfaz hoje, por todos os lados, depois de ter sido tecida, há milênios, (...).* In: BENJAMIN, 1996, p. 204 e p. 205

sua capacidade de ouvir, memorizar e rememorar. Ou seja, aquele ser que instaura, epicamente, a reminiscência[141].

Na reminiscência encontramos o narrador encarnado como grande construtor dos tempos, ou seja, construtor dos conselhos da verdadeira narrativa, da obra literária que sempre exigirá, do leitor, uma abertura. O verdadeiro narrador é aquele que molda o barro à perfeição e a experiência do leitor, com o texto ficcional, o leva tanto à uma experiência na ficção quanto à uma experiência viva, por isso Ricoeur dará o nome à experiência do leitor com a obra literária de uma experiência na transcendência imanente, porque, diremos, tanto corresponderá ao contato físico quanto ao espiritual.

> (*...) a noção de mundo do texto exige que abramos (...) a obra literária para um "fora" que ela projeta diante de si e oferece à apropriação crítica ao leitor. (...) Uma obra pode estar, ao mesmo tempo fechada, sobre si mesma à sua estrutura e aberta para o mundo à maneira de uma janela, que recorta a perspectiva fugidia de uma paisagem oferecida. (...) O que chamamos aqui de experiência fictícia do tempo é apenas o aspecto temporal de uma experiência virtual do ser no mundo proposta pelo texto. É desta maneira que a obra literária, escapando de seu próprio fechamento, refere-se a..., dirige-se a..., em suma, é a respeito de... (...) o mundo da obra constitui (...) uma transcendência imanente ao texto*.[142]

Nos romances de ficção que aqui nos propomos analisar optamos por uma via única. Os contextos são diferentes entre si, no que tange às instâncias enunciadas pelo autor, a saber, as personagens, os enredos, os espaços. No

---

[141] Palavra utilizada por Benjamim na obra já citada, capítulo: "O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov", p. 211, a fim de mostrar que esta *funda a cadeia da tradição que transmite os acontecimentos de geração a geração.*

[142] RICOEUR, 1983 b, p. 182.

entanto, as sombras dessa trilogia representam uma só sombra a narrar uma só história: a história do homem universal e das relações que ele decidiu promover estabelecendo para si a escolha do Mal como seu conselheiro.

O foco narrativo, de acordo com Ligia Chiappini, baseia-se em problemas tais como o ângulo da narração, a forma e a tipologia do narrador (onisciente, intruso, testemunha, protagonista, etc.), ou seja, o foco irá refletir o ponto de vista desejado daquele que escreveu a obra, ou melhor, sua perspectiva. [143]Definiremos que o foco narrativo saramaguiano, ou seja, sua perspectiva, para a dissecação das sombras nestas três narrativas, encontra-se "sistematizado", ou problematizado, a partir da distensão entre a dor do autor e a necessidade de rememoração do narrador ao demarcar os tais vestígios de sombras, contando sobre aquilo que toca o coração e causa a morte.

A enunciação ficcional transpassa esta distensão e propicia seu paradoxo porque a *(...) ficção, em seus múltiplos desdobramentos, é algo para além de delicado (...)*[144]*.* Há o apelo, assim, pelo estreitamento, um estreitamento entre essas duas perspectivas: a da percepção do autor, José Saramago, homem da contemporaneidade, dotado de agudezas e contrastes humanos, homem senhor de seu dom, menino órfão de Deus, em busca... sempre em busca do ser, e a perspectiva da percepção do narrador, aquele que voa ao encontro do outro, que anseia suprir-se da memória para suster a vida ao enunciá-la, um pássaro solitário trabalhando o ninho. Há de se observar, no entanto, algumas reflexões,

---

143 LEITE, 1985, p. 89.

144 PADILHA, 2002, p. 16.

coerentes com o tempo da modernidade, de Roland Barthes. Ele afirma que a figura do *Autor* não representa mais a do pai de sua obra, o filho, como na antiguidade clássica. Este seria, apenas, um "sujeito" que, fora da enunciação, encontra-se esvaziado. Ou seja,

> *(...) o escritor moderno nasce ao mesmo tempo que seu texto; (...) não é em nada o sujeito de que o seu livro fosse o predicado; outro tempo não há senão o da enunciação, e todo texto é escrito eternamente aqui e agora.*[145]

Certamente que podemos concordar com as tais premissas de Barthes sobre o *Autor*, contudo se a literatura nos permite aberturas e se a teoria nos atesta possibilidades e investidas, podemos também supor contrários ainda que inseridos no contexto mesmo do esvaziamento, neste contexto denominado de pós-moderno.

Caminhando nessa direção, pelo "entre-lugar" (que Heidegger denomina como sendo o *Dasein* ou consciência da finitude) colhido do afastamento e do estreitamento entre o autor e sua obra, na direção, enfim, deste construtor de tempos e espaços, aquele que chamaremos de narrador-autor[146] – onisciente como um deus, mas intruso e irônico como um demônio, no caso específico dos romances aqui escolhidos para análise -, o ser encharcado pela palavra (a carne de seus pensamentos[147], palavra-signo que deixa relativamente de ser arbitrária,

---

145 BARTHES, 2004, p. 61.

146 Sustento a conceituação dada à expressão *narrador-autor* pela versão apresentada por Cleonice B. ao termo em *Pelas mãos do narrador.*

147 Marilena Chauí em "A experiência da linguagem", p. 149, admite e defende a idéia de que as palavras são nossos pensamentos encarnados.

passando a ser motivada quando se veste em símbolo e permite o caminhar dos múltiplos sentidos[148]) que, através de uma prosa literária, que beira o fantástico, proporá, ao leitor - este outro ser que alimenta e determina o caráter da leitura - a tessitura de uma visão quanto ao esgotamento da essência do ente humano, estabelecendo uma ordem simbólica onde memória, tempo da narrativa, espaço da narrativa, personagens, enredos e a atribuição de valores se apresentam dentro do contexto atual.

O aporte da narrativa fantástica é composto, entre outros atributos, por um descompromisso com às temática reclusas em si mesmas. Seu fluxo corresponde, exatamente, ao contrário dos discursos "prontos", fechados e se insurge para reverter valores. Por outro lado, é preciso levar em conta o que Linda Hutcheon acrescenta sobre o discurso pós-moderno:

> *(...) tanto a arte como a teoria pós-modernas atuam no sentido de revelar a cumplicidade entre discurso e poder reenfatizando a enunciação: o ato de dizer é um ato intrinsecamente político. (...) Portanto, o discurso é ao mesmo tempo um instrumento e um efeito do poder. É por causa desse paradoxo que ele é tão importante para o pós-modernismo.*[149]

Irène Bessière acentua que o fantástico se configura como uma narrativa "fantasma", apesar de creditar à definição dada uma certa parcela de confusão por conta do termo usado. Por que fantasma? Bessière explica que esta definição não comporta o sentido real da obra fantástica, sendo, por isso,

---

148 TODOROV, 1980, p. 97.
149 HUTCHEON, 1988, p. 235.

insuficiente. Mas de nossa parte acreditamos que “o fantasma” tem sua razão de ser. Esta imagem traz consigo o desafio de uma nova “manière de conter” ou “modo de ter a intenção de”.[150] Sendo assim, a narrativa fantástica trabalha com a inversão, convivendo, certamente, com os valores paradoxais mencionados acima (em citação) e com suas sombras “fantasmas”. Esta narrativa, assim, incita o leitor a descartar a inconsciência e a procurar-se dentro de sua realidade vital apagando todo “artigo de lei” (a tradição), como afirma Bessière.

A narrativa fantástica levaria, assim, a um tipo de solidão do leitor por definir a ruptura entre a literatura e a realidade circunscrevendo-o apenas a uma liberdade do seu próprio imaginário. No entanto, trabalha com o ser e todas as questões ligadas a ele, como, por exemplo, suas crenças, seus conflitos e os resultados destas questões. A atualidade, para o fantástico, por isso, é problemática.

> *(...) Les références théologiques, ésotériques, philosophiques ou psychopathologiques du récit fantastique ne doivent pas tromper: elles n'attestent pas l'existence de l'immanence de quelque état extra-naturel; elles ne sont pas de simples artifices narratifs destinés à enfermer le herós et le lecteur dans une manière de paradoxe dont l'irrésolution tiendrait alours plus du trait d'esprit ou de l'ironie qu'elle ne valoriserait l'angoisse. Le récit fantastique utilize des cadres socioculturels et des formes de l'entendement qui définissent les domaines du naturel et du surnaturel, du banal et de l'étrange, non pour conclure à quelque certitude métaphysique mais pour organiser la confrontation des éléments d'une civilisation relatfs aux phénomènes qui échappent à l'economie du réel et du surréel, dont la conception varie selon l'epoque.*[151]

---

150 (...) *pour fabriquer l'absolument original, l'arbitraire.* In: BESSIÈRE, 1974, p. 14.

151 BESSIÈRE, 1974, p. 11.

Em sua obra, Bessière descarta a imanência das categorias teológicas, esotéricas, filosóficas e psicopatológicas da narrativa fantástica. Elas são aí utilizadas não por motivos metafísicos, mas para organizar a confrontação de elementos de uma determinada civilização numa dada época. Sendo assim, o fantástico não se define pelo inverossímil. Sua estratégia seria a justaposição de diversos verossímeis que são hesitações da sociedade, não intentando atingir nenhuma verdade, mas repousando a consciência na sua própria falsidade.

O fantástico é a figura de um questionamento cultural, nascido do diálogo do sujeito com suas próprias crenças, revelando o estatuto do sujeito e do real em discussões historicamente datadas no ser, como afirma I.Bessière:

> *Par là, le récit fantastique échappe aux logiques du conte et de la narration des realia (nouvelle ou roman).Dans cette dernière, l'interrogation du héros sur le reel et les événements ne se sépare pas de la question d'identité (qui suis-je?) et d'un jugement sur le pouvoir personnel et la valeur (que dois-je faire et que puis-je faire?); le thème de l'atcion ou de l'agissement prévaut et explique que l'exploration et la conquête du réel soient inévitablement l'occasion de la connaissance de soi. Intériorité et extériorité communiquent nécessairement.*[152]

Por esvaziar os símbolos de toda significação fixa e por ser lido como o inverso das metanarrativas, o fantástico evoca e perverte as opiniões relativas ao real e ao anormal, porque *le discours cultive, fabrique et évoque*.[153] No fantástico há a impregnação do acontecimento, diferentemente da narrativa realista, onde o

---

152 BESSIÈRE, 1974, p. 14.
153 BESSIÈRE, 1974, p. 13.

comportamento fala mais alto. O que não quer dizer que haja, no fantástico, através do acontecimento, uma busca de conhecimento ou de auto-conhecimento do herói. Justamente aqui, a personagem é geralmente inerte, não exerce ação, e as conclusões tiradas do estatuto do sujeito surgem a partir da maneira como os fatos se dão no universo apresentado. Por isso, o fator importante e predominante não é o eu, mas o próprio acontecimento que será o índice de desregulação do mundo, pois *le fantastique n'est donc pas nécessairement dans son projet, le récit de la subjectivité*.[154]

Ao abrir este caminho "fantasmagórico", a narrativa fantástica faz a invocação a uma outra realidade, desenha as "sombras" com novos contornos. Deseja coesão a partir da diversidade para expor ao mundo o caos, a confusão. Mas, para tanto, é preciso que trabalhe com o real, que conheça e interprete a atualidade para, só então, construir suas oposições. Mas de que real se está falando? Da atualidade que advém da hiper-realidade? Vejamos.

No texto *Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral*, por exemplo, Nietzsche, através do exercício deste "novo modo de falar" (que poderia ser o modo de fazer o fantástico) descortinado através da demolição e do escarnecimento, o homem responderia "criadoramente" ao mundo e a si mesmo, o que, certamente, o faz menos medíocre em sua condição de desconhecedor da essência das coisas. No entanto, como afirma o filósofo, o ente humano é, ainda, infeliz. Nada lhe traz consolo. Nem os conceitos, nem as intuições. Hansen confirma a proposisão nietzschiniana dizendo que:

---

154 BESSIÈRE, 1974, p. 14.

> *A impossibilidade (...) não provoca a questão fundamental do real, mas parece uma qualidade do real, um de seus caracteres que definem, na verdade, o poder e a consciência do indivíduo.*[155]

Nietzsche atesta que as palavras não foram feitas para as abstrações, por isso o homem recorre aos artifícios que as possa expressar. Assim poderíamos dizer que, como um novo meio de dizer, o homem se apropria do fantástico (assim como se apropria do símbolo, das metáforas, da analogia, da alegoria) como aquela narrativa que utiliza valores fixos, tais como os valores da verdade e da mentira, para construir seu discurso através da transgressão e do desmantelamento.

Através destes "artifícios", o ente humano realiza sua essência de ser da inteligência, controlando, subvertendo, descaracterizando e manipulando valores, transgredindo as leis e expondo-as conforme seu desejo de poder ou conforme sua "consciência" individual, numa busca da quantidade do real[156]. E, mais uma vez, perguntamos: esta realidade é a mesma que se faz presente como virtualidade? Como podemos responder a tal questão se já constatamos que, na pós-modernidade, a realidade também é relativa?

O fantástico, como já dissemos anteriormente, se alimenta do cotidiano e a partir do cotidiano desvenda os absurdos que envolvem homem e universo. Assim, o fantástico cria um diálogo entre o homem e o universo sobre concepções e crenças, como, também, a respeito das conseqüências que estas possam vir a

---

155 HANSEN, 1986, p.6.

156 Em "Os laudos" teremos variados exemplos que confirmam os princípios arregimentados nesta discussão.

oferecê-lo naturalmente – no que se refere ao desvio, em determinados momentos, da *realia* - subjugando a realidade ao universo simbólico. Observando o mundo pelas lentes do simbólico (arte para explicar a vida) e sabendo-o, hoje, cercado de toda uma "parafernália tecnológica", o autor, José Saramago, julga o ente humano à beira de um "fim", uma expectativa de "morte" por vê-lo perdido, em desvio, esvaziado do Bem.

Deste modo, o narrador-autor sugere ao homem-leitor, a partir do fantástico como modo de contradizer todo conhecimento científico ou mesmo filosófico, uma necessidade de reavaliação dos mais elementares princípios humanos e, principalmente, a sua recolocação dentro deste universo decadente e mortificado pela virtualidade, ou de qualquer outro tempo, de um espaço sem nome, que deixou de ser real.

> *(...) um texto é feito de escrituras múltiplas, oriundas de várias culturas e que entram umas com as outras (...) em paródia, em contestação; mas há um lugar onde essa multiplicidade se reúne, e esse lugar não é o autor, como se diz até o presente, é o leitor: o leitor é o espaço mesmo onde se inscrevem (...) todas as citações de que é feita uma escritura; a unidade do texto não está em sua origem, mas no seu destino*. [157]

O virtual inaugura, dia a dia, a tragédia do artifício e da dúvida; traz o oco, o vazio à tona. O virtual ou hiper-real instaura a ausência do Bem, este valor tão promulgado, defendido e festejado por Santo Agostinho. Traz as sombras das não-verdades ou "meias-verdades". O real é anestesiado refletindo, como

[157] BARTHES, 2004, p.64.

fotografia, como deformação ou cópia falsa, o processo de aniquilamento do ente humano e de sua “aura-valor” – sua subjetividade e capacidade de reflexão crítica. Estaria o homem se tornando um “sub-produto”, um “sub-homem” ou um “sub-qualquer coisa” de sua própria História?

De fato, podemos afirmar, assim, que há uma ontologia nos escritos saramaguianos e assim o fazemos porque o autor apresenta aos leitores os mesmos questionamentos que o ente humano tem feito, a si mesmo, há milênios: “Quem sou eu?”, “Por que existo?”, “O que faço aqui?” Saramago aponta a miséria do homem universal através de interlocuções de suas personagens, e denuncia: o homem fez nascer o Mal, o Mal real.

Em José Saramago, o ente humano vive um “irrealismo” fantástico e um eterno questionamento existencial sobre o seu lugar, o lugar específico do ser na totalidade num esforço intenso por sondar, por antever, algum âmbito específico do ente. É um ser em projeção, certamente, para frente, com modos possíveis de ser. Por isso, o homem contemporâneo está sempre se sentindo um estrangeiro, um desterrado, sem pai, sem casa.

O homem saramaguiano é um errante; nem a razão, nem o Estado, nem o devir, nem qualquer outra instância ôntica o comporta, o conforta. Sua casa é uma casa a ser construída, uma casa talvez transcendente, num mundo para além do mercado e da violência, que salta a toda objetivação, porque o homem de Saramago é um ser sem determinação específica, que não é coisa ou objeto (embora se preste muitas vezes a sê-lo), é uma possibilidade. E em podendo ser, pode construir projetos existenciais. O espaço onde se projeta e pode se construir

o ente é o mundo. A partir da História, que poderíamos denominar “real”, o ser humano se constitui em ser, mas, na escritura saramaguiana, o ente humano, na ausência do Bem, constitui-se em ser no “mal-ser”.

Em José Saramago, o homem acena para o Bem carregando consigo o substrato do Mal. O escritor brinca de advogado do diabo ironizando esta ausência numa tentativa de provocar o leitor, sutilmente, a procurá-la. Suas personagens, a partir de universos simplórios ou medíocres, parecem agonizar refletindo a inversão de valores, a desagregação da humanidade, enfim, o oco universal que habita o coração do ente humano frente aos desmandos e artimanhas da atualidade.

Então, a conclusão é de que o Bem, em Saramago, apresenta-se desfigurado ou esvaziado de sua existência passando a não-ser. O Mal, por sua vez, ganha essência e encarna o ser, em existência, no tempo. O autor, através de procedimentos fantásticos e de monólogos interiores de suas personagens, revela ao leitor o quanto o homem, ao longo da História, demonizou valores, e metamorfoseou o Bem, e se converteu ao Mal, substancialmente, por força de sua própria natureza, como escolha, como omissão, como invenção ou como esquecimento. O que não era, então, ou aquilo que só existia metafisicamente como ausência do Bem – dentro da concepção agostiniana – passa a ter existência real nos escritos de José Saramago.

Em Santo Agostinho o Mal não é, não tem substância. Mas se constatamos que não há o Bem há, sim, o desvirtuamento; o modo, a espécie e a ordem, de algum modo, se corromperam, pois onde estes três princípios se

mantém, o Bem se faz presente. Da corrupção o que vem a imperar é o vazio e o vazio é o nada, a falta metafísica. O nada, para Agostinho é o lugar de onde as coisas mutáveis foram retiradas. Ele afirma que:

> (*...) se não são imutáveis, é porque foram tiradas do nada. Seria uma audácia sacrílega igualar Deus e o nada, fazendo com que o que é gerado de Deus seja igual ao que é criado do nada.* [158]

Santo Agostinho trabalha seus princípios filosóficos a partir de um nada (numa referência ao início da criação de tudo, quando este "nada" compreende, anteriormente, um algo a respeito do que se fala) estendendo-se à completude do ser em seu Criador, ou melhor, na Cruz Daquele que lhe gerou da morte para a vida, do caos para o "paraíso". Em contrapartida, José Saramago, encontra suas aporias e as desenvolve a partir do ser e no ser, mas o ser é um problema degenerativo e latente no caminhar especificamente humano sobre a terra.

O Bem, na escritura saramaguiana, portanto, sofre uma saturação. É como se a sua "aura-valor" se desfizesse ou se retraísse por reprodução mercadológica e ela, esta imagem de "aura", conservasse apenas o reflexo invertido de sua imagem (como em espelho), uma frágil imagem duplicada a ser lembrada condicionada a uma memória "blade runner"[159], ou seja, superficial, sem

---

[158] AGOSTINHO, 2006, p. 15.

[159] Aproprio-me do título do filme dirigido por Ridley Scott, *Blade Runner, o caçador de andróides*, 1982. Neste filme, o passado desses andróides é construído com base em falsas imagens incorporadas à mente através de computadores e através de fotos "elaboradas" com a finalidade de simular uma possível história de vida.

passado, sem História, desvinculada de qualquer propósito real de resgate do verdadeiro caráter deste valor.

Em José Saramago, assim como em Agostinho, o homem se mostra totalmente desqualificado ao projeto divino, ou seja, ao propósito de ser em essência. Mas em Agostinho a luz prevalece sobre as sombras do medo e da dúvida, restaura a capacidade de ser do ente humano no sacrifício do Cristo. Já em Saramago, da luz (das descobertas geniais nas ciências, na tecnologia, na comunicação em massa, na cibernética, na Astronáutica etc.), se produz no homem um retorno às trevas, às sombras, porque deixou de ser. O sujeito deu lugar ao objeto. O Bem morreu e o que há, em essência, é o simulacro, no mais... são possibilidades ou impossibilidades.

As personagens constroem suas ações dentro da estrutura narrativa delineada a partir do desvio da ética e da entrega de suas existências ao vazio, veiculadas ao "mercado" e à falta. A verdade, então, fica de fora. As sombras da Caverna, as não-verdades, predominam sobre o pensamento transcendente. Vejamos este trajeto, primeiramente, através da "Alegoria da Caverna" concebida por Platão:

> *Sócrates: Agora imagine a nossa natureza (...). Imagine, pois, os homens que vivem em uma espécie de morada subterrânea em forma de caverna. A entrada se abre para a luz em toda a largura da fachada. Os homens estão no interior desde a infância, acorrentados pelas pernas e pelo pescoço, de modo que não podem mudar de lugar nem voltar a cabeça para ver algo que não esteja adiante deles. A luz lhes vem de um fogo que queima por trás deles, ao longe, no alto. Entre os prisioneiros e o fogo, há um caminho que sobe. Imagine que esse caminho é cortado por um pequeno muro,semelhante ao tapume que os exibidores de*

> *marionetes dispõem entre eles e o público, acima do qual manobram as marionetes e apresentam o espetáculo.*
> *Glaucon: Entendo.*
> *Sócrates: Então, ao longo desse pequeno muro, imagine homens que carregam todo tipo de objetos fabricados, ultrapassando a altura do muro; estátuas de homens, figuras de animais, de pedra, madeira ou qualquer outro material. Provavelmente, entre os carregadores que desfilam ao longo do muro, alguns falam, outros se calam.*
> *Glaucon: Estranha descrição e estranhos prisioneiros!*
> *Sócrates: Eles são semelhantes a nós. Primeiro, você pensa que, na situação deles,eles tenham visto algo mais do que as sombras de si mesmos e dos vizinhos que o fogo projeta na parede da caverna à sua frente?*
> *Glaucon: Como isso seria possível, se durante toda a vida eles estão condenados a ficar com a cabeça imóvel?*
> *Sócrates: Não acontece o mesmo com os objetos que desfilam?*
> *Glaucon: É claro.*
> *Sócrates: Então, se eles pudessem conversar, não acha que, nomeando as sombras que vêem, pensariam nomear seres reais?*
> *(...)*
> *E se, além disso, houvesse um eco vindo da parede diante deles, quando um dos que passam ao longo do pequeno muro falasse, não acha que eles tomariam essa voz pela da sombra que desfila à sua frente?*
> *Glaucon: Sim, por Zeus.*
> *Sócrates: Assim sendo, os homens que estão nessas condições não poderiam considerar nada como verdadeiro, a não ser as sombras dos objetos fabricados.*[160]

Para o contexto da pós-modernidade no qual vivemos fiquemos com a última colocação de Sócrates: os homens encontram-se a ver sombras. Como podem supor alguma verdade? O nada seria a única resposta possível. Sem a verdade, diz Glaucon, *preferiria qualquer outro destino a ter uma existência tão miserável.* [161]

---

160 PLATÃO, 1987, p. 267 e p. 268.
161 PLATÃO, 1987, p. 270.

Saramago se contrapõe à idéia agostiniana de que o homem é essencialmente bom e de que o Mal não existe como ser real, mas, sim, exterior, criado de fora para dentro e não uma matéria metafísica própria da natureza humana. Na verdade, a perspectiva saramaguiana é uma perspectiva cética porque tanto o Mal quanto o Bem, para este escritor, não passam de visões inventadas pelo ente humano de todos os tempos.

É interessante observarmos que o filósofo Agostinho tece as suas reflexões sem cair no maniqueísmo exatamente por desacreditar na existência real do Mal. Mas, em José Saramago, será o Bem que surgirá como o ser sem substância e como mais uma das criações, das invenções[162] fracassadas do ente humano.

Nas obras escolhidas, o Bem não existe em essência, a não ser na ausência do Mal, o que, na narrativa saramaguiana – nos três romances – esta ausência do Mal não será observada. Tudo parece ser (e é) uma questão de opção humana, de escolhas. O autor trabalha a idéia da necessidade de se reformular um postulado ético para o homem do desvio, o homem que abandonou a autoridade de ser o ente da diferença, o ente da razão, aquele que produziu e produz cultura, aquele que criou e cria leis de convivência, para ser um mero observador da existência delegando ao capital, à tecnologia e à indústria cultural o poder de decisão sobre sua própria vida.

O homem exerce, em Saramago, o não-ser quando de si gera o Mal, o Mal não só material, mas também transcendente, o Mal em complexidade que

[162] Como o próprio Saramago coloca em entrevista à TVE, num programa datado de 2006.

alça o humano a esta posição de observador deixando de ser o sujeito do tempo e da História, porque a “aura” da subjetividade também não existe mais. Mas... tudo ainda continuará a ser uma questão de opção humana, de escolha.

A ética, ou melhor, a consciência do homem que estabelece, para si, o princípio de como viver ou morrer assinala, em José Saramago, a convicção de que a verdade não existe como absoluta e oferece a sugestão, ao leitor, de que o rumo escolhido no tempo e na História é o rumo que há, nem certo nem errado. Consciência que consente o sentimento pós-moderno de que não há um centro unificado para o mundo ou um significado transcendente para o mesmo.

Saramago tece, ao redor do homem, uma rede entre o que lhe move (seus anseios, emoções, intuições e razões) e o que está, de imediato, a sua volta. Não há, nos escritos de Saramago, uma possibilidade de transcendência dentro da realidade que o ente humano vive, aprisionado ao simulacro do virtual, vivendo para as sombras e não para a luz. Ainda assim, Saramago concebe uma moral constrangedora a partir de uma concepção que desconstrói e ironiza a atualidade a partir do homem.

> *Dentro de um país, são as pessoas, no mundo são os países, e como não há países sem pessoas, por elas é que o apodrecimento começa, inevitavelmente*.(HD,p.35)

Utilizando-se da linguagem fantástica, o autor desfaz a tradição para, logo à frente, remontá-la a seu próprio modo, transmutando o que “crê” como a melhor ou pior forma do homem agir na existência.

Falar desta dispensação sagaz de “moral” pode parecer uma contradição em Saramago visto que, para o autor, como dissemos anteriormente, não há Bem. No entanto, é exatamente este problema que produz novidade na sua escritura. O cético autor se trai ao promulgar “modos de comportamento”, mas o faz a partir da simulação, da morte da verdade, a partir do desvio do Bem. Engendra uma sugestão de tratado existencialista questionador da era pós-moderna, aliada da indústria cultural, da tecnologia excessiva, da fragilidade dos relacionamentos e do relativismo dos valores.

> *Ao abrir o indivíduo para perspectivas mais abrangentes, a literatura pode ajudá-lo a compreender se tanto como parte da comunidade imaginada a que pertence, quanto como parte da comunidade humana em sua unidade e diferença. Os textos literários (...) podem nos tornar mais sensíveis e capazes de apreender o outro, e por conseqüência mais hábeis para lidar com as implicações morais de nossa relação com este outro.*[163]

Como advogados do diabo, seus narradores e algumas de suas personagens que incorporam o “alter ego” do autor, em monólogos interiores (como é o caso da personagem “senso comum” em *O Homem Duplicado*) exercem sempre o papel de acusadores.

Ao fazer a abertura de “universos” ao leitor, os três romances saramaguianos, aqui considerados, apresentam uma tentativa de reconstituição de unidade perdida, de reconstituição de conjunto humano. Ao desencadear medos, falhas, tragédias, horrores, negócios escusos e “armações”, José

[163] JOBIM, 2002, p.181.

Saramago, na pele do narrador-autor, aponta para uma reescritura de intenção de dignidade para este "novo tempo", a fim de restabelecer princípios que devem nortear toda e qualquer relação humana. Em *O Homem Duplicado* podemos observar a banalização da unidade humana no diálogo que se segue:

> *Contentar-se com a música da orquestra em que se toca e com a parte que nela lhe coube tocar, é um erro muito espalhado, sobretudo entre os que não são músicos. Alguns terão mais responsabilidades que outros, você e eu, por exemplo, estamos relativamente inocentes, ao menos dos males piores/ Esse costuma ser o discurso da boa consciência/ Que o diga a boa consciência, não deixa por isso de ser verdade/ O melhor caminho para uma desculpabilização universal é chegar à conclusão de que, porque toda a gente tem culpas, ninguém é culpado/ Se calhar, não há nada que possamos fazer, são os problemas do mundo.*[164]

De modo intransigente e melancólico, o autor insinua que este tempo "mercadológico" criado pelo homem, no qual até a alma concorre a prêmios e tem seu preço, é um erro, um desvio grotesco e sem precedentes que transfigurou a subjetividade e a autonomia humanas. E lendo suas obras, o leitor depara-se com questões sobre as quais, em sua vida corrida, não tem tempo nem espaço de reflexão.

> *O texto literário pode ser uma espécie de laboratório de subjetividades em que, por exemplo, o leitor se encontra com personagens, com subjetividades que habitam um lugar determinado, cujas condições de alguma forma definem, configuram um dever-ser (...) Aceitando a legitimidade da regra vigente ou questionando o próprio fundamento em que ela se*

---

[164] HD, p. 39 e p. 40.

> *baseia. A experiência da leitura, então, pode contribuir para a constituição dos aspectos morais da subjetividade do leitor.*[165]

O fato de o homem se impor ou de se interpor limites quando o assunto é viver ou morrer revela um Saramago preocupado com as barganhas humanas, com o processo, já iniciado, de esfacelamento da unidade do ser e de clonagem ou "colagem" de pedacinhos humanos, da perda da sensibilidade e legitimidade, com o processo de adoecimento do sujeito através da indústria cultural, do capital e da vaidade do ente humano. As metanarrativas falecidas ou pré-falecidas, mesmo que ainda funcionais como referências, são mortalhas apresentadas pela sociedade pós-moderna, mortalhas que apontavam caminhos à criação e ao espírito humano. A era que se vive é tecida da destruição para os detritos e dos detritos para as sombras. Observamos o reflexo das sombras como o resultado sobre a alteridade do sujeito e sobre os valores que o determinavam.

De narrativas sobrecarregadas deste imediato pós-moderno, Saramago clama a necessidade de consciência no homem antecipando-se a anunciá-lo, metafisicamente, cego e surdo, distante da razão que o determina e o define e, conseqüentemente, distante da capacidade de refletir sobre o mundo que está a sua volta de modo ético, de pensar sobre as ofertas deste mundo enquanto vislumbra e realiza, ao mesmo tempo, intentos "grandiosos".

> *Quando chegou ao fim do breve trabalho estava exausto, suavam-lhe as mãos, tinha arrepios nas costas, sabia muito bem que havia cometido um pecado contra o espírito de corpo do funcionalismo,*

---

165 JOBIM, 2002, p.185.

> *de facto não há nada que mais canse uma pessoa que ter de lutar, não com o seu próprio espírito, mas com uma abstracção. Ao devassar aqueles papéis tinha cometido uma infracção à disciplina e à ética, talvez mesmo à legalidade*.[166]

O homem de Saramago está fadado à extinção nesta era do virtual, onde os fatos e acontecimentos são "saturados" pela tela da TV sofrendo, ao se perpetuarem no tempo, uma desvalorização progressiva.

O narrador-autor, através de suas personagens, nos romances, exercita o papel daquele que ao invés de conservar e preservar uma verdade como mistério para que nunca deixe de ser verdade, a expõe em praça pública, enforcada e esquartejada, ou seja, declara que para o ente humano da pós-modernidade não há verdade.

José Saramago arma-se do fantástico, como estratégia para a desconstrução da linguagem com o fim de tratar da transgressão, do desconforto, da virulência, do espasmo, da esquizofrenia, do sadismo, da porfia, enfim, de todo o "mal-ser" que se instaurou na essência do cerne humano. É o prenúncio do fim de um tempo, *tempo que retoma e desenvolve com um grande rigor o tema dos níveis de temporalização, orienta a meditação não para a eternidade divina*[167] - como Agostinho afirma que *todas as coisas estão presentes ao mesmo tempo*[168] e que *a aproximação da eternidade pelo tempo consiste então na estabilidade de uma alma em repouso*[169]*-, mas para a finitude selada pelo ser-para-a-morte*[170], da

---

166 TN, p. 27.
167 RICOEUR, 1983 a, p. 131.
168 RICOEUR, 1983 a, p. 130.
169 RICOEUR, 1983 a, p. 131.
170 RICOEUR, 1983 a, p. 131.

sugestão do fim da angustiante atualidade do “entre”, é o fim do que Heidegger denominou como diferencial humano: o *Dasein*.[171]

> *(...) as trevas espessas que tapavam os corredores entre as estantes, a escuridão abissal que reinava ao fundo da nave, a solidão, o silêncio,(...)*[172]

Nas narrativas saramaguianas, a presença do Mal real determina, como já dissemos, a era das “não-verdades”, a era do simulacro e da virtualidade. O ente da razão é aquele que não encontra saída para ser eterno, ser para a morte ou, simplesmente, para ser feliz. Mas haveria a possibilidade de se pensar, como questiona Ricouer em *Tempo e Narrativ*a, mesmo na narrativa, a possibilidade de se unir eternidade e morte[173]? Ficaremos sob esta sugestão a ser debatida num futuro pensando no que o próprio Ricouer afirmou ao tratar do tempo subjetivo e do tempo das civilizações como mudanças históricas ou representações de um *quase-acontecimento*[174]:

> *É que a descoberta do longo prazo pode exprimir o <u>esquecimento</u> do tempo humano, que requer sempre a referência ao presente. Se o acontecimento de fôlego curto cria obstáculos à tomada de consciência do tempo que não fazemos, também o longo prazo pode criar obstáculos à tomada de consciência do tempo que somos. Essa conseqüência desastrosa só pode ser evitada se for preservada uma analogia entre o tempo dos indivíduos e o tempo*

---

171 Toda reflexão que a partir deste ponto for observada a respeito do *Dasein* heideggeriano, são reflexões iniciadas na dissertação de Mestrado defendida em 13 de setembro de 2000, na Universidade Federal Fluminense, sob o título *O tempo está próximo: uma leitura de Objecto Quase.*

172 TN, p. 25.

173 RICOUER, 1983 a, p. 131.

174 RICOEUR, 1983 a, p. 327.

> *das civilizações: analogia do crescimento e do declínio, da criação e da morte, analogia do destino.*[175]

O sujeito, o eu saramaguiano, objetiva mostrar a desconstrução da História (e é neste ponto de análise, da historicidade, que Agostinho e Heidegger se aproximam, como expõe Ricoeur, *antes de divergirem radicalmente – pelo menos aparentemente -, dirigindo-se uma em direção à esperança paulínia, outra em direção à resolução quase estóica ante a morte(...)*[176], o desconcerto do ente, a separação do Deus do humano (ou a "queda" de Deus, em relação ao humano no ato da criação, pensada por Heidegger, ou a existência do homem a partir do Nada ou do Ser criador, em confrontamento direto com o ente homem, que tridimensionalmente – como aponta Carneiro Leão[177] - vive sua incompatibilidade em reverter seu total desconhecimento da morte, e daquilo que ela produz, inevitavelmente, em transcendência) e o esvaziamento da substância Bem se transmutando em ausência para a constituição da presença real da necessidade daquilo que optamos por chamar de Mal.

No "fechamento" do romance *O Homem Duplicad*o, Tertuliano, agora sob a identidade de Antonio Claro, a personagem recorre à descontrução, mais uma vez, na perspectiva de recomeçar todo um processo de esvaziamento ao deparar-se novamente com a inusitada situação de ser um outro duplicado.

---

175 RICOEUR, 1983 a, p. 319.
176 RICOUER, 1983 a, p. 129.
177 CARNEIRO LEÃO, 1968, p. 397 a p. 403.
A "tridimensão" a qual me refiro seria a composição gerada por C. Leão ao apontar, no mito da criação, três estruturas fundamentais sobre as quais este mito estaria articulado: a imanência, a transcendência e a decadência.

> *Puxou uma folha de papel e escreveu sem assinar, Voltarei. Depois foi ao quarto, abriu a gaveta onde estava a pistola. Introduziu o carregador na coronha e transferiu um cartucho para a câmara. Mudou de roupa, camisa lavada, gravata, calças, casaco, os sapatos melhores. Entalou a pistola no cinto e saiu*.[178]

O ser humano, nas obras escolhidas, estaria vivendo esta descaracterização de si ou sendo uma caricatura projetada em um espelho sem memória; estaria perdendo-se, dissolvendo-se no "buraco negro" de seus prodígios materiais, na produção massificadora da cópia, da imitação, imerso no caos latente, como imaginou Algor em *A Caverna* no fragmento de texto a seguir:

> *Cipriano Algor sonhou que estava dentro do seu novo forno. Sentia-se feliz por ter podido convencer a filha e o genro de que o repentino crescimento da actividade da olaria exigia mudanças radicais nos processos de elaboração e uma pronta actualização dos meios e estruturas de fabrico, começando pela urgente substituição do velho forno, remanescente arcaico de uma vida artesanal que nem sequer como ruína de museu (...) mereceria ser conservado. Deixemo-nos de saudosismos (...), o progresso avança imparável, é preciso que nos decidamos a acompanhá-lo, ai daqueles que, com medo de possíveis inquietações futuras, se deixem ficar sentados à beira do caminho a chorar um passado que nem sequer havia sido melhor do que o presente. (...) Estranhável, sim, por muitas liberdades e exageros que a lógica onírica autorize ao sonhador, é a presença de um bando de pedra lá dentro,* (...).[179]

A composição do sujeito se dá nas personagens pela negação da verdade e da transcendência configurados numa atmosfera voltada para o vazio dos valores e para a quebra da "aura", a desfiguração do Bem. Neste tempo,

---

178 HD, p. 316.

179 AC, p. 193 e p. 194.

abrigado no virtual, os valores inexistem ou declarados são, pelo autor, em decomposição. Assim, também, estão os antigos projetos platônicos antes ascultantes do homem na composição do ser e importantes para a formação da sociedade.

A caminho, em narrando sobre vida e morte, sonho e susto, punição e suspense, os recortes de José Saramago são talhados em direção a uma reflexão sobre o tempo no homem, o tempo intrínseco, do breve e do eterno, um tempo de escolha entre fazer o Bem ou fazer o Mal e, entre estas tais invenções, qual seria a mais bem sucedida? Se há um processo de degradação dos valores éticos, a questão do tempo do cuidado, tempo de se olhar o "outro" – este "outro" que seria a terra, a água, a natureza de um modo geral e os semelhantes de todas as etnias recentemente descobertas como falsas ou inexistentes - far-se-á, obviamente, no conjunto da obra de Saramago. A narrativa parece ter sido "emprenhada" às avessas de uma reflexão agostiniana sobre o ser do homem na terra e seu desligamento do Todo.

Os romances apresentam-se "trialogando", em onisciência narrativa, numa parábola fantástica e trágica do como viver. O como nos remete ao Ser, por conta de o Ser, em presença ou ausência, promover o caminhar do tempo, as revelações, as inflexões e os sentimentos a respeito da precariedade e da grandeza humanas. O Sr. José, Tertuliano Máximo Afonso e Cipriano Algor reverberam tristeza e cheiro de cravo. Tristeza por não resistirem ao tempo do "pós", tempo do virtual e cheiro de cravo por serem homens de um tempo com fim. Seria, este fim, direcionado à ressurreição? Todas estas personagens partem em

busca de algo que lhes faz movimentar o coração e a alma? É possível! Nossas personagens atravessam espaços desencapados de ternura ou acolhimento como homens da cegueira certa e do enjôo da realidade hiper-real da vida.

Num jogo que reflete a impossibilidade de ser, as personagens caminham desassossegadamente, prisioneiras submetidas à nova ordem mundial, ao compartimento “caverna” subvertido e conjugado em sujeira, tecnologia avançada e alienação, ou ao que, para Agostinho, não existia, mas que, se ele aqui estivesse para vislumbrar a Terra, caracterizaria como Mal em substância.

As personagens são homens simples, portugueses humanizados pelo autor, sem o brilho dos grandes feitos das armas ou dos barões - poetas assinaláveis. Homens feitos homens, do novo tempo, que desmaiam na vida como quaisquer outros. Seres no Ser que, descuidados do Bem, esqueceram o que seria, de fato, o sonhar com o “cuidado”, mas cantando, às vezes, uma esperança cujo fio de Ariadne não se sabe onde pode estar ligado. Elas, as personagens, apontam, ao leitor, para uma fratura em intensa prospecção de dor, para um interlúdio do não-ser, um desencontro vivido neste tempo do “pós” - espaço onde a memória jaz em ruínas - e sobrepujado, em transcendência, pelas personagens, na efabulação do narrador-autor.

Leituras possíveis em José Saramago: uma trilogia de sombras.

***O Homem Duplicado, Todos os Nomes* e *A Caverna*.**

2.2 - O Duplicado, a primeira sombra:

> *O que tiver de ser, será, Conheço essa filosofia, costumam chamar-lhe predestinação, fatalismo, fado, mas o que realmente significa é que farás o que te der na real gana, como sempre, Significa que farei aquilo que tiver de fazer, nada menos, Há pessoas para quem é o mesmo aquilo que fizeram e aquilo que pensaram que teriam de fazer, Ao contrário do que julga o senso comum, as coisas da vontade nunca são simples, o que é simples é a indecisão, a incerteza, a irresolução.*[180]

Um duplo, uma cópia falsificada, o ente reproduzido, duplicado, o outro... sobre esse fundamento metafísico, que nos parece afinado com a era da revolução rumo aos clones e à cibernética, instaura-se a primeira sombra da trilogia, a sombra *d'O Homem Duplicado.*

Quem é ou, acordado ao romance, o que é, de fato, a personagem protagonista que o narrador-autor nos indica? Tertuliano Máximo Afonso não sabe o que é, ou seja, o "quem", que indicaria sua "pessoalidade" e sua essência, não parece ser um ponto de importância para a personagem. O "que", sim, este estabelece um vínculo muito próximo com a personagem porque é o vínculo que o transmuta em coisa ou em um ente qualquer.

---

180 HD, p.32.

> *Eu sei, eu sei, acudiu Tertuliano Máximo Afonso, a culpa é só minha, deste marasmo, desta depressão que me põe os nervos fora do lugar, fico susceptível, desconfiado a imaginar coisas, (...) coisas, por exemplo, que não sou considerado como julgo ser merecedor, às vezes tenho até a impressão de não s*aber *exactamente o que sou, sei quem sou, mas não o que sou, (...).*[181]

A existência, então, adoecida e melancólica de Tertuliano nos é saudada a partir do "não-ser" ou de um ser em construção cujo movimento não corresponderia às expectativas humanas de superação. Não há a intenção, no narrador-autor da escritura, de cunhar uma moral que dirija os passos de Tertuliano. Pelo contrário, há uma proposta de construção amoral de sua personalidade. A amoralidade, deste modo, seria uma marca de estaca, fincada, a seco, no peito deste homem, a fim de o expor como um ser cuja existência apresenta-se desconfiada e sem esperanças, um ser que prova do desgosto em tudo que vive, pelo menos até conhecer Helena.

> *Tertuliano Máximo Afonso não é aquilo a que se costuma chamar mau tipo, inclusive poderíamos mesmo encontrá-lo honrosamente classificado numa lista de gente de boas qualidades que alguém tivesse resolvido elaborar de acordo com critérios não demasiado exigentes, mas, além de ser, (...) susceptível em excesso, o que é indício flagrante de pouca confiança em si mesmo, fraqueja gravemente pelo lado dos sentimentos, que em toda a sua vida nunca foram fortes nem duradouros.*[182]

---

181 HD, p.65.
182 HD, p.63.

E nesta experimentação do tempo da personagem, vemos um clamor sutil em busca da parábola, ou de um vago sentido para sua existência, *(...) o próprio dele inclina-se mais para o lado da melancolia, do ensimesmamento, de uma exagerada consciência da transitoriedade da vida, de uma incurável perplexidade perante os autênticos labirintos cretenses que são as relações humanas (...)*[183], existência que o narrador-autor fará absoluta questão de contar envolta pela sensação de monotonia da vida da personagem, utilizando-se da metalinguagem para narrar a história.

Como um animal caçador que, ao se aproximar, lentamente, de sua presa, aguarda e administra o melhor ângulo de ataque e o melhor momento de devorá-la, o narrador-autor edifica e revela sua personagem que - na qualidade de animal que é, *um cão largado no meio do deserto, olhando perdido a um lado e a outro, sem ao menos um cheiro conhecido para o guiar até casa*[184], - se traduz através de uma máscara – *(...) o meu nome não foi mais que uma máscara, a máscara do teu nome, a máscara de ti, (...)*[185] -, dentro do que se configuraria o imprevisível.

> *Para o relator, ou narrador, na mais do que provável hipótese de se preferir uma figura beneficiada com o sinete da aprovação acadêmica, o mais fácil, chegado a este ponto, seria escrever que o percurso do professor de História através da cidade e, até entrar em casa, não teve história. Como uma máquina manipuladora do tempo, mormente no caso de o escrúpulo profissional não ter permitido a invenção de uma zaragata de rua ou de um acidente*

183 HD, p. 203 e p. 204.
184 HD, p. 153.
185 HD, p. 167.

> *de trânsito com a única finalidade de encher os vazios da intriga, aquelas três palavras, Não Teve História, empregam-se quando há urgência em passar ao episódio seguinte ou quando, por exemplo, não se sabe muito bem que fazer com os pensamentos que a personagem está a ter por sua própria conta, sobretudo se não têm qualquer relação com as circunstâncias vivenciais em cujo quadro supostamente se determina e actua.*[186]

Ao saber-se e reconhecer-se só no universo, mesmo tendo uma mãe ou mesmo depois de encontrar seu duplo, Antonio Claro (cujo nome artístico é Daniel Santa-Clara), Tertuliano demonstra o mesmo desprezo pela vida, ou a mesma perplexidade sem sustos, frente às ligações humanas, porque *(...) na verdade, Tertuliano Máximo Afonso (...) vive só e aborrece-se*[187]*.* Além disso, Tertuliano Máximo Afonso é um erro. E o erro, a tortuosidade de Tertuliano, não se refere somente a ele. O narrador-autor a acrescenta – à esta feitura de coisa torta - como própria do mistério do surgimento do ente humano no tempo. Como afirma o narrador-autor através da consciência de Tertuliano, a personagem senso comum, *(...) uma das formas secundárias da cegueira de espírito é precisamente a estupidez, (...)*[188], ou seja, o homem é um ser aprisionado à caverna das sombras, acorrentado a uma estupidez que transcende o mundo imanente porque esta (a estupidez) lhe oferece resultados a curto - e a "longuíssimo"- prazo para a existência.

> *Serei mesmo um erro, perguntou-se, e, supondo que efectivamente o sou, que significado, que conseqüências para um*

---

186 HD, p. 52.
187 HD, p. 9.
188 HD, p. 155.

> *ser humano terá saber-se errado. Correu-lhe pela espinha uma rápida sensação de medo e pensou que há coisas que é preferível deixá-las como estão e ser como são, pois caso contrário há o perigo de que os outros percebam, e, o que seria pior, que percebamos também nós pelos olhos deles, esse oculto desvio que nos torceu a todos ao nascer e que espera, mordendo as unhas de impaciência, o dia em que possa mostrar-se e anunciar-se, Aqui estou.*[189]

Observamos que a personagem não nasce para qualquer expectativa orgânica ou metafísica de "anima" em qualquer momento da narrativa com exceção dos momentos ao lado de Helena; é morno e descontente. A indefinição abriga sua existência oca e o diabo tece-lhe todas as suas horas, até o ponto final da narrativa.

> *Um olhar ao relógio informou-o de que Maria da Paz já deveria ter saído para seu emprego no banco, que o assunto podia mais ou menos compor-se, ainda que temporariamente, com uma mensagem simpática no gravador dela, Depois logo verei. Por prudência, não fosse o diabo tecê-las, decidiu deixar passar meia hora*. [190]

Como exposto anteriormente, a consciência do protagonista chama-se "senso comum". Mas, sem respostas às dores e à falta que o habita, Tertuliano reclama:

> *Se o meu senso comum não andasse distraído com fantasias, fantasmas e sentenças que ninguém lhe pediu, ter-me-ia feito notar logo que a maneira como respondi ao seu generoso impulso*

---

189 HD, p. 28.
190 HD, p. 67.

> *tinha sido, mais do que exagerada, disparatada, Não se deixe enganar, o senso comum é demasiado comum para ser realmente senso, no fundo não passa de um capítulo da estatística, e o mais vulgarizado de todos, É interessante o que diz, nunca tinha pensado no velho e aplaudido senso comum como um capítulo da estatística, mas, pensando bem, é isso que ele é, e não outra coisa.*[191]

A personagem vive um tempo de agudezas, um tempo, sugerido pelo narrador ao leitor, do despropósito da atualidade. Este tempo descaracteriza a função de sujeito na personagem, descituando-o de seu eixo como cidadão de um tempo específico, como parte de uma sociedade determinada.

> *Tranqüilo, seguro de si mesmo, como se este lance de xadrez estivesse previsto desde o princípio, Tertuliano Máximo Afonso regressou ao trabalho, pensando que, tal como na sua arrojada proposta para o estudo da História, também as vidas das pessoas poderiam ser contadas de diante para trás, esperar que chegassem ao seu fim para depois, pouco a pouco, ir remontando a corrente, até ao brotar da fonte, identificando de caminho os cursos afluentes e navegar por eles acima, compreender que cada um, até os mais acanhados e pobres de fluxo, era, por sua vez, e para si mesmo, um rio principal, e, desta maneira vagarosa, pausada, atenta a cada cintilação da água, a cada borbulhar subido do fundo (...), para alcançar o termo da narrativa e colocar no primeiro de todos os instantes o último ponto final, levar o mesmo tempo que as vidas assim contadas tivessem efectivamente durado.*[192]

Tertuliano é só um jovem professor de História, nada brilhante, assalariado e desvalorizado. Com certeza, este será o primeiro indício de tumulto

---

191 HD, p. 66 e 67.

192 HD, p. 199.

em Tertuliano Afonso, um tumulto que o levará a buscar o seu duplo e que, aquele que narra, irá perfazer para evocar o princípio do tratamento do trágico na narrativa.

> *Como professor, (...) confiando seu futuro imediato e por ventura o que virá depois dele a três migalhas de pão e a um papaguear infantil e sem sentido, é um mau exemplo para os adolescentes que o destino, o mesmo ou outro, pôs nas suas mãos*.[193]

Através de um estilo neo-realista de ver e de averiguar as penas da personagem, o narrador-autor, aos poucos, descortina a tragédia anunciada, tragédia que revelará as transformações de Tertuliano e de Antonio Claro que, na verdade, por um processo de empobrecimento de suas consciências, desconfiam, ambos, de que não são originais. Esta tragédia os assalta. O fim culmina, desta feita, na indagação, nas entrelinhas da narrativa, se os entes humanos da atualidade, seriam ou não, ainda, sujeitos no mundo e, conseqüentemente, observam, como resultados da tragédia anunciada pelo narrador-autor, que os valores - ou aquilo que chamamos neste trabalho de "aura-valor" – se encontram em completo estado de esfacelamento através de pontos claros presentes na narrativa: uma tentativa de assassinato, a dissimulação nas relações, a morte de Antonio Claro e Maria da Paz e o desprendimento com que Tertuliano abdica de sua história de vida pela história de vida do "outro".

Nossa personagem, Tertuliano, não é singular, portanto. Nem ele nem seu duplo o seriam. Então, há de se constatar que não existem valores críveis nos

---

[193] HD, p. 17.

pensamentos ou nas ações desse português imerso na relatividade do tempo pós-moderno. Sua única preocupação, talvez, seja a de transformar sua subjetividade em um meio para não adormecer na melancolia da vida. Tertuliano, enquanto a narrativa se desenvolve, perde seu “entre-lugar”, se é que algum dia cogitou estar em tal lugar (de sujeito), e qualquer estatuto que o determine como um ente da razão. Não é possível determinar se este “entre-lugar”, o possível diferencial humano, a “aura-valor” seria, por ele, algo avistado.

Observamos, assim, através da personagem Tertuliano e da personagem Antonio Claro que a condição humana se encontra invertida, sufocada pela vaidade, pelo materialismo, sobrepujada pela fábula da desconstrução (o fruto da contemporaneidade) a começar pelo filme iniciático que acende no coração de Tertuliano maus e torpes propósitos, o filme “Quem Porfia Mata Caça” que, certamente, intenta aludir, como uma forma premonitória do narrador-autor, o que está por vir, de modo subjetivo, com a personagem Tertuliano: aquele que contende, mata.

A verdade, no romance, fica para trás, assim como qualquer princípio humano cuja ordem se faça com o fim de “gerir”. O narrador-autor aponta, em Tertuliano, o ente humano à procura da casa a ser construída, mas que nunca o é porque ansiada e buscada por meios desleais. Ele representa o homem da errância, do desterro que por antecipar-se no “mal-ser”, perde o seu lugar, o seu sonho, além de levar outros, para um mesmo propósito insensato, consigo.

> *(...) as grandes verdades não passam de trivialidades, o resto, a suposta necessidade de uma expressão nova e paradoxal que lhes prolongue a existência e as substantive, já não me diz respeito, sou apenas um professor de História do ensino secundário.*[194]

O "outro" de Tertuliano é sua caverna, as sombras das quais ele mesmo participa. Estas sombras-pessoas configuram objetos volúveis na rotina de seu mundo. Tertuliano é um ser que não vive o *Dasein,* um ente humano sem o diferencial de ser humano, pois não tem autonomia de escolha.

As personagens femininas da história, em contraposição a Tertuliano e a Antonio Claro, a saber, Maria da Paz, noiva de Tertuliano, Cassandra, mãe de Tertuliano, e Helena, esposa de Antonio Claro, representam a possibilidade de retorno do ente humano à razão: Maria da Paz, da caverna do amor, pede*: (...) Não sigas com essa loucura, que pode vir a dar mau resultado*[195], mas Tertuliano não tem ouvidos para ouvir o que diz o espírito[196]; Helena, como a de Tróia, em seu cavalo-caverna, *(...) que toda a noite vagara entre as imprecisões de um obscuro pensar feito de movediços farrapos de bruma que mudavam de forma e de direcção a cada momento, (...)* [197] é aquela que busca as respostas "irrespondíveis" para *(...) as quimeras, as verdadeiras, as mitológicas, (...)* em meio àquelas *(...) que vomitavam chamas e tinham a cabeça de um leão, a cauda*

---

194 HD, p. 81.
195 HD, p. 168.
196 Referência à Ap. 2: 7.
197 HD, p. 184.

de um drago e o corpo de uma cabra, (...)[198], e para a complicada situação de invasão de privacidade construída pelo "outro". Cassandra, como a profetiza louca, da caverna do vaticínio, não quer avistar a "cidade" saqueada e reduzida às cinzas, por isso faz o alerta a Tertuliano. Diz ela, *(...) Há uma parte de ti que dorme desde que nasceste, e o meu medo é que um dia destes sejas obrigado a acordar violentamente, (...)*[199], ou seja, o perigo está em não vigiar, ou melhor, no sono do íntimo, na falta de percepção do rumo dos acontecimentos, na cegueira dos olhos do anti-herói.

Tertuliano seria, portanto, na perspectiva dele mesmo, a figura do erro. Não podendo ser um ser completo porque é cópia, não consegue ultrapassar a linha tênue do "entre-lugar". Assim, por não ser, desconhece a liberdade que lhe fora confiscada pela estupidez com que trata a existência. Deste modo, Tertuliano é um ser que desconhece, também, sua consciência (o senso comum) e, com ela, briga porque não é herói, não anda em vigília. Tertuliano vive em estado de letargia, em uma espécie de sono existencial constante.

Quando, enfim, conhece Helena, o autor-narrador nos dá "dicas" de que a personagem, Tertuliano, se de fato desejasse, talvez viesse a ser uma possibilidade de existência, no tempo. Antonio Claro, como o suposto antagonista de Tertuliano, sem o sê-lo, contaminado pelo espírito de loucura que se abateu sobre a protagonista, sucumbe à maldade e perde, literalmente, a vida. Vida que,

---

198 HD, p. 184.
199 HD, p. 260.

Tertuliano, toma como sua, ou seja, que ele mata subjetivamente, no tempo, ao tomar posse da mesma.

O todo, para Tertuliano Máximo Afonso, acontece porque não há escolha, e, como um homem que se tornou objeto do tempo da relatividade, durante a narrativa, apodrece no "deixar de ser" (porque deseja ser um "outro")...se fundindo à reprodução infinita dos "não-valores". O Mal moral se sustenta a partir do desespero e do desprezo das personagens de Tertuliano e de Antonio Claro por si mesmas.

A personagem, Máximo Afonso, não gosta de si. Se uma análise fosse feita a respeito do significado do nome da protagonista, poderíamos, como um exemplo, determiná-la da seguinte maneira: Tertuliano representou o nome de um religioso adepto de uma seita que preconizava a vinda do Espírito Santo sobre a Igreja. Seus escritos eram apologéticos e polêmicos. Até aqui, nenhuma semelhança ou aproximação com o Tertuliano da história, mas aquele admitia, também, uma doutrina de nome traducianismo segundo a qual as almas são engendradas, igualmente com os corpos, por gerações naturais. Ou seja, o pecado foi gerado em Adão, primeiro homem conforme a teologia cristã, e transmitido às gerações futuras de modo natural, como uma marca de igualdade, um número, uma História, um genoma original, uma clonagem subjetiva...Enfim, na narrativa do duplicado, o narrador-autor apresenta o desvio do Bem caracterizado pela repetição, pela reprodução de Tertuliano na figura e na alma do outro, como o pecado original, comum a todos os entes humanos de acordo com o mito bíblico. O segundo nome, Máximo, poderia simbolizar o maior de todos,

sentido este com o qual jamais a personagem se identificaria. Contudo, Máximo também significa "castigo" e é este o sentido mais apropriado para quem é só um "andróide"[200], só um duplicado. Quanto ao terceiro e último nome, este já sabemos que se refere à primeira dinastia dos reis de Portugal e que representa, de acordo com a pesquisa[201], o atraso, um ser ultrapassado, antiquado, o que certamente nos dá mostras de que completa a idéia de ser menos e menor, do segundo nome. Como um macabeano[202], entre os outros protagonistas dos dois romances que se seguem, Tertuliano luta para existir sendo uma coisa, um objeto repetido ou, talvez, um "andróide" com defeito como acrescenta o narrador-autor, *um boneco falante cujo mecanismo se tivesse avariado*[203] que perde sempre, como um bicho sem menção de escolhas, para o destino: a pêra verde.

> *(...) o que tem de ser, tem de ser, e tem muita força, nunca jogues as pêras com o destino, que ele come as maduras e dá-te as verdes. É o que geralmente se diz, e, porque se diz geralmente, aceitamos a sentença sem mais discussão, quando o nosso dever de gente livre seria questionar energicamente um destino despótico que determinou, sabe-se lá com que maliciosas intenções, (...).*[204]

Contudo, a pêra verde se despede de Tertuliano quando este se presta a tomar conta da mulher, do trabalho, enfim, da vida do "outro"? Não. O Mal, em

---

200 Os andróides, no filme *Blade Runner*, não têm uma existência diferenciada (ainda que extremamente semelhante) em relação a dos seres humanos, por várias implicações que podemos observar no filme. Ou seja, os andróides desconhecem o *Dasein* e, por isso não *são*, de fato.

201 Enciclopédia Universal, 1969 (subdividida por letras iniciais).

202 Referência à personagem Macabéa, de Clarice Lispector, em *A Hora da Estrela*, escrita no ano de 1977, com o intuito de estabelecer comparações entre as personagens.

203 HD, p. 29.

204 HD, p. 16 e p. 17.

espiral, lhe toma, em contrapartida, o tempo e se revela “destino”, com muita força, em forma de pêra.

ILUSTRAÇÃO DO ROMANCE *O HOMEM DUPLICADO*[205]:

[205] Por Jacqueline Barros; montagem sobre Bosch e M. C. Escher.

2.3 - Todo ou Nada? Uma segunda sombra:

> *O vinho está servido, é preciso bebê-lo, não disse como o outro, Tirem-me daqui este cálice, o que vocês querem é matar-me.*[206]

Todos os nomes... todos é uma sugestão indeterminada. Quando dizemos todo podemos dizer nenhum, tanto faz. O pronome não particulariza, não denomina, não determina nem o objeto nem o sujeito. É a afasia, o aleatório, o vácuo... o Nada?

De acordo com Jean Baudrillard, pesquisador dos fragmentos, das desconstruções e das atribuições pós-modernas, o que não tem nome faz parte do imprevisível, daquilo que pode desaparecer ou que já desapareceu.

> *No virtual, não se trata mais de valor; trata-se (...) de gerar informações, de efetuar cálculos, de uma computação generalizada em que os efeitos de real desaparecem. O virtual seria verdadeiramente o horizonte do real – no sentido com que se fala do horizonte dos eventos em física. Mas podemos igualmente pensar que tudo isso não passa de um caminho mais curto para uma jogada que não podemos ainda discernir qual seja. (...) Se ele é verdadeiramente um modo de desaparecer, esta seria uma escolha – obscura, mas deliberada – da própria espécie: a de se clonar, corpo e bens,* (...) *Não podemos, contudo, deixar de constatar a singular ironia que existe no fato de que essas tecnologias, que relacionamos com a inumanidade (...), no final das contas, vir a ser o que nos fará ficar quites com o mundo do valor (...).* [207]

---

206 TD, p. 156.

207 BAUDRILLARD, 2001, p. 44 e p. 45.

Compreendem o virtual ou participam da hiper-realidade, o tempo, o espaço e a realidade, porque, há muito, tais intâncias já abandonaram suas características de reversibilidade, questão, ainda, indiscutivelmente corrente para o pensador Alfredo Bosi.

> *A reiteração dos movimentos, feita dentro do sujeito, faz com que este perceba que o que foi pode voltar: com essa percepção e com o sentimento da simultaneidade que a memória produz (recordo agora a imagem que vi outrora) nasce a idéia do tempo reversível. O tempo reversível é, portanto, uma construção da percepção e da memória: supõe o tempo como seqüência, mas o suprime enquanto o sujeito vive a simultaneidade*.[208]

Entre tantos gêneros indicados dentro do universo baudrillardiano como desaparecidos ou com um propósito ao desaparecimento, encontramos o sujeito despojado de sua subjetividade e alteridade, substituído pelo objeto que viria no comando das vontades e dos anseios, dos valores em mutação e dos pensamentos destituídos da liberdade e da realidade objetivas. Podemos acenar, em acordo com Jean Baudrillard, portanto, para uma era das imprevisibilidades.

Para Martim Heidegger, filósofo existencialista moderno, seria anacrônico situar o Nada, ou o Todo, ou o vazio sem antes mencionar o ser e a existência de uma consciência de morte, no ente humano - ainda que esta seja, hoje, uma questão já embotada, para Baudrillard. Ou seja, há em Heidegger, a consciência, no homem, de seu fim o que nos leva a aferir que, se há um fim, há

---

[208] BOSI, 1996, p. 27. In: NOVAES, 1996.

um possível início, e que se há uma consciência, há, também, um Ser, um Todo ou um Nada, sobre o qual o tempo da vida ou da morte se fez.

O sujeito e o objeto, em Heidegger, são uma só coisa, porém; um todo incompreensível formando uma experiência holística da realidade ou a possibilidade da própria negação desta experiência. Sendo o "ser-no-mundo", o homem, ente como qualquer outro ente, dentro do todo que o cerca, seria diferenciado somente pela consciência de ser o "ser-aí", ou seja, pelo *Dasein*.

> *Nada "mundano" pode determinar que clama em seu modo de ser. Ele é a pre-sença em sua estranheza, o ser-no-mundo originariamente lançado enquanto um não sentir-se em casa, o fato "cru"no nada no mundo. (...) o Que poderia ser mais estranho para o impessoal, perdido no "mundo" das múltiplas ocupações, do que o si mesmo singularizado na estranheza de si e lançado no nada?* [209]

Na fenomenologia de Hegel, por sua vez, o nada é o ser e o ser é o nada, ou seja, ambos estariam formulados dentro da perspectiva da falta de determinação porque o ser, esvaziado de toda referência, está na direção de um fim a alcançar a pureza (ou a neutralidade?), sendo o ser, deste modo, o mesmo que o não-ser, logo o ser e o nada são determinados como sendo a mesma coisa. Então, poderíamos dizer que, para Hegel, seria a partir do estado absoluto de negação que algo viria à existência, que somente o "vir-a-ser" poderia estabelecer o ser.

---

[209] HEIDEGGER, 1986, p. 63.

Para Santo Agostinho, cujo pensamento perscruta todo o caminho desta tese, o Nada não procede em si mesmo, nem como fim nem como início. O nada não significa nada. O nada, portanto, não seria algo, pelo menos até enquanto não se designasse uma lógica ou um signo ao qual o nada imprimisse uma tal possível significância. Neste sentido é que observamos o princípio que, acredita-se, tenha sido o escolhido por José Saramago como critério pontuado para a escritura do romance, *Todos os Nomes*: o princípio de que o homem, para ser, precisa de um sentido, um significado que lhe sustente a alma.

O narrador-autor nos apresenta, como protagonista da história, o Sr. José. Pelo próprio nome, José, um nome comum, do mundo, um nome *que é sem nome*[210] , que poderia não significar coisa alguma e ser, portanto, um vazio, um ser passível de substituição, já se antevê ou pode-se supor a existência deste homem. Nele, no Sr. José, constatamos a ausência, ou melhor, a falta. Uma vida em desconcerto, sem um início ou um fim. O Sr. José habita *(...) esta que se chama vida e está situada entre o nada e o nada (...)*[211].

Nosso protagonista é um homenzinho apegado aos ditados populares, outro macabeano[212] que, ao invés de amar pregos e parafusos, coleciona recortes de jornais e de revistas de vidas que, aparentemente, lhe despertem algum interesse como "vidas significativas", ou vidas simplesmente diferentes da sua própria.

---

[210] Referência apenas para enriquecimento do conteúdo e a critério de citação do poema de Carlos Drummond de Andrade, *E agora, José?*

[211] TN, p. 218.

[212] Mais uma vez estabeleço uma relação possível com a personagem clariceana, a nordestina Macabéa, ou Maca. Personagem que, em muitos aspectos, se traduz pela indiferença e pela esquizofrenia com que trata e vive a sua própria existência.

> *Pessoas assim, como este Sr. José, em toda a parte as encontramos, ocupam o seu tempo ou o tempo que crêem sobejar-lhes a vida a juntar selos, moedas, medalhas, jarrões, bilhetes-postais, caixas de fósforo, livros, relógios, (...) canecas, cachimbos, obeliscos de cristal, patos de porcelana, brinquedos antigos, máscaras de carnaval, provavelmente fazem-no por algo a que poderíamos chamar angústia metafíca, talvez por não conseguirem suportar a idéia do caos como regedor único do universo, por isso com as suas fracas forças e sem ajuda divina, vão tentando por alguma ordem no mundo, por um pouco de tempo ainda o conseguem, mas só enquanto puderem defender a sua coleção, porque quando chega o dia de ela se dispersar, e sempre chega esse dia, ou seja, por morte ou seja por fadiga do colecionador, tudo volta ao princípio, tudo torna a confundir-se.*[213]

As dores que sente, apesar de equipararem-se à indiferença e à esquizofrenia de Maca, não passam com aspirina, são dores maiores, quem sabe, dores na alma. Este José não tem sobrenome, aliás, este é um fato que se interpõe a todas as personagens, exatamente para figurar como estratégia utilizada pelo narrador-autor com a finalidade de questionar e aludir, através de uma proposta fantástica de "dizer" a história, a respeito da perda da subjetividade nos homens desta era "pós" qualquer coisa.

O Sr. José é só, não tem um passado, não tem rememorações da infância, da casa da avó ou da gargalhada da mãe. Lembra-se, apenas, de sentir *(...) um nó duro na garganta, como quando lhe ralhavam em criança e queriam que ele chorasse, (...)*[214] e de dois pesadelos que sempre se repetem, um deles com uma grande pedra que rola em sua direção transformando-se em lama e,

---

213 TN, p. 23 e p. 24.

214 TN, p. 159.

depois, em sangue e um outro onde voa, como passarinho, sobre as casas e a cidade.

O Sr. José desconhece, ou conscientemente ignora, suas referências de terra natal, seus rios, os amigos que fazia; seu bastante amigo, neste tempo que lhe resta, é o teto, um ser personificado[215], como a representação simbólica de um deus, de quem o Sr. José subtrai a sabedoria para viver seus dias sem surpresas[216], uma metáfora que no espaço da expressão da obra literária saramaguiana ganhará vida e sentido próprios.

> *(...) aposto que nunca tinhas pensado que tu e eu vivemos em comum, a grande diferença que há entre nós é que tu só me dás atenção quando precisas de conselhos e levantas os olhos cá pra cima, ao passo que eu levo o tempo todo a olhar para ti, (...)* [217]

Sobrevive, enfim, sob um alheamento proposital, em um estado – equiparado ao estado do duplicado-"andróideano" - como um ser tipicamente resultante de um tempo, a partir de um discurso numa dimensão referencial do narrador-autor, sem memória ou esperanças. Não tem passado ou futuro, somente um presente sem parentescos e sem memória.

> *No entanto, por algum desconhecido motivo, se é que não decorre simplesmente da insignificância da personagem, quando ao Sr. José se lhe pergunta como se chama, ou quando as circunstâncias se lhe exigem que se apresente, Sou Fulano de Tal, nunca lhe serviu de nada pronunciar o nome completo, uma*

---

215 TN, p. 246.
216 TN, p. 158.
217 TN, p. 248.

> *vez que os interlocutores só retêm na memória a primeira palavra dele, José, a que virão depois acrescentar, ou não, dependendo do grau de confiança ou de cerimônia, a cortesia ou a familiaridade do tratamento.*[218]

O Sr. José encontra-se imerso numa narrativa onde o surreal se faz presente desvelando uma existência tola, *a vaguear pela escuridão (...) como um cão negro que tivesse encontrado o rasto do último segredo. (...)* [219], uma existência alimentada por uma busca inusitada, arriscada e inútil inicialmente atrás da *origem, a raiz, a procedência, por outras palavras, o simples registro de nascimento das pessoas famosas cujas notícias de vida pública se dedicara a compilar*[220] e, depois, atrás de uma mulher específica, desconhecida e suicída. O que acontece com este José é exatamente a expressão do Nada. Não há um enredo que lhe dê fôlego à vida e, por isso, ele arrisca sua parca existência num jogo idiota tornando-se uma "outra" pessoa, na caverna de sombras de si mesmo, um refém maldito (ou amaldiçoado?) de um "sonho" patético e antiético.

> *O efeito da queda poderia ser acabar-se-lhe a vida, o que sem dúvida teria a sua importância de um ponto de vista estatístico e pessoal, mas que representa isso, perguntamos nós, se, sendo a vida biologicamente a mesma, quer dizer, o mesmo ser, as mesmas células, as mesmas feições, a mesma estatura, o mesmo modo de (...) ver e reparar, e sem que a estatística se tivesse podido aperceber da mudança, essa vida passou a ser outra vida, e outra pessoa essa pessoa.* [221]

---

218 TD, p. 19.
219 TD, p. 35.
220 TD, p. 25.
221 TD, p. 31.

Todos os nomes refere-se, também, a um lugar, a Conservatória Geral, para a qual o narrador-autor, coerentemente, despende a característica da conservação. Configura-se um espaço, onde vivos e mortos congregam suas particularidades em pedaços de papel e muita poeira. Lá, todas as referências existenciais (mais materiais) estão sob a tutela das sombras, da umidade e das teias das aranhas e mantêm-se guardadas até um futuro muito próximo para um "apagar das lembranças". A parte onde se encontram as referências dos vivos é compartilhada numa mesma prateleira a ser mexida e a ser preenchida com novas informações, a qualquer momento, sobre casamentos, nascimentos ou divórcios. Na prateleira dos mortos, as informações se encontram, literalmente, arquivadas.

> *Voltou à Conservatória e restituiu os documentos do bispo aos seus lugares. Depois, com um sentimento de confiança em si mesmo que nunca havia experimentado em toda a sua vida, passeou o foco da lanterna em redor, como se estivesse enfim a tomar posse de algo que sempre lhe havia pertencido, mas que só agora tinha podido reconhecer como seu. Parou um momento (...), sim, era o que deveria fazer, ir sentar-se naquela cadeira, a partir de hoje seria ele o verdadeiro senhor dos arquivos, só ele podia, se quisesse, tendo de passar aqui os dias por obrigação, viver por vontade sua também as noites, o sol e a lua a girarem sem descanso à volta da Conservatória Geral do Registro Civil, mundo e centro do mundo.*[222]

Estamos numa caverna onde tudo o que lá permanece, permanece a olhar escuridão, e, se as informações tivessem existência própria, poderíamos dizer que vêem apenas o que está à frente. O "deus" desta caverna, se lá ainda habita, está morto, como afirma o narrador-autor. Por isso, as informações não

[222] TD, p. 28.

alcançam o que está ao lado ou ao fundo, não podem se esgueirar supondo o que virá depois do que está acima ou do que está embaixo da caixa onde foram guardadas. A estrutura física lembra, também, a estrutura da outra história, a da Caverna (que veremos a seguir) não pela narrativa fabulosa, mas pela lembrança do mito. Na mímeses do tempo vivido pelo protagonista, o filtro mimético resgata o fantástico o tornando viés de ligação da história narrada com a História.

> *Imagine agora quem puder o estado de nervos, a excitação com que o Sr. José abriu pela primeira vez a porta proibida, o calafrio que o fez deter-se à entrada, como se tivesse posto o pé no limiar duma câmara onde se encontrasse sepultado um deus cujo poder, ao contrário do que é tradicional, não lhe adviesse da ressurreição, mas de tê-la recusado. Só os deuses mortos são deuses sempre. Os vultos tenebrosos das estantes (...) pareciam romper o tecto invisível e subir pelo céu negro (...) Tinha uma lanterna de mão na gaveta onde guardara a chave. Foi por ela, e depois, como se levar consigo uma luz lhe tivesse feito nascer no espírito uma nova coragem, avançou quase resoluto (...)*.[223]

A Conservatória Geral ocupa um espaço de sombras. É a transcrição do mundo "simulacral" do Sr. José. E as sombras não são verdades, mas duplos outros, reflexos deformados, porque a vida ou a história da vida, feita em registros, nem sempre é a vida que de fato existiu e foi vivida. Os registros não dão conta da verdade, são outras pontas de outros nós forjados ou aumentados ou acrescentados ou omitidos ou sacramentados, porque as entrelinhas

[223] TD, p. 26.

descaracterizam e desmentem fatos tidos como reais. No entanto, o que pode ser real debaixo das sombras?

O narrador-autor revelar que o homem não se apercebe do fato de que a História não dá conta da verdade ainda que a reversão da História (ou da história) não seja algo impossível na perceção do narrador-autor nas palavras de Cerdeira.

> *O Sr. José caminha, experimenta, ousa até, mas por artes de um acaso ou de uma falta que lhe resulta em melancolia. Por isso precisa de mentores, como uma espécie de jovem Jesus que precisa do seu pastor – e ele aqui comparece, também diabolicamente verdadeiro, a apontar que as categorias, as classificações, as hierarquias não são naturais mas culturais, e, por isso mesmo, passíveis de transformação, não alterando o andamento do universo e podendo, portanto, ser revertidas e contestadas. (...) Deus e Diabo novamente na mesma barca.*[224]

Todos os nomes representa, como continuidade da Conservatória, o lugar onde se encontram os mortos: o Cemitério Geral. No capítulo onde o autor-narrador resolve cerzir a descrição do cemitério, enquanto o Sr. José caminha em direção aos túmulos dos suicidas em busca da mulher desconhecida, tece um pequeno comentário sobre as controvérsias que refletem as mentiras e as verdades que comporiam ou não o universo histórico do homem através dos monumentos artísticos e dos próprios mortos. Ainda acrescenta um adendo irônico

[224] CERDEIRA, 2000, p. 293.

sobre a forma como o chefe da Conservatória, assim como o curador do cemitério, exercem suas atividades: seres que cultivam com brilho o sarcasmo[225].

O Cemitério Geral é o lugar dos silêncios e, como afirma o narrador, onde se aprende muito[226] ou tanto quanto se aprende com os livros em uma biblioteca[227]. A caverna surge ao crepúsculo, como um labirinto[228], no momento em que o Sr. José se aproxima do campo dos suicidas, mas ele se sente em casa.

> *A sombra das árvores cobriu-o logo, como se a noite tivesse caído de repente. Eu deveria ter medo, murmurou o Sr. José, no meio deste silêncio, entre estes túmulos, (...) sinto-me tranqüilo como se estivesse na minha casa, (...)*[229]

O túmulo da mulher desconhecida surge a sua frente como uma aparição ou como uma iluminação.

> *Numa clareira, o Sr. José encontrou o que procurava. (...) não fizera qualquer esforço para fixar o número na memória, mas soube-o quando precisou dele, e agora tinha-o diante de si, iluminando em cheio, como se tivesse sido pintado com tinta fosforescente. Está aqui, disse*.[230]

Os pensamentos do Sr. José se prestam, neste momento da narrativa, a serviço de perscrutar o sentido da existência, a avaliar - partindo de suas próprias ações - o trajeto do ente humano sobre a terra. Nesta caverna-cemitério,

---

225 TD, p. 226.
226 Ec. 7: 2.
227 TN, p. 230.
228 TN, p. 239.
229 TN, p. 231.
230 TN, p. 231.

o Sr. José se vê sob um ajuntamento de silêncios[231] e se reconhece, pois, como homem, tem a consciência de ser finito, sabe que da morte ninguém escapa e que contra a morte nada se pode fazer[232].

> *A única coisa que queria era pensar um pouco em si mesmo, achar a medida justa da sua decepção, (...) pôr o espírito em paz, dizer de uma vez, Acabou-se, (...) tomou a atitude de alguém que estivesse a meditar profundamente na irremissível precariedade da existência, na vacuidade de todos os sonhos e de todas as esperanças, na fragilidade absoluta das glórias mundanas e divinas. (...) Não se moveu enquanto não ficou só. (...) foi retirar o número que correspondia à mulher desconhecida e colocou-o na sepultura nova. (...) A troca estava feita, a verdade tinha-se tornado mentira*. [233]

O José da história está a contemplar um outro mundo (...) *a resvalar para o nada* (...)[234], talvez, pela primeira vez, lhe surja uma novidade nessa sua pacata vida. Aquela mulher ou a sua obsessão o levou a sonhar um novo sonho. Neste sonho, o Sr. José deixa de ser o cão para tornar-se, juntamente com todas as sombras que habitam a caverna-cemitério-labirinto, uma ovelha. Toda ovelha tem um número para ser identificada, contudo os números estão trocados. Assim também se dá com os números dos jazigos dos mortos no Cemitério Geral, conforme o pastor da realidade, e não o do sonho, confirma.

> *Nenhum dos corpos que estão aqui enterrados corresponde aos nomes que se lêem nas placas de mármore, Não acredito, (...) E os números, Estão todos trocados, (...) Mas isso é um crime, (...) A*

231 TN, p. 233.
232 TD, p. 234.
233 TD, p. 243.
234 TD, p. 236.

> *morte é sagrada, A vida é que é sagrada, senhor auxiliar de escrita, pelo menos assim se diz, (...)* [235]

No romance, se observa que o narrador-autor sugere, ao sonho de José, um José de sonhos[236], ou melhor, um encontro da personagem com o "Bom Pastor" de vivos e de mortos, mas o Sr. José, desta história, e não o da outra, não é reconhecido pelo Pastor como sua ovelha. O José, desta história, não pode ser identificado com um novo nome sobre uma pedrinha branca[237]. Sua existência, como já foi dito, habita o nada, o oco. Nosso Sr. José é uma ovelha sem Pastor.

> *Siga-me, Siga-me, Siga-me, em um instante o rebanho desapareceu, desapareceu o cão, desapareceu o pastor, só ficou o chão do cemitério coberto de números, os mesmos que tinham estado antes na cabeça das ovelhas, mas porque se encontravam agora todos juntos, todos pegados pelos extremos, numa espiral ininterrupta de que ele próprio era o centro, não se podia distinguir onde começava um e terminava outro. Angustiado (...), repetiu duas vezes com força, Estou aqui, estou aqui, depois abriu os olhos para o mesquinho espaço em que vivia há tantos anos, (...).*[238]

O Sr. José trabalha na Conservatória e, lá, o costume, para solucionar o problema da distância e das dificuldades do funcionário em chegar a determinadas partes mais difíceis, onde os arquivos estão, é utilizar o fio de Ariadne preso à mesa do conservador; fio este que herdou tal nome da irmã de Fedra da mitologia grega. Ariadne foi abandonada por Teseu, na ilha de Naxo, depois de tê-lo

---

235 TD, p. 240.

236 José, patriarca hebreu, homem temente a Deus, filho predileto de Jacó e Raquel. Foi um jovem vendido por seus irmãos como escravo a mercadores do Egito. Ficou conhecido por sua capacidade de interpretar sonhos (interpretou, com acerto, dois sonhos do Faraó). Gn. 37 a 41.

237 Ap. 2: 17.

238 TD, p. 246.

ajudado a sair do labirinto de Creta com um rolo de fio (daí o nome) que lhe deu para matar o Minotauro no labirinto. O fio permitiu que Teseu encontrasse o caminho de volta, a saída. O fio de Ariadne, portanto, seria a representação do fio de orientação para aqueles que precisam superar os obstáculos que surgem no trabalho.

Por outro lado, poderia simbolizar, na narrativa da personagem José, o fio da vida cuja ponta contrária estaria ligada ao “lugar seguro”, ao centro da existência, uma idéia muito aproximada ao fio de prata encontrado em Eclesiastes, nas palavras de Salomão.

O Sr. José é um modelo de funcionário assíduo, um quase herói pela forma como, de pronto, se dedica ao trabalho. Não! Dificilmente sua dedicação funcional poderia dar-lhe a medalha do heroísmo! O Sr. José, de quem falamos, não é valoroso, não tem a capacidade da espera de um fim que lhe seja favorável por fé, ceticismo ou teimosia, não é um ente humano que busca incansavelmente o bem para todos, ainda que em partes da narrativa pareça emocionar-se, pareça condoer-se, pareça mais humano.

Na verdade, para José, o chefe, o subchefe, a senhora do rés-do-chão direito, o teto e a mulher que ele procura obstinadamente, são expressões do determinismo, enfim, as personagens que estão ao redor deste José, se configurariam frutos do seu acaso ou do “acaso-destino” da vida que, para ele, é vazia e sem sentido, como acrescenta o narrador-autor em muitos momentos da narrativa envolvendo os pensamentos do protagonista.

> *A solidão, Sr. José, (...) nunca foi boa companhia, as grandes tristezas, as grandes tentações e os grandes erros resultam quase sempre de se estar só na vida, sem um amigo prudente a quem pedir conselho quando algo nos perturba mais do que o normal de todos os dias, Eu, triste, o que se chama propriamente triste, senhor, não creio que o seja, respondeu o Sr. José, talvez a minha natureza seja um pouco melancólica, mas isso não é defeito, e quanto às tentações, bom (...) nem eu as procuro nem elas me procuram a mim. E os erros, (...) nunca fiz mal a ninguém, pelo menos em consciência, (...)*[239]

Ao contrário do herói, o narrador-autor cria o protótipo da humanidade fraca através da personagem. Um solitário, um ser cujos objetivos não consistem em bens, mas em caprichos de um homem comum, de um quase ladrão, protegido por um deus-teto, sem nome, cuja identidade não corresponde, de modo algum, àquela identidade vinculada à misericórdia, como a do Deus agostiniano.

Lá está ele, sem ser, sem um significado que lhe sustente a alma ... sempre preso ao fio de Ariadne. É tempo de perguntar-lhe...E agora, José?

[239] TN, p. 141.

ILUSTRAÇÃO DO ROMANCE *TODOS OS NOMES*[240]:

2.4 - A Caverna contemporânea de Patão: sombra final.

> *As pessoas não são coisas, as pessoas querem estar sempre nos primeiros lugares, pensou o oleiro, E não só querem estar neles, como querem que se diga e que os demais o notem, murmurou.*[241]

240 Por Jacqueline Barros; montagem sobre Bosch e M. C. Escher.

241 AC, p.21.

Cipriano Algor, o protagonista d'*A Caverna*, é um homem que vive do barro com que produz suas peças artesanais para vender no Centro.

Logo de início, o narrador-autor contextualiza sua obra a partir do paroxismo que há entre a protagonista e a outra personagem que não lhe representaria um antagonismo na história, mas seria apenas o "outro", o diferente. Este é Maçal Gacho. Maçal Gacho está aprisionado ao compartimento centro-caverna tentando adequar-se ao mesmo. Convencido de que o Centro é o tempo que há, vive um dilema íntimo constante: o de ser filho, no presente, e o de ser pai, no futuro. Tem sérias reservas em relação aos pais que sonham com a possibilidade de viverem no Centro com ele. Gacho é um policial de 30 anos, casado com Marta - filha de Algor - um homem desassossegado, inquieto em relação à passagem do tempo, ao contrário de Cipriano Algor que, por sua sensibilidade, sente um frio constante como se estivesse com febre, pressentindo o anúncio de uma doença. Algor é o espelho invertido de Gacho no hoje e, talvez, uma possibilidade de reflexo, do mesmo, em um provável futuro. Algor é determinantemente desencaixado da atualidade onde vive. Atualidade descrita ao leitor como um panorama pós-moderno futurístico em um cenário "daliniano".[242]

A história narra, basicamente, o advento perverso da reprodutibilidade (da indústria cultural) na vida do oleiro e de sua família, ressaltando, nas entrelinhas, que o tempo transforma tudo, que alguns "avanços", no tempo, atrasam o homem, violam a arte e "humanizam" o que não é humano.

---

[242] Refiro-me à Salvador Dali, pintor simbolista da vanguarda européia, cujo espírito artístico retratava, muito por influências freudianas, de modo surreal, a realidade intrínseca do ente humano quase primitivo.

> *(...) não há grande diferença entre as coisas e as pessoas, têm a sua vida, duram um tempo, e em pouco acabam, como todo mundo, Ainda assim, se um cântaro pode substituir outro cântaro, sem termos de pensar no caso mais do que deitar fora os cacos do velho e encher de água o novo, o mesmo não acontece com as pessoas, é como se no nascimento de uma se partisse o molde de que saiu, por isso é que as pessoas não se repetem(...)*[243]

A partir de uma narrativa emprenhada pela alegoria platônica, podemos observar, na escritura do romance, o processo de "coisificação" do homem, ou seja, a perda da "aura-valor". O homem, então, amarrado ou acorrentado ao pessimismo, vivendo a falta, grita, clama por respostas, como se fizesse parte de um "tempo de castigo". Mas... que tempo é este e o que ele significaria? Seria o tempo da impossibilidade de escolha, o tempo da ausência do livre-arbítrio no ser da razão? Talvez a explicação se sustente melhor se dissermos que este tempo pode ser comparado ou traduzido aquele que a criança pequenina ganha de seu pai quando faz birra ou pirraça.

A Caverna prefigura, à princípio, um símbolo entre o traçado do texto criado pelo narrador-autor e o mito platônico onde se efetiva a analogia entre o homem que perscruta, através das coisas criadas, seus porquês exitenciais. As sombras, de dentro da caverna de Platão, representam a cegueira humana, uma cegueira, por ordem, metafísica.

> *(...) não foi um sonho, se agora lá voltasse iria encontrar os mesmos três homens e as mesmas três mulheres, as mesmas*

[243] AC, p. 62.

> *cordas a atá-los, o mesmo banco de pedra, a mesma parede em frente, Se não são os outros, uma vez que eles não existiram, quem são estes, (...) Não sei, mas depois de os ver fiquei a pensar que talvez o que realmente não exista seja aquilo a que damos o nome de não existência.*[244]

Os entes humanos da caverna saramaguiana, as personagens secundárias, como os pais de Maçal, e os quase figurantes (pois da exceção participam todas as personagens centrais, inclusive o cão Achado) fazem da desconstrução do mito o objeto de suas expectativas, ou seja, cruzam a história fazendo o trajeto contrário, voltando às sombras. O saber, o conhecimento, a ciência estão relacionadas somente aos meios, aos produtos que geram o capital, constroem a tecnologia e que, do lucro, correspondem às necessidades, do presente, destes seres.

> *(...) do lado de fora do balcão, a ouvir um subchefe de departamento explicar o que é valor de troca e valor de uso, possivelmente o segredo da abelha reside em criar e impulsionar no cliente estímulos e sugestões suficientes para que os valores de uso se elevem progressivamente na sua estimação, passo a que se seguirá em pouco tempo a subida dos valores de troca, imposta pela argúcia do produtor a um comprador a quem foram retiradas pouco a pouco, subtilmente, as defesas interiores resultantes da consciência de sua própria personalidade, aquelas que antes, se alguma vez existiu um antes intacto, lhe proporcionaram, embora, precariamente, uma certa possibilidade de resistência e autodomínio.*[245]

Não pode haver um amanhã, não há sonhos ou uma memória de ouro por ser memória, mas apenas uma realidade ou hiper-realidade de consumo feroz.

---

244 AC, p. 333.
245 AC, p. 240.

> *Para o consumidor, não há nada mais a classificar que não tenha sido antecipado no esquematismo da produção. A arte sem sonho destinada ao povo realiza quele idealismo sonhador que ia longe demais para o idealismo crítico.*[246]

O idealismo e a capacidade de desejar "dias melhores" para a sua arte esvai-se do cotidiano de Cipriano Algor, o oleiro simplório de 64 anos. Ele, como artista, prefere a quebra, os cacos do objeto artístico a sua permanência no nada, na dissolução, à sua não existência, porque a sua obra é uma só coisa com ele, não há distanciamento entre o artista Cipriano Algor e a sua produção artística.

> *(...) tinha para contar à filha a aventura ridícula de um homem a calcorrear os campos à procura de um lugar ermo onde pudesse largar a cacaria inútil que transportava, como se dos seus próprios excrementos se tratasse, De calças na mão, dizia, foi assim que me senti, (...).* [247]

O narrador-autor acrescenta a Algor, como criador, uma característica importante neste caminho de análise que nos propomos traçar – baseando-nos em reflexões agostinianas - como forma de interpretação: ser um deus.

> *(...) toda gente sabe que o estado de espírito do criador não é o mesmo que o do destruidor, se eu pudesse começar (...) pela criação, de mais a mais na excelente disposição de ânimo em que me encontro, aceitaria com outra coragem a dura tarefa de ter de destruir os frutos do meu próprio trabalho, que é o mesmo que*

---

246 ADORNO, 1944, p. 117.

247 AC, p. 158.

> *destruídos não ter a quem vender, e, pior ainda, não achar quem os queira, mesmo dados*.[248]

E como um deus misericordioso, Algor deseja sua criacão plena de significação, perfeita, *(...) até à consumação do tempo e à improvável ressurreição dos restos(...)*[249], mas o tempo... os tempos são outros e as conseqüências vêm a galope. Sua obra deixa de existir.

A analogia com o ente humano como obra de uma possível transcendência, é inevitável. Se olharmos para o Deus de Agostinho, por exemplo, veremos que, em acordo com o texto bíblico, o homem é feitura de seu criador, criado a sua imagem e semelhança, um ser dotado de uma marca de origem, inalienável. Quando, contudo, este ser da razão desvia-se de seu Pai, esta marca, este selo de origem, esta "aura-valor" se despedaça, rui, e ele tem que amargar a angústia de viver para morrer, a angústia da consciência do "entre-lugar", do *Dasein*.

No tempo da pós-modernidade, quando vemos a água em vias de acabar, a terra a tornar-se um lugar cada vez mais quente, as enchentes e as chuvas como marcas certas de destruição, a violência, as doenças e a miséria crescendo assustadoramente e a tecnologia em avanço a passos descomunais[250], onde estaria a marca de razão humana se observarmos os frutos das ações do homem e esses frutos contraríam, em muitos aspectos, a perspectiva evolucionista? Onde estaria a beleza da criação, a característica, como chamou

---

248 AC, p. 125.
249 AC, p. 164.
250 Confirmar, em "os laudos", as referências.

Plotino, de imutabilidade herdada do “Criador”? Estaria plantada na utopia negativa das novidades estéticas? Na utilização de embriões para as grandes e extraordinárias descobertas nos variados campos da medicina genética... Onde? Por desprezo e por descaso, o “homem do futuro” descrito na narrativa d’A Caverna (aquele que “conseguiu” reconquistar, pela artificialidade de suas próprias ações e criações, todo o universo perdido por causa da falta de “cuidado”[251] com que tratou a Terra), não quer mais o homem, anseia o alheamento.

> *(...) mas há razões, se a procurarmos encontramo-las sempre, (...) mesmo não sendo certas, são os tempos que mudam, são os velhos que a cada hora envelhecem um dia, é o trabalho que deixou de ser o que havia sido, e nós que só podemos ser o que fomos, de repente percebemos que já não somos necessários no mundo, se é que alguma vez o tínhamos sido antes, mas acreditar que o éramos parecia bastante (...) e era de certa maneira eterno pelo tempo que a vida durasse, que é isso a eternidade, nada mais do que isso.* [252]

A regra da troca é regra geral. Válida para objetos e para “gentes”. Esta substituição, para a personagem Algor, configura, na narrativa, a não existência do próprio objeto. Da mesma forma para o narrador-autor que apontará, ao leitor, uma trajetória com um único fim: o “deixar de ser” do sujeito humano. A produção em série não gera opções, mas propostas para a estimulação do consumidor a fim

[251] Termo utilizado pelo filósofo Martim Heidegger ao definir o modo como o “ser-aí” é. Questão esclarecida em nota anterior.
[252] AC, p. 106.

de lhe manter o ego inflado, o que é próprio do sistema capitalista: o importante, então, é não ser.

> *(...) e perguntava-se se valeria a pena estar aqui a passar por esta vergonha, ser tratado como um inhenho, um coisa-nenhuma, e ainda por cima ter de reconhecer que a razão está do lado deles, que para o Centro não tem importância uns toscos pratos de barro vidrado ou uns ridículos bonecos (...), nenhuma importância, nada, zero. É isto o que somos para eles, zero*.[253]

Em *A Caverna* é explícita a sensação em Algor de se encontrar fora do lugar. O mesmo se dará com Marta ao mudar para o Centro e com Gacho ao perceber que não deseja que seus pais morem com ele porque na verdade não os têm no lugar que deveriam estar, no lugar de pais. O lugar das personagens se encontra comprometido pelas circunstâncias exteriores, assim como, em alguns momentos determinantes, também pelas circunstâncias interiores.

> *(...) não merecemos o pão que comemos, que somos incapazes de ver mais longe que a ponta do nosso nariz. Ali ficaram por mais de duas horas (...) quem sabe se à espera de que a rotação do mundo voltasse a pôr todas as coisas nos seus lugares, sem esquecer algumas que até agora ainda não conseguiram encontrar sítio*.[254]

A realidade do mundo pós-moderno ou a realidade submersa no virtual, perpassa, à percepção do protagonista, como algo ilusório ou como algo que estaria suspenso dele, algo indesejado, até que a lembrança, a memória de sua

---

253 AC, p. 99.
254 AC, p. 264.

companheira de trabalho, da mãe de sua filha amada, enfim, da esposa morta, lhe remove do coração o desejo de não mais viver. Contudo, mesmo à revelia de suas lembranças, Algor continua sendo um ser do desterro que, ao perder as expectativas futuras de continuar a ser útil a si mesmo e aos outros, observa a sua incompatibilidade com o "estar- no -mundo".

> *(...) passou-lhe pela cabeça, a Cipriano Algor, a ideia de que não fora só esta manhã a perder-se, que a obscena frase do subchefe havia feito desaparecer o que restava da realidade do mundo em que aprendera e se acostumara a viver, que a partir de hoje tudo seria pouco mais que aparência, ilusão, ausência de sentido, interrogações sem resposta. Dá vontade de atirar com a furgoneta contra o muro, pensou*. (...) *a memória atirou-lhe à cara o nome e o rosto da mulher falecida, (...)*.[255]

A questão da "divindade" ou da existência ou não de um Ser Supremo e superior ao homem, para o Centro é de menor importância. Na verdade, o Centro considera-se um deus. O deus-Centro tem características humanas como a dos deuses da mitologia grega: determina aqueles que devem ser premiados ou punidos, pode ser vingativo e sarcástico assim como bom e útil. Este deus é descrito como um

> *(...) perfeito distribuidor de bens materiais e espirituais (...) acabou de gerar de si mesmo e em si mesmo, por necessidade pura, algo que, ainda que isto possa chocar certas ortodoxias mais sensíveis, participa da natureza do divino, Também se distribuem lá bens espirituais, senhor, Sim, e nem pode imaginar até que ponto, os detractores do Centro, aliás cada vez menos numerosos e cada vez menos combativos, estão absolutamente cegos para o lado*

[255] AC, p. 241 e p. 242.

> *espiritual de nossa actividade, quando a verdade é que foi graças a ela que a vida pôde ganhar um novo sentido para milhões e milhões de pessoas que andavam por aí infelizes, frustradas, desamparadas, e isto, quer se queira quer não (...), não foi obra da matéria vil, mas de espírito sublime, (...).*[256]

Neste ponto da obra podemos averiguar e apontar a presença do Mal como um ser em substância. Este seria a transfiguração d'Aquele (ou talvez não do mesmo, e como sabê-lo?) que Agostinho afirmara ser, em substância, um Bem? O Mal real está para *A Caverna* como o Bem está para as obras de Santo Agostinho: lhes são intrínsecos.

Condensado ao niilismo saramaguiano, um princípio de "causa final" costura, às amarguras do oleiro decadente, uma arte desapropriada de sua "aura" a ser revelada a partir do mito platônico. Contudo, renitente, ainda que incapacitado de conduzir seu sonho diante da relatividade do tempo que há e da perda do estatuto de "sagrado" de sua arte, Cipriano Algor traz, na alma, uma balka[257] que lhe assegura uma esperança em algo que ele mesmo não sabe explicar.

Por isso, *A Caverna*, em segundo plano, prefigura também uma significação "real", ou melhor, apresenta ao leitor o mesmo sentido alegórico determinado por Platão. O mito surge como a caverna real do próprio mito, presente, fisicamente, no desenvolvimento final da narrativa. Será, para aquele que lê, que restará a constatação e a contemplação dramática (através das seis

---

256 AC, p. 292.

257 De acordo com a etimologia a palavra, balka seria a teia ou proteção que, em torneios de cavalaria, separava os campos dos adversários.

figuras encontradas na gruta no subsolo do Centro) da situação na qual os homens, todos os homens e todos os nomes, se encontram: os humanos estão mortos, como os restos do barro do oleiro, destituídos da existência e aprisionados às sombras da grande Caverna, a caverna que se transfigurou também em um produto... só um produto... mais um produto da caverna do tempo.

ILUSTRAÇÃO DO ROMANCE *A CAVERNA*[258]:

[258] Por Jacqueline Barros; montagem sobre Bosch e M. C. Escher.

3 – O Corpo:

Na leitura do conjunto dos romances escolhidos há, portanto, a nítida presença de uma ontologia[259] permeada pela História humana frente aos questionamentos mais simples como o do "Quem sou eu" até a visão da constituição das sombras, no lugar de uma possibilidade da luz, em acordo com a filosofia agostiniana cristã.

Suponhamos que todo o trajeto feito, por exemplo, do estágio pré-consciente do homem, quando sua produção reduzia-se apenas à inscrições em rochas, até o estágio do consciente com o aparecimento da escrita fosse, materialmente, *dejetado* da memória coletiva universal e passasse a ser tão somente uma vaga referência, daqui há dez, vinte, trinta anos, possível, quase lendária ou mítica da história real da humanidade?

> *A ilusão que temos ainda (...) - inclusive a ilusão de nos "abrirmos ao virtual" como uma extensão real de todos os possíveis – é a ilusão da mosca que recua incansavelmente para melhor chocar-se de novo contra o vidro. Porque cremos ainda na realidade do*

[259] A palavra ontologia foi o que Aristóteles denominou como "filosofia primeira" e que, depois, passou a se chamar "metafísica"; ou seja, o significado do "ser como ser" ou do "ente enquanto ente". Marilena Chauí dirá que a *ontologia* refere-se aos entes tomados como objetos de conhecimento, entes que podem corresponder à diferentes estruturas ônticas, como, por exemplo, a estrutura onde habitam os valores (a verdade, o bom, o mau, etc) ou os entes metafísicos (o nada, a morte, a alteridade, a identidade, etc). In: CHAUÍ, 1995, p. 239.

> *virtual, enquanto este já virtualmente eliminou todas as pistas do pensamento.*[260]

Saramago anteviu a consciência humana fraturada em essência como um detrito, subjugada a um "todo-nada" que não mais se esconde ou se manifesta nesta era do "pós", simplesmente inexiste. Encontra-se desconectada. O homem teria apenas um deus capitalista, individualista; um deus-homem caído. Este homem, num intuito de ser o poema de si de modo a desempenhar o papel de senhor do tempo, encontra-se, na verdade, de acordo com Saramago, no momento mais obscuro de todos; momento em que as sombras do tempo extra-humano cogita-se dominar através de sensores eletrônicos e computadores, e a possibilidade de luz, ou de valor, do intra-humano, descarta-se. Tempo de características barrocas, tempo angustiadamente efêmero e existencialmente em conflito. A ausência de valores creditáveis, ou de invenções - como diria Saramago - positivas ao ente humano, alteraram, certamente, a evolução humana transmutando-a em "involução".

As questões do ser e do não ser, do existir ou não existir – questões desenvolvidas sarcasticamente por Saramago - no tempo real vivido, ou fantástico são observadas a partir do fato do homem dever exercer a autoridade da qual dispõe desde o início dos tempos: autoridade para fazer nascer ou morrer. Em Saramago, podemos destacar a presença de um Deus que contrasta com o Deus de Agostinho. É o Deus caído e o homem o ser da queda. O tal Deus, para Saramago, permitiu à criatura um livre-arbítrio falsificado, ou seja, uma

---

260 BAUDRILLARD, 1997, p. 72.

possibilidade de ser sem que o homem soubesse que na verdade nunca saberia optar por ser no Bem.

Materializado no homem, o deus não aparece como divindade neste cenário. Poderíamos explicar deste modo: em José Saramago, a partir do *pecado*[261] do homem, Deus descobriu que não é, e, nesta descoberta, enxergou Sua existência imperfeita, enfim, Seu ser imerso num "quase absoluto" existir e não mais num existir absoluto. Deste modo, sendo o homem a imagem e semelhança deste Ser, o reflexo divino do Ser cai sobre o ente humano - criatura alheia ao criador, à criação e ao Sumo Bem. A criatura, deste modo, toma o lugar do criador, o cientificismo e o evolucionismo (este, às avessas) elevam-no ao patamar de divindade sobre a terra, ao mesmo tempo que o descaracterizam como ente iluminado pela razão quando o expõe subvertido às "coisas" por ele mesmo criadas.

Vivendo Deus o ser no "mal ser", por conta de sua criatura-homem ter se tornado seu maior erro ao fazer o Mal existir em substância, instaura-se o mundo das sombras, ou melhor, a ausência do Bem impera no vazio da existência humana.

A redenção possível para Deus só poderá se realizar a partir da criatura- homem, pecado de Deus, para o próprio Deus. O homem, então, seria a própria encarnação divina. O ser da reflexão, o ser que "cisma", aquele que preserva em si a consciência saudosa de um Deus não decaído, de um "paraíso

---

[261] Pecado: do latim *"peccatum"* significa, teologicamente, transgressão deliberada e consciente das leis estabelecidas por Deus. O pecado, na teologia judaico-cristã, nasceu da queda do homem, quando Adão e Eva foram expulsos do paraíso e da presença de Deus perdendo a imortalidade física. In: ANDRADE, 1996.

perdido", antes do pecado original. Estas são características do homem de José Saramago fortalecidas, ainda, por uma perspectiva ascendente, ou seja, é o homem criando Deus a partir de si mesmo, enfraquecendo-se por destruir-se como deus-imagem, como criatura e como criador.

A saudade deste Deus perfeito no homem, ou melhor, da figura harmônica da sinfonia de Deus no homem e de sua essência, confirma, nos textos do escritor, o *Dasein* - o existir consciente do mundo na direção do transcendente, ou numa perpectiva agostiniana anterior à queda. Será, certamente, a consciência que determinará neste ser a sua existência, o seu tempo, pois o *Dasein* além de representar a convicção da finitude, pode salientar a convicção saudosa deste "Deus" no homem, ou a possibilidade de uma transcendência que lhe "remonte" uma divindade. Observamos a presença da concepção filosófica do homem que tem o domínio do mundo e de si, que pastoreia a si mesmo mas que reconhece, pela razão em seu processo existencial, sua finitude, seu *fatum* para a morte e, deste modo, seu desejo de ser eterno.

Assim, a existência do homem diferencia-se de qualquer outra existência pela presença, inquestionável e decisiva, do fator exceção: o pensamento. Contudo, o homem saramaguiano deixa-se pastorear pelas forças externas, pelo que vê e produz aceleradamente, pela força estarrecedora da "tela sedutora" do mundo imaginado por seus olhos e por sua inteligência, ao mesmo tempo que se apresenta alheio, desatento da vida sensível, próximo demais daquilo que se associa com a magia da produção genética ou eletrônica e o desiguala do seu "próximo" numa trajetória com o fim de não produzir

solidariedade, ou de amar e de ser amado, mesmo que os conceitos da pós-modernidade apregoem exatamente o contrário a partir da concepção de "comunidades".

Seu tempo, o tempo humano, abreviou-se como tempo histórico, porque impessoalizou-se, individualizou-se através dos sons digitais, dos ruídos, das sensações programadas, das drogas "lícitas", dos veículos de comunicação em massa, enfim, de toda uma estrutura de artifícios (ou artificial) que promoveria a banalização de toda e qualquer tentativa ou possibilidade de "re-humanização" ou rearrumação do caos no mundo: seria, enfim, a virtualização da essência da existência humana, promovendo a sacralização do D*asein* desviado do seu verdadeiro sentido, realizando, portanto, o desvinculamento do ser da capacidade do pensamento, sua marca diferencial.

> *Mas que, como os mortos, como as mulheres, como as massas, como o objeto, como todas as categorias expulsas da razão dominante, conserva todos os meios de vingar-se e de pôr aos donos da realidade um problema insolúvel.*[262]

As conseqüências de tais processos se iniciam no empobrecimento dos relacionamentos, superficializando-os, e terminam na extinção do homem como integrante de um processo de formação social e histórica. E não terminaríamos nunca de procurar as raízes da corrupção do modo, da ordem e da espécie, como classifica Agostinho como sendo os princípios inegáveis e inegociáveis do Bem.

---

[262] BAUDRILLARD, 1997, p. 70.

> *E não terminaríamos nunca de procurar as raízes da corrupção Insondável, esta é sem dúvida consubstancial ao funcionamento social.(...) Ora, o espetáculo da corrupção é uma função vital da democracia: função de divertimento, função pedagógica, função catártica. Mas não desperta amargura profunda, ou então a revolta se faria ouvir em permanência. A corrupção não desperta, no fundo, indignação coletiva (mas claro é cuidadosamente filtrada pela mídia), (...). No fundo, ninguém acredita na democracia. Todo mundo sabe obscuramente que qualquer sistema funciona na negação de seus próprios princípios, transgredindo as próprias regras. E essa resignação quanto aos princípios alimenta um consenso vergonhoso sobre a regra do jogo escondida, imoral, desta sociedade.*[263]

O homem perdeu-se no vazio do artifício e da técnica, na mecanização de sua alma, no seu descontrole e despreparo frente a sua imagem, frente ao outro, seu igual e diferente. É o homem entrando em colapso em sua humanidade porque fez nascer o Mal, porque a saudade metafísica de José Saramago não é concebida de uma fantasia, de uma visão profética ou de um sonho, mas parte de uma angústia em relação aos descaminhos, por ele flagrados e constatados, nos passos do homem sobre a terra.

Ele anuncia o "mal-ser", o ser contraditório, o ser em conflito e à procura de si. E mais do que uma procura de si, na atualidade, como indivíduo português, por desejo ou não, vinculado à história de seus antepassados e de sua pátria, Portugal, José Saramago persegue o homem que se encontra para além daquilo que poderíamos chamar de "perdido". O homem que está, definitivamente, absorvido pelo *"não-ser",* pela "caixa preta" desafiadora e monstruosa de um futuro que jamais vislumbrará dentro de uma perspectiva histórica, porque este

[263] BAUDRILLARD, 1997, p. 113 e p. 114.

homem apenas realiza sua genialidade para “fora de si” em formas inventivas. Tudo é criação para fora do ser, da essência. Sua força física e, principalmente, intelectual, mantém o controle sobre a imagem de si e do outro, não importando o que está intrínseco, oculto, adoecido, “amargado” ou fraturado pelo tempo e pela vida, mas o que paira à superfície, quantificando as diferenças e intensificando, cada vez mais, um poder que se manifesta em todas as instâncias e a partir de qualquer nível hierárquico.

Deste modo, a escritura saramaguiana ainda busca contar - em parte de sua expressão escrita - com a influência de cientistas da microfísica na defesa pelo “princípio da incerteza” do qual a lógica dominante é aquela do princípio incerto, onde tudo é e não é; onde as “partículas” podem ondular ou encrespar; onde o observador interfere no objeto/coisa observado. O tempo é e não é, o ser é e não é, se partimos da premissa de que há, sempre, uma força oculta nas personagens observadas e inseridas nestes romances, força, esta, impossível de ser definida em função do Bem. Esta impossibilidade de definição ou sua sempre coesa sugestão, atende a um conhecimento concebido não como algo objetivo para o autor, mas como algo a realizar-se em perspectivas, a medida em que lemos e em cadeias compomos a visão do homem saramaguiano: um ser decaído, sem realidade, sem verdades, sem liberdade, ou seja, alheio do Dasein e vivendo um tempo Mal.

José Saramago constitui, nos homens dos romances, o desvelamento do Mal natural, através da distinção filosófica agostiniana. O ser humano é um ser em

"ekxistência"[264], ou seja, o homem não existe para sempre, mas está à caminho, no que podemos chamar "em exodus". Portanto, o homem é e sempre será um insatisfeito, um ser em busca do acabamento, da plenitude perdida. Assim, o tempo do homem em José Saramago é fragmentado, pois o ser vai sendo num crescente para a morte, ou seja, o homem caminha para um "deixar de ser". O futuro e o passado metafísicos representam esta vontade de desintegração, de desunião com o Todo. Mas, ainda que velada, na mensagem subliminar das entrelinhas, o narrador-autor faz um alerta para a necessidade de uma busca da unidade perdida com o Bem, em acordo com o sentido ontológico do Dasein, como afirmaria Santo Agostinho. Há a total consciência do "paraíso perdido" e, por isso, o desejo marca, em José Saramago, encontros com o sentido do ser construindo caminhos de espanto, de mágoa e de dor, perpassado por metáforas e alegorias para "carnavalizar" o homem e sua solidão do Deus.

Como num ciclo sem fim, ou como se prefigurasse a ondulação do DNA, o homem carrega um "não-saber", como aquele que permanece sempre no meio do ciclo. Poderíamos argumentar que, nas entrelinhas, o narrador-autor dá um grito na ânsia pelo dia do juízo? Mas que juízo seria este? O juízo da própria terra, do imanente, a cobrança e o clamor dos que já foram, mas que pertencem à memória embaçada da História humana, o juízo oferecido pela desilusão e pela solidão humana, o juízo destemido ofertado pelo tempo que não pára declarando,

---

[264] A palavra existência vem de "ekxistir". O prefixo latino "ek" significa *a partir de, lugar de onde, em movimento de sair de si, fazer caminho* - observação do Professor Dr. Jorge Coutinho no minicurso *O Pensamento da saudade* na Universidade Federal Fluminense, 1999.

Enquanto derivada do vocábulo latino *existentia,* a palavra "existência" significa "o que está aí", o que "está fora" _ *exsistit.* Algo existe porque está na coisa, *in re;* a existência neste sentido é equiparável à realidade . In: MORA, 1996, p. 254-256.

através dos intermináveis avanços, que o homem está quebrado e que o que importa, de fato, é o Bem? Nas personagens de José Saramago, há o anseio de voltar a pastorear-se, de "estar-no-mundo" sendo o sujeito que busca um sentido para a existência humana e cósmica para além do que é físico ou temporal, sem, no entanto, fazer qualquer alusão ao divino e até mesmo negando-o.

Em José Saramago há, sempre, um pensamento mais sugestivo que conclusivo. O que se está para dizer, em sua obra de arte, é a grande riqueza para a interpretação do leitor. O escritor José Saramago está entre o Deus morto nietzschiniano e, talvez, a sua necessidade pessoal e vital de um homem-Deus que devolva a consciência lúcida para o restabelecimento do Universo - do cosmos - sob o domínio humano organizado e não sob o domínio de "coisas" criadas. É descrente e racional, repousando seus olhos agudos e perceptivos na razão "incerta" da não existência de um Deus, Todo Poderoso e Criador. Mas, como toda negação, diria Machado de Assis, é ainda uma afirmação, há, em José Saramago, portanto, uma clara reclamação, um óbvio clamor por respostas (comum a todo ente humano) para a sua existência pessoal e coletiva, fruto da vontade-desejo de um Deus e de uma quase saudade (não nostalgia!) do desconhecido. Como um inconformado com o tempo e as circunstâncias, o autor, na voz do narrador-autor, onisciente e intruso, permanece afirmando, ainda que implicitamente, a transcendência.

Como filho da "virada do século", seus romances manifestam a crença e a descrença seguindo uma tradição Ocidental, quando se utiliza de princípios bíblicos cristãos contaminados pelo tom da ironia e do sarcasmo, além de dúvidas

típicas de um ateu quase espiritualista, marcado pela religiosidade portuguesa e pela velocidade do homem moderno que ele mesmo se tornou. José Saramago, no entanto, parece não querer cumprir o *fatum* profético e sagrado de Portugal renegando o "acalentar" da imagem dos grandes homens, descobridores, desbravadores. Seus homens representam ordinaridades e desvios, como entes humanos que, de fato, são. Através de uma prosa desestabilizadora da imagem da pátria portuguesa tornando-a, tantas vezes, ultrapassada e fria pela forma como enuncia o tempo nas narrativas e pela caracterização de suas personagens, José Saramago quer desvelar o ente universal, o homem e seu "estar-*em"* [265] buscando desvincular a vida que este homem produz no hoje de sua capacidade de ser o ser do pensamento, neste tempo do "pós" [266].

José Saramago tece, em sua trilogia de sombras, uma mesma metáfora paradoxal à redenção, um chamamento idílico com sabor de culpa e vingança; escreve suas prosas a fim de desatar o nó górdio da ontologia, o mesmo nó, talvez, que afligia Santo Agostinho, ou seja, Saramago deseja desatar os nós dos porquês humanos, projetando nos romances uma verdade ansiada como verdade aurática, mas encoberta pelas sombras do Mal.

---

[265] Este representa ou se configura na aposta do lugar *(Ort)*, mostrado pelo filósofo Kant, para "introduzir o conceito de *lugar transcendental*." Para Kant, o lugar transcendental é aquele que irá preencher uma conceituação dentro da sensibilidade ou do entendimento puro do ente humano. Em acordo com o pensamento heideggeriano, o "estar-em" estaria aproximado "ser-aí".

[266] Mais uma vez, cremos que as provas práticas da existência deste homem podemos observar em "Os laudos", os anexos.

4 – Os laudos (fragmentos):

1 – ÉTICA:

1.1- Anexo 1 e 2 .
1.2- Anexo 3 e 4.
1.3- Anexo 5.
1.4- Anexo 6.
1.5- Anexo 7.
1.6- Anexo 8.

2 – ESTÉTICA, MÍDIA E COMSUMO:

2.1- Anexo 8 e 9.
2.2- Anexo 10 e 11 .
2.3- Anexo 12.
2.4- Anexo 13 e 14.
2.5- Anexo 15.
2.6- Anexo 16.
2.7- Anexo 17.
2.8- Anexo 18.

3 – FÉ E FILOSOFIA:

3.1- Anexo 19.
3.2- Anexo 20.
3.3- Anexo 21.
3.4- Anexo 22 (a) e (b) .
3.5- Anexo 23 (a) e (b) .
3.6- Anexo 24.
3.7- Anexo 25.

Espírito dos laudos (consulta):

- Jornal *O globo*, 2000, 2002, 2005 e 2007.
- *Jornal do Brasil,* 1994.
- Revista *Veja*, outubro/novembro, 2006.
- Revista *Galileu,* janeiro, 2007.

1.1 - ANEXOS 1 e 2[267]:

1.2 - ANEXOS 3 e 4[268]:

[267] 1- BETTO, Frei. "Para que serve a educação escolar?". In: *O Globo*, 11/02/2007. 2- CARVALHO, Olavo de. "A ética da baixeza". In: *O Globo*, 24/06/2000.

[268] In: *O Globo*, 25/03/2007.

1.3 - ANEXOS 5 (1 e 2)[269]:

[269] 1- BRÍGIDO,Carolina. “O início da vida na justiça”. In: *O Globo*, 08/4/2007. 2 - JANSEN, Roberta. “Decisão é mais legal do que científica”. In: *O Glob*o, 08/04/2007

1.4 – ANEXO 6[270]:

[270] MAUAD, João Luiz. “ Uma questão de bom senso”.In: *O Globo*, 25/03/2007.

1.5 – ANEXO 7[271]:

[271] MOHERDAUI, Bel. "Seremos todos *cyborgs*." In: *Revista Veja*, 15/11/2006. Entrevista com o cientista americano Raymond Kurzweil sobre a união, de homens e máquinas, de modo literal.

1.6 – ANEXO 8[272]:

2.1- ANEXOS 9[273] e 10[274]:

[272] SCHELP, Diogo. “A vingança de Gaia”. In: Revista Veja, 26/10/2006. Entrevista com o cientista inglês James Lovelock sobre o aquecimento global.

[273] 1- CAMPOS, Paulo Mendes. “Vasto Hospital”. In: *Jornal do Brasil*, 1994.

[274] 2- In: *O Globo*, 06/ 05/2007.

2.2 - ANEXOS 11[275]:

[275] 1- BUARQUE, Cristovam. “Bloco Jovem”. In: *O Globo*, 12/05/2007. 2- VENTURA, Zuenir. “ Fé ou Afeto”. In: *O Globo*, 12/05/2007.

2.3 - ANEXOS 12[276]:

[276] In: *O Globo*, “Economia”, p. 35, 18/03/2007 .

2.4 - ANEXOS 13[277]:

[277] 1- “Encarte”. In: *O Globo*, 6/05/2007. 2- “O País”.In: *O Globo*, 15/04/2007, p.16.

2.5 - ANEXOS 14 e 15[278]:

[278] Revista *O Globo*, "Capa", 6/05/2007.

2.6 – Anexo 16[279]:

[279] Revista *O Globo*, “Capa”, 6/05/2007. (consta, entre parênteses, citação à foto que não foi colocada)

2.7 – ANEXO 17[280]:

[280] BERLINCK, Deborah. “Após 12 anos, um adeus amargo para Chirac”. In: *O Globo*, 06/05/2007.

2.8 – ANEXO 18[281]:

3.1 - ANEXOS 19[282]:

[281] ORSINI, Bety. "A não-morte anunciada de Victor Arruda". In: *O Globo*, 2007.

[282] VERÍSSIMO. “Nosso Espaço”(a) e “O tempo brasileiro”(b).In: O Globo, 6/05/2007, p.7 e 25/03/2007, p. 7.

3.2 – ANEXO 20[283]:

3.3 - ANEXOS 21[284]:

[283] OLIVEIRA, Rosiska Darcy. " Há vida fora da servidão". In: *O Globo*, 2007.

[284] 1- "Novos Olhares – fragmentos de lembranças ajudam a construir o futuro". In: *O Globo*, 2007. 2- Segundo Caderno, p. 4, lançamento da obra *A Caverna* de José Saramago. In: *O Globo*, 11/11/2000.

3.4 - ANEXO 22a[285]:

[285] MIRANDA, Mário de França. “Ecos da Ressurreição”.In: *O Globo*, 2005.

3.4 - ANEXO 22b[286]:

[286] BARROS, Gilda Naécia. "Felicidade, fim superior a todos os demais". In: *O Globo*, "Prosa e Verso", p. 3, 21/12/2002. Apresentação do livro de Márcio Petrocelli, *O Problema da felicidade em Aristóteles*.

3.5 - ANEXO 23a[287]:

[287] TOGNOLLI, Claudio Júlio. *O evangelho dos novos ateus: em contrapartida ao fundamentalismo cristão que assola o Ocidente, um grupo de cientistas ergue a bandeira da fé cega na ciência. Eis o seu credo.* In: *Galileu*, janeiro de 2007.

3.5- ANEXO 23b:

3.6 - ANEXO 24[288]:

[288] 1- AGGEGE, Soraya. “As petencostais p rometem prosperidade” e “Guerra Santa à brasileira: com paz e “jeitinho”. In: *O Globo*, 15/04/2007. 2 - “Radiografia da fé no Brasil”. In:*O Globo*, 2007, “Encarte”.

3.7 – ANEXO 25[289]:

[289] 1- COSTA, Florência. “Exílio e resistência no Himalaia”. In: *O Globo*, 18/03/2007, p. 36. 2- OTAVIO, Chico. “Desafios da fé”. In: *O Globo*, 2007, “Encarte”. 3- MENEZES, Maiá. “Uma Doutrina em Metamorfose”.In: *O Globo*, 2007, “Encarte”.

5 - O Espírito:

ADORNO, Theodor. “A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas.” In: ADORNO, T. e HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*, 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1944, p. 56-113.

------. *Prismas: crítica cultural e sociedade*. São Paulo: Ática, 2001.

------. *Teoria estética*. [Tradução Artur Morão]. São Paulo: Martins Fontes, 1970.

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. 4ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

-------. *A Cidade de Deus* (I e II). São Paulo: Ed. Das Américas, 1961.

--------. *Trindade.* [Tradução Agustinho Belmonte] – 3a ed., São Paulo: Paulus, 2005.

--------. *O Livre-arbítrio.* [Tradução Nair de Assis Oliveira] – 4a ed., São Paulo: Paulus, 2004.

--------. *A Natureza do Bem.* [Tradução Carlos Ancêde Nougué] – 2a ed., Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2006.

ALMEIDA, João Ferreira [Tradução]. *Bíblia Sagrada*. 2ª ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

ANDRADE. *Dicionário Teológico, com definições etimológicas e locuções latinas*. São Paulo, 1996.

BARTHES, Roland. *O rumor da língua.* São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BAUDRILLARD, Jean. *Senhas*. [Tradução: Maria Helena Kuhner] Rio de Janeiro: DIFEL, 2001.

------. *A troca simbólica e a morte* [Tradução de João Gama]. Lisboa: Ed. 70, Lda, 1976.

-------. A *ilusão do fim ou a greve dos acontecimentos.*[Tradução Manuela Torres]. Lisboa: Terramar, 1992.

BECKETT, Samuel. *Wainting for Godot*. New York: Grove Press, 1954.

BENJAMIN, Walter. “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”. In: BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.* 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 165 a 196.

------. *Documentos de Cultura, Documentos de Barbárie: escritos escolhidos*.

[Trad. Celeste H. M. de Sousa/ et al./]. São Paulo: Cultrix, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1986.

BERARDINELLI, Cleonice. “Pela mão do narrador”. In: *Boletim do SEPESP*, Rio de Janeiro: Fl/ UFRJ, [s.d.], v. 4.

BESSIÈRE, Irène. *Le récit fantastique, la poétique de l'incertain.* Canadá: Librairie Larousse, 1974, p. 5 a p. 114.

BÍBLIA SAGRADA. [Tradução revista e atualizada João Ferreira de Almeida] – 2a. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BORNHEIM, Gerd. “Invenção do Novo”, artigo publicado em 1992, p.103 a p. 117.

BOSI, Alfredo. *O Ser e o Tempo da poesia*. São Paulo: Cultrix, 1990.

BROWN, Peter. *Santo Agostinho, uma biografia*. [Tradução Vera Ribeiro] – 3a ed., Rio de Janeiro: Record, 2005.

CARNEIRO LEÃO, Emanuel. “ A Hermenêutica do mito”. In: *Revista Brasileira de Filosofia*. São Paulo, 18 (72): 391 – 450, outubro/dezembro, 1968.

CERDEIRA, Teresa Cristina. *O avesso do bordado; ensaios de literatura.* Lisboa: Caminho, 2000.

CHALITA, Gabriel. *Os dez mandamentos da ética.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ed. Ática, 1995.

COELHO, Teixeira. *O que é Indústria Cultural.* São Paulo: Brasiliense,1993.

Dicionário Contemporâneo de Língua Portuguesa, vol. II, 1958, p. 1864.

DOS SANTOS, Jair Ferreira. *O que é Pós-Moderno* – 4a. ed., São Paulo: Editora Brasiliense S.A, 1995.

EAGLETON, T. *A ideologia da estética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

ENCICLOPÉDIA UNIVERSAL. [Organização José Francisco Moreira]. São Paulo: Ed. Pedagógica brasileira, 1969.

FICHER, Ernest. *A Necessidade da Arte*.[Tradução Leandro Konder] – 3a ed.- Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1971.

GARCIA – ROZA, Luiz Alfredo. *Palavra e Verdade na filosofia antiga e na psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

GRENZ, Stanley J. *Pós-Modernismo, um guia para entender a filosofia do nosso tempo* [Trad. Antivan G. Mendes] São Paulo: Vida Nova, 1997.

HANSEN, João Adolfo. *Alegoria; construção e interpretação da metáfora.* São Paulo: Atual, 1986, p. 1 a p. 11.

HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna*. [Trad. Adail S. e Maria Stela. G.] São Paulo: Edições Loyola, 1992.

HEIDEGGER, Martim. *Introdução à Metafísica*. [Trad. Emmanuel C. Leão] Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1969.

----------. *Ser e Tempo* (I e II).[Tradução Márcia de Sá Cavalcante] – 6a ed., Rio de Janeiro: Editora Vozes, Petrópolis, 1986.

----------. *O que é uma coisa*. [Tradução Carlos Morujão] Rio de Janeiro: Edições 70, 1987.

HUTCHEON, Linda. *Poética do Pós-Modernismo: história, teoria, ficção.*[Tradução Ricardo Cruz]. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.

JOBIM, José Luís. *Formas da Teoria: sentidos, conceitos e campos de força nos estudos literários.* Rio de Janeiro: Caetés, 2002.

KAPLAN, E. Ann. *O Mal-estar no pós-modernismo – teorias e práticas*. [Trad. Vera Ribeiro] Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

KONDER, Leandro. *O que é Dialética.* São Paulo: Brasiliense, 2000.

LALAU. *Uma cor, duas cores, todas elas*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1997.

LEITE, Lígia Chiappini Moraes. *O Foco Narrativo.* São Paulo: Ática, 1985.

LIMA, Elionaldo Renovato. *Ética Cristã, confrontando as questões morais do nosso tempo.* Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

LISPECTOR, Clarice. *A Hora da Estrela.* - 22o ed. -, Rio de Janeiro: Francisco Allves, 1993.

LUKÁCS, Georg. *A teoria do Romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica* [Trad. José Marcos M. de Macedo] São Paulo: Duas Cidades, Ed. 34, 2000.

LYOTARD, Jean – François. *A Condição Pós-Moderna.* [Tradução José Bragança de Miranda] Lisboa: Gradiva, 1989.

MARCHIONNI, Antonio. *Deus e o Homem na História dos Saberes*. São Paulo: LTr, 1997.

MARCONDES, Danilo. *Textos básicos de Filosofia dos Pré-socráticos a Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

MERQUIOR, José Guilherme. *O fantasma romântico e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Vozes, 1980.

MORA, Ferrater. *Dicionário de Filosofia*, 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

NIETZSCHE, Friedrich. *O Nascimento da Tragédia ou Helenismo e Pessimismo* [Trad. J. Guinburg] São Paulo: Companhia da Letras, 1992.

---------. *A Genealogia da Moral.* [Tradução Antonio Carlos Braga] – 2a ed., São Paulo: Editora Escala, 2007.

---------. *O Anticristo*.[Tradução Pietro Nassetti]. São Paulo: Ed. Martins Claret Ltda, 2005.

---------. *Além do Bem e do Mal*. [Tradução Heloisa da Graça Burati]. São Paulo: Rideel, 2005.

NOVAES, Adauto. *Tempo e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

OLIVEIRA, Maria Lúcia W. “Entre o barro e a vida, a alegoria agridoce de *A Caverna*”. Trabalho apresentado no Congresso da ABRAPLIP, Santa Catarina, 2001.

PADILHA, Laura Cavalcante. *Novos Pactos: ensaios sobre literaturas afro-luso-brasileiras*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

PEIXOTO, Dinah Terra. *Caderno de Teoria da Literatura*. Rio de Janeiro: Niterói, 1988.

PESSOA, Fernando. *A Voz do Silêncio e outros fragmentos extraídos do Livro dos Preceitos Áureos.*[Traduzido para o inglês e anotado por Helena Blavatsky] 2a versão portuguesa. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1972.

PINTO, Paulo Roberto Margutti. I*niciação ao Silêncio: uma análise do Tractatus de Wittgenstein como forma de argumentação.* São Paulo: Edições Loyola, 1998.

PLATÃO. *Diálogos III: A República* [Tradução Leonel Vallandro] Rio de Janeiro: Edições de ouro, 1987.

REFOULÉ, François, LAURET, Bernard. *Iniciação à prática da Teologia, tomo I: introdução.* São Paulo: Edições Loyola, 1992.

RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa* – Tomos I e II [Tradução Constança M. César]. São Paulo: Papirus, 1994 (a e b).

RUSS, Jacqueline. *Os Conceitos, os filósofos, 1850 citações*. São Paulo: Ed. Scipione, 1991.

SARAMAGO, José. *Todos os Nomes.* São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

------. *A Caverna*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

------. *O Homem Duplicado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SENNETT, Richard. *O declínio do Homem Público, as tiranias da intimidade*. [Tradução Lygia A. Watanabe]. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

TODOROV, Tzvetan. *Os gêneros do discurso*. [Tradução Elisa Angotti Kossovitch]. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

TOLSTOI, Leon. *O que é arte?* [Tradução Bete Torii]. São Paulo: Ediouro, 2002.

VALLS, Álvaro L. M. *O que é ética*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

VAZ, Henrique C. De Lima. *Escritos de Filosofia VI: Ontologia e História*. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

6 – As Marcas (resumo):

A presente tese objetiva inventariar e investigar as proposições textuais nas narrativas observadas dos romances *Todos os Nomes*, *O Homem duplicado* e *A Caverna* do autor, José Saramago, a partir da concepção agostiniana de Bem.

A análise, para tanto, se efetivará partindo-se das aporias das sombras, sombras estas arregimentadas pelo narrador-autor, a saber:

1. – O ente humano está na dualidade e a dualidade é simulacro porque o homem veste a burca do Mal real vivendo nas sombras, ou seja, encontra-se fora do contexto do Bem, e não pode olhar para a luz; se olhá-la morre, porque deixou de ser sujeito, deixou "coisificar-se" tornando um objeto pensado e não mais o sujeito pensante;
2. – O pensamento humano, deste modo, transformou-se em mais uma forma hiper-real do *fazer* e do *agir* humanos, porque a verdade com a liberdade formam paradoxos desnecessários à contemporaneidade (são relativos) fortalecendo o colapso da subjetividade humana, ou melhor, a perda da

"aura-valor" ou daquilo que Santo Agostinho denominou de Bem em essência.

3. - A modernidade ou pós-modernidade revela um "novo" , o tempo do virtual, do hiper-real (a saturação de toda verdade) que se traduz em utopia negativa, ou melhor, numa necessidade de redenção que, ao invés de anunciar um recomeço, prenuncia um fim porque o ente humano habita as sombras, habita esta virtualidade, habita a era das não-verdades.

Num tempo onde o quadro de Vincent Van Gogh vira comercial de TV e a violência, no vídeo e nas ruas, é exposta demais e a mídia assim como a moda sustentam a estrutura de formação emocional do homem, encontramos um escritor, José Saramago, que denuncia que o Todo, o Nada, os deuses e o Deus, o Bem e o Mal, os mitos e os sonhos, as palavras e as coisas são invenções humanas, invenções criadas quando a necessidade se fez ou se faz presente, invenções para todos os homens e de todos eles, com nomes, sobrenomes ou indigentes, seres que formam composições frágeis de um tempo que, em círculos, como num espiral, esperam um fim.

Nas narrativas, como se sabe, em todas elas, há sempre um ponto final neste grande espiral "contado", ponto que o narrador-autor decide a hora de dar, ponto a partir do qual o leitor, também, decide imprimir ou não uma significação. Mas... seria, a morte, também uma invenção passível de um ponto final?

PALAVRAS-CHAVES: romance contemporâneo português; Santo Agostinho; José Saramago.

6 – Las Marcas:

La presente tesis tiene por objeto inventariar e investigar las proposiciones textuales em las narrativas observadas en las novelas *Todos os Nomes*, *O Homem duplicado* e *A Caverna,* del autor José Saramago, a partir de la concepción agustiniana del Bien.

El análisis, para tanto, se llevará a cabo partiéndose de las aporías de las sombras, sombras éstas reclutadas por el narrador-autor, a saber:

1 – El ente humano está em la dualidad y la dualidad és simulacro porque el hombre se pone la ropa del Mal viviendo em las sombras, es decir, se encuentra fuera del contexto del Bien, y no puede mirar la luz, como em el mito platónico; si la mira, se muere, porque há dejado de ser sujeto, há dejado "volverse cosa", tornándose un objeto pensado y no más el sujeto pensante;

2 – El pensamiento humano, de este modo, se ha transformado en más una forma hiper-real del *hacer* y del *actuar* humanos, porque la verdad con la liberdad forman paradojas innecesarias a la contemporaneidad (son relativas) fortaleciendo el colapso de la subjetividad humana, mejor dicho, la pérdida del "aura-valor" o de lo que denominó San Agustin Bien en esencia.

3 - La modernidad o posmodernidad revela un "nuevo", el tiempo de lo virtual, de lo hiper-real (la saturación de toda verdad) que se traduce en utopía negativa, o sea, em uma necesidad de redención que, en lugar de anunciar una reanudación, predice un final porque el ente humano habita las sombras, habita esta virtualidad, habita la era de las no-verdades.

Em un tiempo en que el lienzo de Vincent Van Gogh se convierte en anuncio publicitario de televisió y la violencia, em la pantalla y em las calles, se expone demasiado y los medios de comunicación tanto como la moda sostienen la estructura de formación emocional del hombre, encontramos a un escritor, José Saramago, que denuncia que el Todo, la Nada, los deuses y el Dios, el Bien y el Mal, los mitos y los sueños, las palabras y las cosas son invenciones humanas, invenciones creadas cuando la necessidad se há hecho o se hace presente, invenciones para todos los hombres y de todos ellos, com nombres, apellidos o

indigentes, seres que forman composiciones frágiles de un tiempo que, en círculos como em una espiral, esperan un fin. Em las narrativas, como se sabe, en todas ellas hay siempre un punto final en el gran espiral "contada", punto que el narrador-autor decide cuando dar, punto a partir del que el lector, también, decide imprimir o no uma significación. Pero... sería la muerte un invento pasiblevel de un punto final?

***PALABRAS-LLAVES**:* romance contemporáneo portugués: San Agustín: José Saramago.

***Observações**:*

*Fazem parte deste trabalho imagens (p.72, p. 127, p.194, p. 214, p. 227) e textos de revistas e jornais - na parte especificada como **Anexo** - que no Cd não*

puderam ser incluídas. Portanto, faz-se necessária a observação do texto impresso.

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo